

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

Melissa Regina Schröder

**JORNALISMO E FÉ:
Os sentidos sobre religião na revista Superinteressante**

Porto Alegre

2015

Melissa Regina Schröder

JORNALISMO E FÉ:

Os sentidos sobre religião na revista Superinteressante

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dra. Marcia Benetti

Coorientadora: Prof^a. Ms. Gisele Dotto Reginato

Porto Alegre

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Schröder, Melissa Regina
Jornalismo e fé: os sentidos sobre religião na
revista Superinteressante / Melissa Regina Schröder. -
- 2015.
171 f.

Orientadora: Marcia Benetti. Coorientadora: Gisele Dotto
Reginato.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação
Social: Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Jornalismo. 2. Revista. 3. Religião. 4. Discurso. 5.
Superinteressante. I. Benetti, Marcia, orient. II. Dotto Reginato, Gisele,
coorient. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento, para avaliação e defesa pública, do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado “Jornalismo e fé: os sentidos sobre religião na revista Superinteressante”, de autoria de **Melissa Regina Schröder**, estudante do curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 18 de junho de 2015.

Marcia Benetti

Melissa Regina Schröder

JORNALISMO E FÉ:

Os sentidos sobre religião na revista Superinteressante

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada pela banca examinadora em.....de.....de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Marcia Benetti – UFRGS
Orientadora

Profª Ms. Gisele Dotto Reginato – UFRGS
Coorientadora

Profª Ms. Rosa Nívea Pedroso – UFRGS
Examinadora

Profª Drª. Thaís Furtado – Unisinos
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado aos meus pais, que tornaram possível essa aventura chamada Faculdade. Agradeço ao esforço diário deles e ao apoio durante o TCC. Sem a ajuda de vocês tudo isso teria sido mais difícil.

Obrigada de coração à minha coorientadora Gisele Dotto Reginato pela competência, dedicação e pelos belos ensinamentos no decorrer do trabalho, e à minha orientadora Marcia Benetti, cuja produção acadêmica inspiradora guiou esta monografia.

Agradeço ao meu irmão, André, e à Elis, por terem me acolhido no apartamento deles quando a internet faltou, o computador estragou e a procrastinação apertou. E também ao meu irmão Daniel, à Alexandra, à Eduarda e à Isabela pelos momentos de descontração em meio à loucura do TCC.

Minha gratidão aos amigos que fiz na FABICO. Vocês são minha grande conquista dos últimos anos.

Obrigada também aos colegas jornalistas, publicitários, relações públicas, operadores e a todos os outros com quem trabalhei, e a quem devo grande parte do meu aprendizado.

Por último, agradeço aos grandes mistérios e acontecimentos da vida que não conseguimos explicar, mas nos movem e emocionam.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar os sentidos sobre religião na revista Superinteressante, da Editora Abril. Este trabalho foi construído a partir de conceitos específicos que envolvem o jornalismo, o discurso e a religião. No jornalismo, nos filiamos à perspectiva construtivista e ao pressuposto de que é um gênero discursivo. Tratamos também das especificidades do meio revista, constituído a partir de práticas, técnicas e linguagens próprias. Entendemos a religião como um tema relevante por seu poder de explicar o inexplicável, agregar pessoas e aliviar o sofrimento humano. Para realizar esta pesquisa, utilizamos a Análise do Discurso (AD), aporte teórico-metodológico que considera que a linguagem não é transparente e atua na construção de sentidos. Mapeamos os textos veiculados na revista durante dois anos, de fevereiro de 2013 a fevereiro de 2015. Encontramos 199 seqüências discursivas que, agrupadas, dão origem a quatro formações discursivas: A religião tem o poder de permitir e proibir; A fé faz bem; A crise e a reinvenção da fé; A corrupção e os escândalos religiosos. Por meio da análise desses sentidos identificamos que o poder que a religião tem de proibir e permitir, impondo comportamentos específicos aos seus fiéis, se caracteriza como uma formação ideológica hegemônica em Superinteressante. Essa conclusão converge com a fascinação pela religião observada nas capas das revistas e com sua função de código ético de convivência humana.

Palavras-chave: jornalismo; revista; religião; discurso, Superinteressante.

ABSTRACT

The main goal of this study is to analyze the meanings about religion in Superinteressante magazine, published by Editora Abril. This work was built from specific concepts involving journalism, discourse and religion. In journalism, we join the constructivist perspective and the assumption that it is a discursive genre. We treat also the specifics of the magazines, made from practices, techniques and own languages. We understand religion as a relevant topic for their power to explain the unexplainable, bring people together and alleviate human suffering. To conduct this research, we used the Discourse Analysis (DA), theory and method that believes language is not transparent and engaged in the construction of meaning. We map the texts in the magazine for two years, from February 2013 to February 2015. We found 199 discursive sequences, grouped, give rise to four discursive formations: Religion has the power to allow and prohibit; Faith is good; Crisis and reinvention of faith; The men of God also sin. By analyzing these senses identified the power that religion has to prohibit and allow imposing specific behaviors to the faithful, it is characterized as a hegemonic ideological in Superinteressante. This conclusion converges with the fascination with religion noted on magazine covers and its ethical code function of human coexistence.

Keywords: journalism; magazine; religion; discourse; Superinteressante.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Comida Profana, Superinteressante, Mai 2014.....	52
Figura 2: Capa Superinteressante Nov 2013.....	58
Figura 3: Capa Superinteressante Jan 2015.....	62
Figura 4: Capa Superinteressante Fev 2015.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Corpus da Pesquisa.....	49
-----------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 JORNALISMO	15
2.1 Jornalismo de Revista	18
2.1.1 A segmentação e o mercado de revistas	21
2.1.2 Os grandes temas	24
2.2 Revista Superinteressante	25
2.2.2 Enfoques e seções	28
2.2.3 O leitor de Superinteressante	29
3 A RELIGIÃO COMO TEMA RELEVANTE NO SÉCULO 21	32
3.1 Explicar o inexplicável	33
3.2 Um laço que une e consola	35
3.3 O homem a religioso descende do homem religioso	36
3.4 O sincretismo brasileiro	39
4. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO: ANÁLISE DO DISCURSO	41
4.1 Formações discursivas, ideológicas e imaginárias	43
4.2 Um gesto de interpretação	47
4.3 Definição do corpus da pesquisa	48
5. JORNALISMO E FÉ: ANÁLISE DOS SENTIDOS SOBRE RELIGIÃO	51
5.1 FD1 – A religião tem o poder de permitir e proibir	51
5.2 FD2 – A fé faz bem	56
5.3 FD3 – A crise e a reinvenção da fé	60
5.4 FD4 – A corrupção e os escândalos religiosos	64
5.5 Implicações da análise	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXOS	75

1 INTRODUÇÃO

Não sei o que é Deus, ou qual era a intenção de Deus ao começar o universo. Nem sei se Deus existe, embora confesse que por vezes me surpreendo rezando em momentos de grande temor, ou de desespero, ou de surpresa diante de uma beleza inesperada.
Jon Krakauer

Nos últimos cinco anos, pelo menos sete vezes a religião foi o assunto de capa de Superinteressante. O tema principal do mês, estampado em letras garrafais na banca de revista, eram investigações sobre a Bíblia, a vida de Jesus, o Islã, os poderes da fé, o espiritismo e tudo mais que se possa imaginar. E, com frequência, eram essas as revistas que geravam a maior vendagem. Foi a curiosidade em entender por que as pessoas se sentem atraídas por temas envolvendo a religião e como a Super trata desse tema em suas páginas que motivou esta pesquisa.

Durante dois anos e meio, tive uma oportunidade de estágio que proporcionou a troca de e-mails com os editores e repórteres da redação de Superinteressante - e até mesmo com alguns leitores - e o acompanhamento, mesmo de longe, dos processos que envolvem a produção da revista até que ela chegue às bancas. Tive o prazer, nesse meio tempo, de ver reportagens para a revista serem escritas ao meu lado – uma delas, inclusive, compõe o corpus desta pesquisa; e tive também a oportunidade de escrevê-las.

Tendo em vista essa experiência e a motivação de investigar o tema, o objetivo geral deste trabalho é analisar os sentidos sobre religião na revista Superinteressante. Nos objetivos específicos pretendemos também: a) Mapear como a revista constrói os sentidos sobre religião; b) Identificar e problematizar os sentidos hegemônicos; c) Investigar de que religiões e personagens a revista trata.

Para atingir esses objetivos, nos valem da Análise do Discurso (AD), como aporte teórico-metodológico. A importância dessa metodologia está em tomar a linguagem como um dispositivo não transparente, mas que “produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2003, p.17). A Análise do Discurso propõe pensar o que é anterior e exterior no texto, levando em consideração as formações ideológicas e a memória sob a qual foi escrito.

Trazemos o discurso também para o segundo capítulo deste trabalho, que retoma alguns conceitos sobre o jornalismo, as especificidades do meio revista e sobre Superinteressante. Na parte que se refere ao jornalismo, abordamos a teoria que o percebe como um gênero discursivo (BENETTI, 2008), pertinente em vista da metodologia escolhida. Também tratamos da perspectiva construtivista (BERGER; LUCKMANN, 2003), que entende o jornalismo como um construtor social da realidade. Em jornalismo de revista, trouxemos Benetti (2013), Mira (2003), Scalzo (2004) e Tavares e Schwaab (2013) para entender as práticas singulares que envolvem esse veículo, como a segmentação, a periodicidade e os grandes temas. Por fim, contamos rapidamente a trajetória de Superinteressante no mercado editorial brasileiro e trazemos alguns números de vendas, assinantes e tiragem, que nos permitem pensar a relevância da publicação.

O terceiro capítulo da pesquisa se propõe a refletir a importância da religião no século 21. Construímos o capítulo a partir de duas correntes teóricas: uma mais ligada à história das religiões, em que se destaca o filósofo e historiador Eliade (1991, 1992, 1993); e outra com um foco mais social, tratado por Ferreira (2012) e Liberal (2004). Nesse espaço, discutimos algumas funções da religião para o homem e a sociedade, como alívio do sofrimento humano, união e baliza das ações humanas. E, também, o conceito da religião que oferece ao homem uma explicação

para aquilo que ele não entende, nem consegue desvendar pelo uso da lógica racional.

O quarto capítulo é dedicado à explicação de alguns conceitos que envolvem a Análise do Discurso. Através de Benetti (2007), Foucault (2009), Orlandi (2003) e Pechêux (1993, 2009), estruturamos as relações entre linguagem, discurso e ideologia; conceituamos as Formações Discursivas e Ideológicas e detalhamos o corpus da pesquisa.

O quinto capítulo se constitui pela análise dos sentidos sobre religião em *Superinteressante*. Dividimos este capítulo pelas quatro Formações Discursivas encontradas: FD1 - A religião tem o poder de permitir e proibir; FD2 - A fé faz bem; FD3 – A crise e a reinvenção da fé; FD4 - A corrupção e os escândalos religiosos. Ao final, descrevemos algumas reflexões feitas a partir da análise.

Cabe dizer que foi realizada uma busca detalhada nos principais repositórios da área de comunicação antes de iniciarmos essa pesquisa. Em toda a procura, encontramos apenas um trabalho que relacionava a revista *Superinteressante* à religião. Trata-se da dissertação de Helvânia Ferreira Aguiar, intitulada: *Deuses superinteressantes: a religião na perspectiva da Revista Superinteressante - edições de 2000 a 2002* (AGUIAR, 2006). Contudo, essa pesquisa não é construída sob o ponto de vista do jornalismo, nem da Análise do Discurso. Portanto, nosso trabalho se justifica pela lacuna de estudos que fazem essa relação que propomos e pode ser relevante para as pesquisas em jornalismo.

2 JORNALISMO

*A melhor notícia nem sempre é a que se dá primeiro,
mas muitas vezes a que se dá melhor.
Gabriel García Márquez*

Para este trabalho, vamos adotar uma perspectiva construtivista do jornalismo. Entendemos o jornalista não como um simples observador e transmissor de notícias, mas como um participante ativo no processo de construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2003). Essa corrente teórica do jornalismo acredita que os jornalistas narram a vida cotidiana por meio de um enquadramento da realidade, o qual está dotado de sentidos.

Segundo Benetti, “o jornalismo se estabelece como um lugar de produção e de circulação de sentidos sobre a realidade” (2013, p.45). Por isso, esse campo pode ser considerado um gênero discursivo (BENETTI, 2008), conceito que também sustentamos neste trabalho. Reginato (2011) lembra que o discurso jornalístico “tem um papel importante na construção social na medida em que constrói verdades, determina modos de viver e organiza as relações sociais” (p.23). Mesmo que a notícia construída pelo jornalista seja compreendida como um enquadramento do real, o compromisso do jornalista é com a busca pela verdade¹. O que firma esse compromisso é um “acordo de cavalheiros” (TRAQUINA, 1999, p. 168) entre jornalista e leitor que assegura que o primeiro está tratando de acontecimentos verdadeiros, explicando o mundo como, de fato, ele é.

Jornalista e leitor estão ligados, assim, por um contrato de comunicação. Esse conceito foi definido por Charaudeau (2006) e abarca as restrições e permissões

¹ Em função do enfoque e espaço desta pesquisa, não aprofundaremos a noção de verdade. Destacamos, no entanto, nossa compreensão de que se trata de um conceito central no campo jornalístico e que pode ser compreendido de formas diversas de acordo com diferentes autores e perspectivas teóricas.

que fazem o jornalismo ser reconhecido como gênero. Para selar esse contrato, o autor invoca cinco elementos que devem ser levados em conta no discurso jornalístico: “quem diz e para quem”, “para quem se diz”, “o que se diz”, “em que condições se diz” e “como se diz”.

Decifrar a realidade fragmentada e reconstruí-la sob a ordem da narração exige do jornalista o domínio de técnicas e estratégias discursivas particulares, inscritas nos elementos do contrato de comunicação de um gênero discursivo totalmente singular – distinto de qualquer outro gênero do discurso e mediado, desde sempre, por sua missão pública (BENETTI, 2008, p. 24).

Seguindo a mesma lógica do contrato de comunicação de Charaudeau, Miguel (1999) discute o jornalismo como um sistema perito. Por sistema perito, podemos compreender que se trata de uma crença, da parte dos clientes ou consumidores – no caso do jornalismo, o leitor/ouvinte/espectador – na competência especializada de um meio (MIGUEL, 1999). No caso do jornalismo, o autor entende que essa relação de confiança se dá em três momentos: na veracidade das informações relatadas; na justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato e na justeza na seleção e hierarquização das notícias diante de todos os fatos disponíveis. O próprio Miguel, porém, lembra que os grandes órgãos de imprensa acabam se focando em um compromisso maior que com seu leitor: os anunciantes. Como outros campos, o jornalismo está inserido em uma ordem econômica capitalista que prioriza o lucro. E, neste contexto, não descumprir o contrato com o leitor é um desafio diário.

E, se o fato de cumprir o “acordo de cavalheiros” com o leitor legitima o jornalismo como um modo de conhecimento (MEDITSCH, 1992), quebrar esse contrato afeta seu bem mais caro: a credibilidade (BENETTI, 2013). Afinal, segundo Serra (2006), a credibilidade do jornalismo é o principal dispositivo usado pelo leitor na seleção da informação, pois deriva da percepção (histórica e social) de que o

jornalismo é uma prática autorizada a narrar a realidade. A formação da credibilidade de um veículo jornalístico ou de um jornalista não se dá pelo seu simples querer. Ela é um conceito que se forma fora do enunciador, e, posteriormente, é, convenientemente, replicada por ele (BENETTI, 2013)².

A credibilidade é um conceito de natureza intersubjetiva, multidimensional e sócio-histórica. Intersubjetiva, porque só existe na relação entre sujeitos; multidimensional, porque constituída por uma diversidade de aspectos; sócio-histórica, porque conquistada em uma época, uma sociedade, uma cultura e, assim, condicionada aos avanços e recuos da história (BENETTI, 2013, p.48).

Uma vez conquistada, a credibilidade não é permanente. Tanto jornalistas quando leitores estão sempre revisando os diferentes aspectos que a envolvem. “O vínculo do jornalismo com seu público é, dessa forma, um elemento da ordem da intersubjetividade que opera com percepções como credibilidade, confiabilidade e legitimidade” (FRANCISCATO, 2005, p.172). Por fim, para não perder a confiança e a credibilidade de seu leitor e, ainda, se proteger de possíveis críticas, o jornalista criou estratégias que invocam o conceito de objetividade. Como se, por trás deste conceito, o jornalista pudesse ser capaz de uma total imparcialidade e impessoalidade. São esses dispositivos que Gaye Tuchman estudou em 1972, e dos quais destacamos nesta exposição o emprego das aspas. Os jornalistas acreditam que, ao usá-las, ficam isentos de uma participação na construção da notícia, deixando “os <<factos>> falarem” (TUCHMAN, 1972, p.81, grifo da autora). Na verdade, segundo a autora, em alguns casos, esse uso judicioso das aspas funciona como uma maquiagem para que o jornalista possa transmitir o seu ponto de vista ao leitor indiretamente. É por isso, que, como destaca Benetti (2007), um jornalista que ouviu várias fontes não necessariamente vai produzir um texto com diversos pontos de vista. Por vezes, todas as fontes consultadas podem justamente enunciar de uma

² A partir do entendimento de que a credibilidade ganha sentido e relevância através de uma percepção sobre o outro, Lisboa (2012) estabelece a distinção da credibilidade constituída pela fonte de informação e a credibilidade percebida pelo interlocutor.

mesma perspectiva, ou seja, “por trás de aparentes polifonias, muitas vezes, escondem-se textos em essência monofônicos” (p.120).

Tendo por base as considerações acima feitas sobre o jornalismo, discutiremos a seguir alguns conceitos específicos do jornalismo de revista.

2.1 Jornalismo de Revista

No prefácio do livro *A Revista e Seu Jornalismo* (2013), Tavares e Schwaab lembram que, ao falarmos de revista, precisamos “reconhecer um patrimônio de práticas, técnicas e linguagens” específicas, que se tornaram possíveis “pelo casamento entre um suporte e um fazer informativo de grande elaboração [...] regido por questões culturais, mercadológicas, institucionais e editoriais” (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p.9). É dessas especificidades e conceitos envolvendo as revistas que trataremos aqui.

Benetti (2013) problematiza a questão: o que nos leva a reconhecer uma revista como sendo uma revista, e não um jornal ou um livro? A resposta para essa pergunta traz à luz alguns conceitos que nos ajudam a entender esse tipo de publicação. O primeiro deles é sua periodicidade.

As revistas, em sua grande maioria, são semanais, quinzenais ou mensais, como é o caso de *Superinteressante*, publicação da qual trataremos neste trabalho. A rotina da redação em revista responde a uma noção de tempo completamente diferente de um jornal, por exemplo. Mas em tempos de notícias disponíveis minuto a minuto na internet e diariamente nos jornais, como uma revista pode apresentar algo novo? É aí que entra a segunda característica desse meio, a de “cobrir funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias” (SCALZO, 2004,

p.13). As revistas são espaços que, por sua periodicidade, permitem ao jornalista “desempenhar essa função de ir mais fundo” (FURTADO, 2013, p.150).

Não dá para imaginar uma revista semanal de informações que se limita a apresentar para o leitor, no domingo, um mero resumo do que ele já viu e reviu durante a semana. É sempre necessário explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber, e entender o leitor de cada publicação (SCALZO, 2004, p.41).

É pelo conjunto que envolve sua periodicidade e a profundidade com que trata o acontecimento, ou, segundo Tavares e Schwaab (2013, p.35), “do casamento de suas operações com seus conteúdos”, que o jornalismo de revista existe lado a lado com a noção de longevidade.

Outra característica, talvez a que melhor nos faça reconhecer uma revista, é o seu formato. Elas são duráveis, têm boa qualidade no papel e na impressão e, ainda, como bem define Scalzo (2004), são objetos que têm o apreço de seus leitores. São fáceis “de carregar, de guardar, de colocar numa estante e colecionar. Não suja a mão como os jornais, cabe na mochila e disfarçada dentro de um caderno, na hora da aula” (SCALZO, 2004, p.39). Ainda há quem recorte e copie os mais diversos itens de suas páginas, de receitas culinárias a colunas de opinião.

A identidade visual e os traços gráficos de uma publicação também ajudam a caracterizá-la. O uso da cor e das fontes, diversas imagens - entre fotografias e infográficos -, o layout de cada página e, principalmente, a disposição da capa são elementos que tornam uma revista reconhecível para o seu leitor. A capa, inclusive, tem o importante papel de “ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor” (SCALZO, 2004, p.62). Por consequência, todas essas características gráficas próprias das revistas vão possibilitar também ao jornalista que apure suas técnicas textuais, aprendendo a falar diretamente com um leitor; pensar nas imagens que vão ilustrar seu texto; e organizar e apresentar dados em infográficos (BENETTI, 2013).

Sabemos que as publicações são subordinadas a interesses econômicos e institucionais. Por isso, as condições do jornalista no seu local de trabalho também influenciam no resultado final das revistas. O profissional pode estar passando por pressões políticas, econômicas, editoriais e temporais, além de ter que lidar com “seus próprios valores e com os valores das fontes e dos leitores” (BENETTI, 2013, p.51). A equipe disponível também interfere. Afinal, dificilmente uma revista que conta com uma equipe de cinco pessoas vai conseguir executar as mesmas pautas - e com a mesma profundidade - que uma que disponha de um efetivo de vinte pessoas - entre repórteres, editores, fotógrafos, designers e diagramadores.

Como vimos acima, o jornalismo como um todo constrói um modo de conhecimento que ajuda o homem a conhecer a si mesmo e aos outros. No jornalismo de revista, como explica Benetti, esse papel é ainda mais importante. Para entendê-lo, no entanto, a autora ressalta que devemos ver a revista com um olhar que se distancia de um produto e se aproxima de um discurso. O discurso proposto pela revista, nesse caso, seria “exibir ao leitor como o mundo é diverso, complexo e interessante” (BENETTI, 2013, p.50)³. O leitor não compra uma revista somente para se manter informado, ele espera encontrar nela uma forma de enquadrar os acontecimentos de seu mundo, do mundo daqueles que o cercam, de entender o que compreende o seu mundo. “Comprar uma revista ou ser assinante de um título não só traduz um hábito cultural, mas também indica maneiras sobre como tal ação configura mapas subjetivos de apropriação do cotidiano” (TAVARES; SCWAAB, 2013, p.39).

³ Veremos a seguir que esse discurso é replicado pelas revistas, e, principalmente, pela Superinteressante, publicação analisada neste trabalho.

Por fim, a revista também existe porque reúne um grupo de pessoas e cria identificações entre elas. Uma revista existe a partir do laço estreito que mantém com o seu leitor.

Revista também é um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo (SCALZO, 2004, p.12).

É em busca desses grupos de leitores que o jornalismo de revista, segmentado desde sua origem, caminha para uma maior especialização a cada dia, como trataremos a seguir.

2.1.1 A segmentação e o mercado de revistas

Uma das características mais conhecidas da cultura de massa é a de homogeneizar os grandes públicos, criando produtos culturais que contemplem - e agradem - um grande número de pessoas. Contudo, em meio à diversidade cultural que vivemos, abre-se espaço para produtos que, em vez de procurar fisgar o maior número de pessoas, as fragmenta em um grupo menor. É essa fragmentação que chamamos de segmentação (BUITONI, 2013).

A segmentação é uma estratégia através da qual procura-se atingir novos nichos de mercado. Porém, revela com clareza que as variáveis que recortam os nichos são sociais como, por exemplo, o gênero (“mulher executiva”), a geração (“gente aposentada”) ou a questão étnica (“executivo negro”) (MIRA, 2006, p.214).

Segundo Buitoni (2013), “a segmentação implica uma diferenciação, que, ao mesmo tempo, precisa de consonâncias grupais”, ou seja, “segmentar é separar para melhor compartilhar” (BUITONI, 2013, p.118). E é calcado nesse princípio que surge o jornalismo de revista, um meio segmentado desde sua origem.

A primeira revista surgiu na Alemanha em 1663. Seu nome pode ser traduzido como *Edificantes Discussões Mensais*. A publicação era uma criação do

teólogo Johann Rust e um fato curioso é que todas as edições giravam em torno de um único tema: a teologia (TAVARES; SCHWAAB, 2013). Desde *Edificantes Discussões Mensais*, onde Johann Rust escrevia para um público que se caracterizava pelo interesse por estudos de religião, a segmentação é uma característica que situa o jornalismo de revista, estabelecendo um foco para cada publicação.

Ao longo da história das revistas, logo se aprende a inevitável necessidade de estabelecer um foco preciso para cada publicação. Apesar da existência de títulos como *Para Todos* e *Tudo*, sabe-se que quem quer cobrir tudo acaba não cobrindo nada e quem quer falar com todo mundo acaba não falando com ninguém (SCALZO, 2004, p.49).

Segmentar é separar os leitores em grupos distintos. Contudo, cada grupo compartilha características em comum. Segundo Buitoni, existem “duas formas fundamentais de segmentação: *por assunto* e *por partição de um conjunto maior* já existente, seja um grupo de publicação, seja de uma publicação que se reparte em outras” (2013, p.117, grifos da autora). Para Mira (2004), há três critérios principais que definem como o mercado de revistas se segmenta. São eles: classe, gênero e geração dos leitores. Contudo, a própria autora reconhece que existem outras variáveis capazes de serem cruzadas com as primeiras, como o estilo de vida do público alvo.

Para entender a segmentação do mercado de revistas, Mira primeiramente define o leitor desse meio.

Um leitor que obriga todas as revistas a se reformularem constantemente; que leva as editoras a sondar seus desejos para descobrir novos nichos de mercado, num processo de segmentação da indústria cultural em geral que se acelera nos anos 70; um leitor por cuja atenção e fidelidade a competição aumentará cada vez mais (MIRA, 2003, p.96).

Fica claro, portanto, que no jornalismo de revista o repórter não escreve para um grupo genérico de pessoas, ou, ainda, para si mesmo. Ele precisa dialogar com um leitor “com cara, nome e necessidades próprias” (SCALZO, 2004, p.54). Para

Benetti, a segmentação é o que norteia o jornalismo de revista, “exigindo que o jornalista trabalhe com alguns perfis básicos de leitores, cujos interesses e expectativas devem ser contemplados” (2013, p.51). É por isso que o bom editor é aquele que tem o poder de ver - antes mesmo que o próprio leitor - o desejo de um segmento. Esse jornalista é capaz de surpreender com um conteúdo que satisfaz seu público, que consome sem saber que tencionava consumir (SCALZO, 2004).

É interessante observar que a segmentação cultural se deu em todos os meios da indústria cultural. No rádio, a partir dos anos 1980, as emissoras passam a se especializar num gênero musical único. Um pouco depois, a segmentação na TV também vai se aprofundar com a introdução dos canais pagos. Nos jornais, aparecem os cadernos especializados, como os de literatura e futebol. Com as revistas não será diferente, a partir dos anos 1990 “uma verdadeira avalanche de publicações superlota as bancas” (MIRA, 2003, p.213).

O resultado desse processo é a rapidez com a qual se dá o consumo e a permanente mudança nos anseios e desejos do público - cuja identidade está constantemente sendo reelaborada (MIRA, 2003). E, se a audiência muda, o jornalismo de revista, por conseguinte, deve caminhar ao lado do leitor. Afinal, num mundo onde tudo está se transformando o tempo todo, a revista que ficar inerte não vai encontrar lugar.

Muitas revistas morrem, e outras continuarão a morrer, porque seus leitores mudaram e elas não souberam acompanhá-los. Antigamente, era possível manter uma revista sem submetê-la a transformações gráficas e editoriais, mantendo-a praticamente inalterada por um longo período de tempo. Hoje, isso não é mais possível (SCALZO, 2004, p. 61).

2.1.2 Os grandes temas

Benetti (2013) diz que as revistas indicam modos de vivenciar o presente. A partir do que está impresso em suas páginas, apreendemos o que necessitamos do mundo, ou melhor, o que determinada publicação acredita que devemos saber sobre ele. E é com espantável frequência que o que está estampado nas revistas se repete quase a exaustão. São temas que, de tempos em tempos, retornam às capas como assuntos inéditos. Essa característica das revistas é o que Prado (2009) batiza de enunciadores giratórios e foi assim descrita por Benetti:

Trata-se da prática do jornalismo de revista de fazer uma espécie de revezamento temático, retornando com espantosa frequência aos mesmos assuntos: sucesso profissional, saúde, beleza, juventude, relacionamentos amorosos, educação dos filhos, fé, tecnologia (BENETTI, 2013, p.53).

Se tomarmos a religião - tema desta pesquisa - como exemplo, veremos que é comum encontrar, de tempos em tempos, matérias que tentam provar os benefícios da fé para a saúde; ou, ainda, outras que prometem revelar os mistérios da bíblia nunca antes revelados. Uma prática que requebra assuntos já muito debatidos.

Vale lembrar, no entanto, que esses temas estão, geralmente, acompanhados de algum fato novo - uma descoberta, um estudo, uma fonte - que possibilite voltar ao assunto (BENETTI, 2013). Benetti, Storch e Finatto (2011) conceituam essa “novidade” de meta-acontecimentos, uma mera desculpa para falar de um grande tema. Nesse contexto, Scalzo lembra que “a periodicidade mais elástica exige que o jornalista encontre novos enfoques para os assuntos de que vai tratar, buscando sempre uma maneira original de abordá-lo” (2004, p.65). É, talvez, em busca deste enfoque original para um velho assunto, que o leitor é atraído na banca. Contudo, Furtado (2013) ressalta o risco desse tipo de pauta, que é “resultar em um texto no qual, a todo custo, se tente provar uma tese construída dentro da redação” (p.152).

Observamos que quase a totalidade das revistas utiliza essa prática e é comum vê-la nas reportagens da Revista Superinteressante, publicação que trataremos a seguir.

2.2 Revista Superinteressante

Depois de uma tentativa fracassada de criar uma revista de cunho científico no Brasil chamada *Ciência Ilustrada*⁴, a Editora Abril deu início, em setembro de 1987, à empreitada da Revista Superinteressante. A publicação surgiu com inspiração em uma revista espanhola, da qual, inclusive, herdou o nome: *MuyInteresante*. A Abril estava em tratativas para lançar uma versão da revista espanhola na Colômbia e o contrato quase foi fechado. Porém, de última hora a editora brasileira viu a oportunidade de trocar a Colômbia pelo Brasil (AGUIAR, 2006).

Segundo Souza (2012), quando *MuyInteresante* chegou às terras tupiniquins, a intenção era traduzir as matérias originais e publicá-las tal qual na Espanha. O plano, contudo, acabou não se concretizando porque os fotolitos da publicação espanhola eram maiores que os da brasileira. Assim, uma nova roupagem precisou ser dada à revista. Enquanto *MuyInteresante* era especializada em publicar curiosidades e matérias fantasiosas sem qualquer comprometimento com um conteúdo científico sério, a edição brasileira serviria para divulgar novas pesquisas, livros e estudos científicos.

A intenção da direção da revista brasileira era de que ela fosse reconhecida pela comunidade científica brasileira e não simplesmente uma revista de curiosidades e temas fantásticos como *MuyInteresante*. Uma revista com texto simples, matérias fáceis, mas que deveria tratar de assuntos científicos com correção (AGUIAR 2006, p.24).

⁴De 1981 a 1984, período em que circulou, a *Ciência Ilustrada* vendia cerca de 80 mil exemplares, número considerado baixo pela Editora Abril, que decidiu fechar a revista.

A tiragem da primeira edição da Super que chegou às bancas em setembro de 1987 foi de 150 mil exemplares e se esgotou em apenas três dias. O sucesso foi tamanho que foram lançados 65 mil exemplares extras. Ao todo, a primeira capa vendeu 190 mil revistas e tornou o projeto lucrativo aos olhos da Abril, que, só no primeiro dia, fechou 5 mil assinaturas (SOUZA, 2012).

Hoje, a Superinteressante possui periodicidade mensal, com tiragem média de mais de 374 mil cópias e 296 mil exemplares de circulação por mês. Seu formato é de 20,2 cm x 26,6 cm e o preço de capa é de R\$ 14,00. Os conteúdos da publicação são distribuídos em diferentes plataformas. Além da edição mensal impressa, há também uma versão para tablet, que a torna a segunda maior revista digital do país com 93 mil exemplares em circulação a cada mês. Outras revistas especiais e livros que aprofundam temas também são publicados com o selo da Superinteressante. Os conteúdos da revista e outros, inéditos, são replicados no site e nas redes sociais oficiais, que contam com mais de 3,3 milhões de curtidas do Facebook e 1,8 milhões de seguidores no Twitter.

O formato atual da revista é fruto de 28 anos de reformulações em busca de melhorias gráficas e editoriais, muitas delas pautadas pelas mudanças no mercado e outras pela singularidade de cada diretor de redação. Na carta ao leitor da edição de janeiro de 2014, Denis Russo Burgierman, atual diretor da Superinteressante, deixa clara a ideia de reinvenção da revista.

Nos próximos meses, pretendemos reinventar tudo: a revista, a marca, os produtos, as linguagens, nosso jeito de trabalhar, nossa rede de colaboradores, nosso lugar no mundo. A SUPER, fiel às suas origens e às suas tradições, tem a obrigação de mergulhar de cabeça no novo (Carta ao leitor, Superinteressante, Ed. 328).

Esse compromisso com o novo acompanha a linha editorial da Superinteressante desde o seu início, mas, com o passar dos anos, o perfil da

publicação sofreu alterações. Se, nos primórdios, como falamos acima, a Super queria servir à comunidade científica com pautas mais ligadas às ciências naturais, em meados da década de 1990, a revista incluiu novos temas em seu escopo. Segundo Aguiar (2006) e Souza (2012), nessa época a paranormalidade, a filosofia e a religião - assunto do qual trataremos neste trabalho - passaram a ganhar as páginas da revista. Pela primeira vez, “em 1995, oito anos após sua primeira publicação, Superinteressante vai apresentar o tema religião como destaque de capa, abordando o Candomblé” (VITORINO, 2011, p.52). Estava se iniciando uma nova era na Super, com um novo conceito de revista e novidades nos enfoques, nas editoriais e seções. Segundo Mira, “Aventura, emoção e muita adrenalina” são os ingredientes que a Super usaria a partir desse momento para atrair seu leitor para a divulgação científica com a qual a revista está comprometida (MIRA, 2003, p.171).

Por fim, em seu artigo “Deus está nas bancas: uma reflexão sobre a abordagem da religião na revista Superinteressante”, a autora Helvânia Ferreira Aguiar enumera algumas características que podem nos apresentar um caminho do que torna a Superinteressante um sucesso do mercado editorial brasileiro, como o “visual arrojado, textos simples, explicativos e curtos, uso farto de imagens e de modernos recursos gráficos e a valorização de aspectos curiosos dos fatos” (AGUIAR, 2006, p.3). Para Scalzo, a revista “trata de assuntos científicos, muitas vezes áridos e polêmicos, em linguagem acessível para seus jovens leitores” (SCALZO, 2004, p.56).

2.2.2 Enfoques e seções

Desde a mudança ocorrida nos anos 1990, os temas que permeiam a Superinteressante são os mais variados. A revista procura dar enfoque em “qualquer campo do conhecimento, ciência ou arte, antiguidade ou grandes temas atuais, grandes catástrofes ou maravilhas da natureza, doenças ou grandes descobertas, arqueologia e meteorologia, física e tecnologia, religião e sociologia, alimentação e esportes” (CARVALHO⁵ apud NOVAES, 2006, p. 5). Porém, como comentamos acima, essas temáticas estão sempre relacionadas a fatos curiosos, que apresentam ao leitor algum mistério ou uma grande novidade.

A frequência com que a religião aparece nas páginas da revista é significativa. Nos últimos cinco anos, período de 2010 a 2014, ao menos sete capas da revista estampam a temática religiosa. Para Aguiar (2006), além de uma regularidade, muitas das matérias de capa de religião fizeram Superinteressante chegar a seus recordes de vendagem. Segundo a autora, porém, “Cabe lembrar que a publicação aborda a religião assim como aborda outros temas, o que faz dela um tipo de mídia generalista e não religiosa e institucional” (AGUIAR, 2006, p.3).

É um engano, no entanto, achar que depois das mudanças centrais da década de 1990, a Super permanece inalterável. Os temas, as seções e a parte gráfica da revista seguem em constante reformulação, com seções saindo e entrando a todo momento. Na disposição atual, em 2015, a revista traz as seguintes seções: **Mundo Super**, dedicada aos comentários dos leitores e correções de matérias passadas; **Super Novas e Ciência Maluca**, com pequenas notícias sobre o que há de mais atualizado e inusitado no mundo; **Banco de dados**, com as mais

⁵ Original: CARVALHO, Alessandra. A ciência em revista: um estudo dos casos de Globo Ciência e Superinteressante. Dissertação de mestrado. UMESP. São Bernardo do Campo, SP, 1996.

variadas estatísticas e número sobre algum assunto; **Matriz**, quatro eixos que delimitam quem é quem, seja nos papas ou entre robôs; **Papo**, trazendo uma pequena entrevista no modelo perguntas e respostas; **Coordenadas**, mostrando um lugar esquecido no mundo; **Oráculo**, respondendo às perguntas mais estapafúrdias feitas pelos próprios leitores; **Essencial**, um tipo de artigo que expõe e aprofunda assuntos polêmicos do momento de forma objetiva; **Tech**, com dicas de dispositivos tecnológicos que são novidade no mercado; **Cult**, apresentando curiosidades e infográficos sobre o mundo do cinema e da literatura; **E se**, levantando hipóteses e possíveis desdobramentos de fatos que poderiam acontecer ou ter acontecido; **Manual**, um guia de como fazer as mais diversas coisas⁶.

Superinteressante apresenta também reportagens com cartolas especiais, que mudam a cada edição. Além da cartola Capa, que traz a matéria cujo destaque é o maior da revista, é dada para cada reportagem uma cartola própria a depender de sua temática. Música, história, ciência, religião, cultura, economia, inovação, mundo, faça você mesmo, tecnologia e saúde são alguns exemplos de como a revista nomeia as matérias fora das seções específicas.

2.2.3 O leitor de Superinteressante

No publieditorial do site da Editora Abril, o leitor de Superinteressante é definido como alguém que “tem fome de conhecimento, inovação e novidades”. A revista, por sua vez, promete ao leitor ir além do óbvio para saciar essa fome,

⁶ Informações disponíveis em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em 13 abr. 2015.

detalhando temas, inovando nos enfoques e batendo de frente com assuntos polêmicos⁷.

Hoje, Super é lida por 2,1 milhões de pessoas em todo o Brasil, sendo, segundo a Editora Abril, a maior revista mensal do país em número de leitores. Em média, 43 minutos é o tempo que o público de Superinteressante dedica à leitura de cada edição. Esse público está assim classificado: 53% são homens e 47% mulheres e quase metade tem de 20 a 34 anos. Em seu Mídia Kit, a revista explora o poder aquisitivo e a fidelidade de seus leitores para atrair os anunciantes. Os dados de 2013 do Instituto Verificador de Circulação mostram que 50% do público de Super está na região Sudeste do Brasil e outros 20% na região Sul. Juntas, as regiões concentram uma grande fatia da renda brasileira e, não por acaso, 85% dos leitores de Superinteressante são considerados das classes A e B. No Mídia Kit, o leitor de Super é, ainda, definido como uma audiência qualificada e com alto poder de consumo, sendo relevante em todos os meios que atua. Juntos eles movimentam mensalmente 1,6 bilhões com gastos só no cartão de crédito.

Quanto à fidelidade do leitor, Super tem 75% de sua tiragem mensal comprometida com seus 225 mil assinantes e 96% das pessoas que leem a revista dizem sempre comentar as reportagens e conteúdos com outrem⁸.

Esses índices sobre o leitor de Superinteressante são importantes, pois é em vista deles que serão tomadas algumas decisões editoriais no dia a dia da redação, como a escolha de temas, abordagens e até os próprios anunciantes. Contudo, elas não necessariamente nos dão uma ideia de quem é o real leitor da publicação.

É preciso considerar que essas informações são selecionadas e redimensionadas na apresentação institucional das revistas, segundos seus

⁷Informações retiradas do Mídia Kit. Disponível em <www.publiabril.com.br/superinteressante>. Acesso em 13 abr. 2015.

⁸ Segundo informações da Pesquisa Abril – Relacionamento com os meios. Disponível em: <www.publiabril.com.br/superinteressante>. Acesso em 13 abr. 2015.

interesses – e geralmente disponibilizadas para os anunciantes. Além disso, os dados levantados não são suficientes para se conhecer o leitor real (STORCH, 2012, p.106).

Abordadas as problematizações sobre o jornalismo e as especificidades encontradas no meio revista, assim como em Superinteressante, no decorrer do próximo capítulo serão abordadas as questões que envolvem a temática religiosa – assunto do qual trataremos na análise - e sua importância ao jornalismo.

3 A RELIGIÃO COMO TEMA RELEVANTE NO SÉCULO 21

*Eu creio para compreender e
compreendo para crer melhor.
Santo Agostinho*

Obter respostas sobre como, quando e onde o homem deu início aos rituais sagrados é uma tarefa quase impossível. Diversos historiadores já foram conduzidos a caminhos equivocados na busca pelo entendimento dos rituais de sepultamento e das oferendas que teriam sido deixadas pelo homem pré-histórico. No entanto, pode-se dizer que a crença no sagrado ganha força no Paleolítico superior, período entre 50 mil e 20 mil anos atrás. Tal informação é atestada, principalmente, por pinturas rupestres encontradas em antigas cavernas (BENETTI, 2000).

No entanto, percorrer o caminho confuso e embaralhado que estuda a origem do sagrado não é nosso objetivo principal neste capítulo⁹. Vamos procurar entender aqui, de uma forma geral, por que a religião ocupa um lugar de tamanha importância ainda hoje. Do humano mais ateu ao mais crente; do pequeno vilarejo à grande metrópole; sob diversas formas e exercendo diferentes funções, por que a religião é onipresente em nossa cultura? Como a crença no sagrado sobreviveu desde o homem pré-histórico? Afinal, quais os papéis que a religião exerce na sociedade? Este capítulo apresenta algumas elucidações teóricas sobre essas questões, que vêm para complementar nossa pesquisa e para ajudar a compreender o contexto que possibilita a formulação de determinados sentidos sobre religião que serão mapeados na análise.

⁹ Estudar os fenômenos religiosos, segundo Eliade (1993), é tarefa complicada, tamanha é a complexidade desse tipo de fenômeno. Nenhuma fórmula pronta seria capaz de explicar essa complexidade. Sendo assim, o estudo do sagrado de forma isolada – como fazem muitos historiadores – resulta em análises incompletas, de acordo com a autora. Pois, não há fenômeno religioso puro, assim como nenhum fenômeno é exclusivamente religioso. Eliade toma como forma de definir o sagrado sua oposição ao profano, discussão que não será abordada de maneira específica neste capítulo.

Começaremos pela definição de Orlandi (1987), que propõe algumas funções, dentre as tantas possíveis, para a religião. Na introdução de seu livro Palavra, fé, poder, a autora destaca como ofícios da religião em nossa vida: “Negação da vontade de viver, código ético de convivência humana, freio dos instintos, ou superação dos limites de nossa estreita condição humana” (p.9). Vamos tomar a última função colocada por Orlandi, a de superar os limites da condição humana, como foco de estudo por considerarmos que ela ajuda na compreensão das questões que envolvem esta pesquisa.

3.1 Explicar o inexplicável

A religião é um dos fundamentos mais antigos da história e surge na ânsia da humanidade em poder resolver a “incerteza do futuro, as angústias do presente e a compunção do passado” (FERREIRA, 2012, p.6). Sem saber as respostas para seus questionamentos, o homem cria para si e também para os outros uma forma de explicar o inexplicável:

A constante necessidade do transcendente que se comunica com o natural reflete o poder criador do homem em criar para si (e conseqüentemente para os outros), meios de obter respostas ou favores que venham suprir seus questionamentos ou necessidades (FERREIRA, 2012, p. 7).

Dessa forma, o sagrado dá ao homem um caminho para compreender os mistérios sobre si mesmo e sobre o mundo. Essa necessidade aparece ainda no homem primitivo, que percebe seu poder quase nulo frente às forças da natureza e da morte. O sagrado, então, ganha espaço como um contraponto à existência puramente material, e exerce a função de dar acesso ao secreto e à resolução das incógnitas (BENETTI, 2000).

A religião assim, que surge no início como pura magia, ajuda a encontrar soluções para o que parece inexplicável, possibilitando o acesso do homem

ao que Lévêque¹⁰ chama de “a ordem secreta do mundo”. O homem começa a se mover em dois terrenos: o primeiro, das coisas que domina; o segundo, do imponderável, do invisível, do secreto, do inatingível pela razão (BENETTI, 2000, p.13, grifos da autora).

É justamente esse inatingível pela razão, essa busca por dar sentido às situações da vida, que faz a religião ter tamanha importância na agenda do jornalismo.

Como descrito no segundo capítulo deste trabalho, o jornalismo trabalha com a novidade. O “novo”, no entanto, acaba, muitas vezes, abrindo caminho para se falar de velhos assuntos, é a retomada de “um saber antigo” (BENETTI, 2009). A religião é um saber que acaba sempre por nos levar a grandes questões existenciais. “De onde eu vim?”; “Quem criou o mundo?”; “Para onde vou depois da morte?”. É comum ver esse tipo de pergunta em capas de revistas e em reportagens na televisão, por exemplo. E é com a mesma frequência que vemos as perguntas sendo respondidas através do uso da religião.

Existe algo de imponderável nos movimentos da vida, e esse imponderável nos traz de volta a grandes questões existenciais. Geralmente, são os eventos inexplicáveis pela lógica racional que mais nos surpreendem, perturbam e emocionam (BENETTI, 2009, p.286).

É importante ressaltar que a religião não responde a todos os questionamentos do ser humano. Porém, ela tem um papel transformador, na medida em que oferece um caminho que promete resolver essas questões. Vamos imaginar, por exemplo, que uma pessoa foi desenganada pelos médicos sobre obter sucesso para a cura de uma doença grave. Porém, sem explicações médicas e científicas, ela consegue se curar e atribui a cura à sua fé. Nesse contexto a religião é usada como uma forma de explicar o que nem a ciência conseguiu, ou seja, “explicar o mundo visível por forças invisíveis, articular o que se observa com o que se imagina” (TUCHERMAN, 2014, p.6). Podemos pressupor então, que “crer, seja

¹⁰ Original: LÉVÊQUE, Pierre. **Animais, deuses e homens**: o imaginário das primeiras religiões. Lisboa: Edições 70, 1996.

em fantasmas ou mesmo nas ciências, aparece assim como uma natural exigência da condição humana” (TUCHERMAN, 2014, p.2). A autora resgata os sermões de Santo Agostinho¹¹ para fazer essa relação entre crer e compreender: “Agostinho definia o vínculo entre essas duas operações mentais, afirmando ser preciso compreender para crer (*intellige ut credas*), mas igualmente necessário crer para compreender (*crede ut intelligas*)” (TUCHERMAN, 2014, p.2).

3.2 Um laço que une e consola

Além de ajudar o homem a pensar sobre as grandes questões existenciais, a religião também desponta como uma resposta aos problemas sociais e humanos (FERREIRA, 2012). Ela tem o poder de ressignificar algumas emoções. No discurso religioso, uma tragédia, a morte de alguém querido ou uma doença, por exemplo, podem tomar novos sentidos, ligados ao sacrifício, à provação, à humildade. A religião é capaz de confortar a humanidade, tornando sua dor suportável. Seu papel, no entanto, não é o de acabar com o sofrimento, mas de tentar suavizá-lo.

Assim, é na religião que o homem busca o amparo para suas idiossincrasias. É ela, fruto do próprio homem, que dá sentido aos seus próprios problemas. Ela constitui-se o ópio necessário para suportar a divisão, a miséria real (FERREIRA, 2012, p.13).

Orlandi (1987) também lembra que a superação e o foco no sofrimento humano são sentidos muito presentes no discurso religioso. Esse, aliás, atravessa todos os espaços da sociedade, “mesmo nas formas agudas de crítica aos poderes instituídos, e nas ditas formas de resistência, se reencontram os valores e o discurso

¹¹ Santo Agostinho foi um importante filósofo e teólogo, nascido em 354. Praticante do maniqueísmo – religião que considera o bem e o mal forças duplas que regem o universo – Agostinho se converteu, posteriormente, ao Cristianismo. Conforme Buckingham et al (2011), dentre suas contribuições para a filosofia está a noção de que o homem tem livre-arbítrio, inclusive para escolher entre o bem e o mal. Essa teoria possibilitou ao filósofo afirmar, assim, que Deus não é a origem do mal. Essa questão era central para os cristãos na época – e ainda hoje – que se perguntavam “por que existe o mal no mundo se Deus é inteiramente bom?”.

cristão: o ascetismo, a superação, a ênfase no sofrimento, o sacrifício, a humildade, a salvação, etc...” (p.9).

Outra característica do sagrado é reunir pessoas, independente da crença que se esteja falando. Da tribo primitiva que cultuava o poder das pedras até a crença no Deus único do cristianismo, a religião tem a capacidade de agregar o homem em torno de uma mesma crença. Manter essa identificação entre fiéis de diferentes gerações, culturas e classes sociais é o grande desafio de uma religião - mas também onde se localiza sua fonte de poder. Aqueles que pensam e acreditam de forma semelhante criam um laço de identificação entre si, e a religião, que regula comportamentos individuais e coletivos, unifica seus seguidores sob as mesmas normas éticas (LIBERAL, 2004). Essas normas, é claro, variam de acordo com a religião, e podem, inclusive, ter sentidos opostos. Enquanto no cristianismo matar configura uma quebra das normas da religião, para o extremismo islâmico é ético cometer crimes em favor de suas crenças.

3.3 O homem a religioso descende do homem religioso

Vimos acima que o primeiro *homo sapiens*, no Paleolítico superior, já recorria ao sagrado para obter respostas. Totens, culto à natureza e aos espíritos, deuses, demônios, muitas foram as hierofanias (manifestações do sagrado) demonstradas nas diferentes sociedades no decorrer da história. E, mesmo tendo nascido milhares de gerações depois desses homens primitivos, somos, de alguma forma, descendentes deles. Por isso, herdamos muito de seus comportamentos:

O ser humano tem seu comportamento definido por padrões pré-estabelecidos pela sociedade onde vive; somos também influenciados pelos padrões de nossos ancestrais que foram os determinantes do comportamento da geração atual (LIBERAL, 2004, p.12).

Liberal (2004) acredita que o ser humano nasce com alguns valores religiosos preestabelecidos. Mesmo ao se declarar sem religião, esse ser humano teria uma carga religiosa herdada dos antepassados, a qual ele nem sequer tem conhecimento. É o mesmo descrito por Eliade, importante filósofo e historiador das religiões, em dois trechos de uma de suas obras:

[...] o homem a religioso no estado puro é um fenômeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas. A maioria dos “sem religião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato (ELIADE, 1992, p.98, grifos do autor).

De certo ponto de vista, quase se poderia dizer que, entre os modernos que se proclamam a religiosos, a religião e a mitologia estão “ocultas” nas trevas de seu inconsciente – o que significa também que as possibilidades de reintegrar uma experiência religiosa da vida jazem, nesses seres, muito profundamente neles próprios (ELIADE, 1992, p.102, grifos do autor).

Orlandi (1987) avalia que o discurso religioso atravessa vários discursos da nossa cultura, como o pedagógico, o jurídico, o acadêmico, o das minorias – e, acrescentamos a esses, também o jornalístico, que se constitui por ideais de verdade e objetividade.

A ideia de que a religião está, em algum grau, presente em todo ser humano e que, portanto, todo homem traz consigo vestígios da religião de seus antepassados, explica, em parte, o fascínio que os temas religiosos causam nas capas das revistas e o porquê de temáticas ligadas ao sagrado voltarem à pauta de tempos em tempos. E não é somente nos veículos de jornalismo; a literatura, o cinema e o teatro se alimentam da mesma herança.

Poder-se-ia escrever uma obra inteira sobre os mitos do homem moderno, sobre as mitologias camufladas nos espetáculos que ele prefere, nos livros que lê. O cinema, esta “fábrica de sonhos”, retoma e utiliza inúmeros motivos míticos: a luta entre o Herói e o Monstro, os combates e as provas iniciáticas, as figuras e imagens exemplares (a “Donzela”, o “Herói”, a paisagem paradisíaca, o “Inferno” etc.). Até a leitura comporta uma função mitológica – não somente porque substitui a narração dos mitos nas sociedades arcaicas e a literatura oral, viva ainda nas comunidades rurais da Europa, mas, sobretudo porque, graças à leitura, o homem moderno consegue obter uma “saída do Tempo” comparável à efetuada pelos mitos. Quer se “mate” o tempo com um romance policial, ou se penetre num universo temporal alheio representado por qualquer romance, a leitura projeta o homem moderno para

fora de seu tempo pessoal e o integra a outros ritmos, fazendo o viver numa outra "história" (ELIADE, 1992, p.99, grifos do autor).

Em 1991, o autor já adiantava que o pensamento simbólico e os mitos têm uma função. Não são somente criações do inconsciente, mas revelam "as mais secretas modalidades do ser" (ELIADE, 1991, p.9).

É claro que, apesar de guardar resquícios de seu antepassado, não podemos dizer que o homem contemporâneo é igual ao seu predecessor. Pelo contrário, ele é "o resultado de um processo de dessacralização" (ELIADE, 1992, p.98), ou seja, tenta se libertar das superstições dos antepassados. "Em outras palavras, o homem profano, queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos" (ELIADE, 1992, p.98). Um exemplo dado pelo autor de diferenciação entre o homem das culturas arcaicas e o homem moderno é a forma com que o último encara a sexualidade e a nutrição como atos fisiológicos. "Para o homem das culturais arcaicas são sacramentos, cerimônias por cujo intermédio se comunica com a *força* que representa a própria vida" (ELIADE, 1993, p.36, grifo do autor).

Segundo Ferreira (2012) e Liberal (2004), a religião tem um papel importante na sociedade. Aliás, Ferreira ressalta que ela foi criada "pela sociedade e para a sociedade" (p.13). São, principalmente, os valores grupais éticos e religiosos que servem como "balizas para estabelecermos nossas ações" (LIBERAL, 2004, p.16). Assim sendo, é perfeitamente compreensível que a religião continue na pauta de discussões da sociedade, e esteja, casa vez mais, intrínseca a ela.

3.4 O sincretismo brasileiro

Outra questão importante de considerarmos neste capítulo é a singularidade do Brasil quando o assunto são as crenças da população. Vamos começar tomando os resultados do Censo 2010 – o mais recente que calculou os dados dessa ordem – para iniciarmos nossa discussão. As conclusões da pesquisa apontaram principalmente para uma constatação: a diversidade dos grupos religiosos no Brasil vem crescendo. Apesar de ainda ter uma maioria católica (64,6% da população) que o torna o país mais católico do mundo, o número de evangélicos (22,2% da população), espíritas (2% da população) e adeptos de outras religiosidades (3% da população) ganhou força no país nas últimas décadas (IBGE, 2010).

Essa pluralidade de crenças brasileiras vem desde o descobrimento, com a fusão das crenças católicas dos portugueses com rica espiritualidade indígena. Posteriormente, chegaram os escravos africanos que também trouxeram sua própria religião. E, mais recentemente, a chegada de imigrantes europeus, entre eles alemães e italianos, e de outros países do mundo, como o Japão, incluiu mais uma leva de crenças ao país. Dessa mistura nasce o sincretismo brasileiro, em que as religiões se fundem e “possuir uma crença não exclui necessariamente a aceitação de outra” (BENETTI, 2000, p.44).

Essa diversidade de crenças brasileira é importante quando pensamos como a religião é colocada na revista Superinteressante. Assim como a população do país, a maioria das reportagens e notícias também tem seu enfoque na igreja Católica e no Cristianismo. Por sua força no decorrer da história, o Cristianismo está presente no imaginário popular e, como explica Benetti, “foi construído sobre uma série de crenças que tanto refletem as culturas com as quais os primeiros cristãos estavam em contato quanto parecem extremamente inovadoras” (2000, p.32).

Contudo, é também interessante observar que o espiritismo e demais crenças que se baseiam nele, como o candomblé e a umbanda, vêm ganhando espaço nas páginas da revista. A doutrina regida pelo Livro dos Espíritos, escrito por Allan Kardec em 1857, prega a existência de Deus, a imortalidade da alma, a reencarnação, a evolução dos seres, a pluralidade de mundos e a comunicação com os espíritos. No Brasil, o espiritismo prosperou como em nenhum outro país. Segundo a Federação Espírita Brasileira¹², estima-se que, hoje, 40 milhões de brasileiros se declaram simpáticos a ideias espíritas, sobretudo à reencarnação.

Todas as considerações feitas neste capítulo, portanto, explicam a importância da religião em nossa sociedade e demonstram a relação do homem com o simbólico, com as questões que não compreende e que a religião ajudaria a explicar e ritualizar. Destacamos também as formulações sobre o lado da religião como algo que agrega as pessoas, forma comunidades, dá sentido a grupos e fortalece laços. Apesar de termos apresentado breves problematizações acerca do assunto, consideramos que elas nos ajudam a entender o interesse do jornalismo pela pauta religiosa. Além disso, nos auxiliam no mapeamento de sentidos sobre religião na Superinteressante, já que é necessário um aporte teórico para compreender as formações ideológicas que, existindo anterior e exteriormente ao objeto pesquisado, acabam por determinar as formações discursivas identificadas no texto. A partir disso, faremos a seguir a exposição da metodologia que vai nos guiar neste trabalho.

¹² Informação retirada da reportagem “Espiritismo avança e atrai milhares de turistas ao médium João de Deus”, do Correio Braziliense. Disponível em: <http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/economia/2014/01/31/internas_economia,410546/e_spiritismo-avanca-e-atrai-milhares-de-turistas-ao-medium-joao-de-deus.shtml> Acesso em: 3 de junho de 2015.

4. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO: ANÁLISE DO DISCURSO

*O desejo diz: “Eu não queria ter de entrar nessa ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta e em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”.
E a instituição responde: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí pra te mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém”.
Michel Foucault*

Neste capítulo, vamos tomar a Análise do Discurso (AD) como aporte teórico-metodológico para nossa pesquisa. Usaremos conceitos definidos por Foucault (2009), Pêcheux (1993, 2009), Orlandi (2003, 2007) e Benetti (2000, 2007) para discutir alguns pontos a respeito dessa metodologia e como ela serve aos nossos propósitos.

Segundo Orlandi (2003), o discurso é o lugar de onde se observa a relação entre a língua e a ideologia. Isso possibilita compreender como a linguagem “produz sentidos por/para os sujeitos” (p.17). O discurso é responsável pelos percursos do homem e da realidade onde ele vive. Sua importância consiste em tornar possível a continuidade, a permanência, o deslocamento e a transformação do homem e de sua história através da linguagem (ORLANDI, 2003).

Para a AD, a linguagem é a mediação entre o homem e a sua realidade. E entendemos que, como mediadora, ela não é transparente. Olhar o todo do discurso para descobrir o que permanece além dele é, assim, impossível na AD, e o propósito desse aporte teórico-metodológico torna-se entender “como” o texto significa e não “o quê” ele quer dizer (ORLANDI, 2007).

Tais conceitos são relevantes para que possamos perceber o jornalismo como um espaço de produção e circulação de sentidos que narra a vida cotidiana por meio de um enquadramento da realidade. Como exposto no segundo capítulo desta pesquisa, o jornalismo não é capaz de refletir a realidade tal qual ela é. Ele constrói sentidos sobre a realidade. Por isso, Benetti (2007) entende o jornalismo como um gênero discursivo dialógico, polifônico, opaco, ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos e elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares.

A Análise do Discurso é uma linha de investigação cujos objetos são textos - no caso deste trabalho selecionados na Revista Superinteressante -, que possuem um lado linguístico e outro histórico e social (BENETTI, 2000). Para fazer essa investigação, a AD recorre aos processos e às condições de produção da linguagem e leva em conta o homem e seu panorama histórico.

O sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2003, p.20).

Para Orlandi (2003), além desses fatores, também importa ao discurso a memória discursiva. É a partir de todo o conjunto de formulações já feitas e também daquelas esquecidas que se formam novos dizeres. A autora conceitua essa carga de memória que provoca um efeito em um novo discurso como **interdiscurso**, ou seja, um conjunto de formulações já feitas e, por vezes, esquecidas, que acabam determinando o que dizemos. Esse conceito tem grande importância para esta pesquisa, levando-se em conta que é o interdiscurso que fornece “a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita” (PÊCHEUX, 2009, p. 154, grifo do autor). O interdiscurso, portanto, é parte do discurso.

Em uma pesquisa – como esta – que analisa um discurso construído historicamente, como a religião, é preciso ter em mente que vários interdiscursos atravessam o discurso principal que se está analisando. É sabido que a religião invoca em cada sujeito uma grande carga de memória e, por isso, todas essas formulações posteriores que o sujeito tem sobre a religião influenciam na constituição desse discurso nas páginas da revista Superinteressante.

4.1 Formações discursivas, ideológicas e imaginárias

Interessa-nos aqui ver como a AD se aplica ao texto jornalístico. Benetti (2007) considera a Análise do Discurso especialmente importante para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento das vozes¹³ e identificação dos sentidos. Trataremos aqui, especificamente, do último tipo: a identificação dos sentidos.

Para fazer a análise dos sentidos de um texto é necessário perceber que esse texto é resultado de um processo que lhe é exterior e anterior. Segundo Benetti (2007), essa exterioridade, que nem sempre é aparente, constitui o texto e não pode ser separada dele.

Nem todos os discursos são capazes de produzir sentidos novos e originais a um texto. Na verdade, a maioria deles retorna aos mesmos espaços, ou seja, reitera os mesmos sentidos. Esse movimento é chamado de **paráfrase** e tem especial importância nesta pesquisa, pois nossa busca por sentidos sobre religião nos textos

¹³ O mapeamento das vozes exige procedimentos específicos que não serão abordados neste capítulo. Segundo Benetti (2007), o estudo das vozes tem alta complexidade e não se resume a somente identificar quem está falando. Como já vimos no início do segundo capítulo deste trabalho, muitos discursos, incluindo o jornalístico, carregam o ideal de serem polifônicos, ou seja, enunciar de diferentes perspectivas. Contudo, muitas vezes isso é apenas um ideal, já que várias vozes enunciando de um mesmo ponto de vista tornam o discurso monofônico. O uso de várias vozes pode ser uma estratégia discursiva com a intenção de aparentar a pluralidade, quando a finalidade é a repetição (BENETTI, 2007).

de Superinteressante será guiada por aquilo que se repete e que torna possível mapear os sentidos hegemônicos. Essa escolha foi feita porque “o processo parafrástico assegura, ao analista de discurso, certo grau de confiabilidade na interpretação dos sentidos que o enunciador procura construir” (FINATTO, 2011, p.33).

Outro conceito teórico importante na Análise do Discurso são as **formações discursivas** (FDs), que se referem ao que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito em determinado contexto e numa formação ideológica dada, o que implica certo limite às falas, pois aquilo que eu digo está exatamente dentro do campo do que eu deveria dizer. A definição trazida por Foucault (2009) é que se trata de uma formação discursiva quando se detecta uma regularidade entre os tipos de enunciação, que estão espalhados num sistema de dispersão ao longo dos enunciados. Ou seja, durante o mapeamento dos sentidos o pesquisador vai reunir pequenos significados que constroem um sentido maior, o sentido nuclear. Esses sentidos são as FDs e é a partir delas que o pesquisador compreende os sentidos e o funcionamento discursivo. A mesma palavra pode, por exemplo, significar diferentemente porque se inscreve em duas formações discursivas distintas.

Antes de continuar essa exposição sobre as FDs, cabe apresentar aqui o conceito de **sequências discursivas**. As SDs são trechos que o pesquisador recorta arbitrariamente do texto que está analisando. Elas servem para ilustrar o relato da pesquisa e contêm as marcas discursivas dos sentidos que queremos mapear. Uma formação discursiva é, então, constituída de um conjunto de sequências discursivas que significam de uma mesma forma, que ajudam a compor o mesmo sentido.

Em sua versão clássica, a formação discursiva é definida como aquilo que pode e deve ser dito, em oposição àquilo que não pode e não deve ser dito em determinado contexto e numa formação ideológica dada (PÊCHEUX, 2009). Essa noção está amarrada a um segundo conceito da AD: as **formações ideológicas**.

As formações discursivas, sempre tendo em vista que são resultado de uma prática discursiva, não estão jogadas ao léu, como páginas soltas que, uma vez juntas, possam fazer sentido. São fruto do que chamamos formações ideológicas, ou seja, também regras de existência, mas não de discursos, e sim de estruturas de pensamento (BENETTI, 2000, p.87).

Os sentidos encontrados sempre são, dessa forma, determinados ideologicamente. “Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (ORLANDI, 2003, p.43). Segundo Benetti (2000), esse conceito é valioso para o analista do discurso porque permite encontrar a origem e a motivação do discurso. Enquanto o sujeito inconscientemente constrói enunciados a partir de formações ideológicas, o analista busca as formações discursivas que constituem esse dizer e as formações ideológicas a que pertencem.

A ideologia é onipresente em nossos dizeres, mesmo quando parece ausente. Essa ideia de que não há dizer sem ideologia é, muitas vezes, ocultada. Benetti (2000) lembra que isso acontece especialmente no campo religioso - tema de nossa pesquisa - “em que ‘verdades’ são apresentadas sem ressalvas históricas e dogmas são afirmados e reafirmados sem questionamento a respeito de sua origem e dos interesses de quem os veicula” (p.79, grifo da autora).

Cabe lembrar que nenhuma ideologia é dominante, em nenhuma sociedade. Não existe consenso total, mas enfrentamentos ideológicos ocasionados por visões de mundo diferentes. Para uma pesquisa que estuda a religião temos que levar em consideração a ideia de enfrentamentos ideológicos. Principalmente porque esses enfrentamentos, de modo geral, são ocultados pelo discurso religioso, que vende “um aparente consenso ou apresenta esse enfrentamento sob uma aparência não

ideológica, apartando a linguagem de seu caráter intrinsecamente ideológico” (BENETTI, 2000, p.80).

Outra concepção fundamental na AD são as **formações imaginárias**. Esse conceito não vai ser utilizado nesta análise, pois não trataremos diretamente da posição dos enunciadores do discurso. Contudo, consideramos importante definir o papel das formações imaginárias em Análise do Discurso.

Para começar, vamos dar um exemplo de um padre que dá um sermão a um grupo de fiéis. Agora podemos pensar em algumas imagens que os enunciadores têm um do outro: a imagem que o padre tem de um grupo de fiéis; a imagem que os fiéis têm de um padre; a imagem que o bispo, que assiste à missa, tem do padre; a imagem que o padre, em contrapartida, tem do bispo; a imagem que os fiéis têm do bispo. Essas relações imaginárias são a maneira pela qual a posição dos participantes do discurso intervém nas condições de produção desse discurso. Na relação discursiva “são as imagens que constituem as diferentes posições” entre os sujeitos (ORLANDI, 2003, p.40).

Contudo, essas formações imaginárias não são aleatórias. Esse mecanismo produz “imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica” (ORLANDI, 2003, p.40). Ou seja, as imagens estão ligadas a sentidos produzidos historicamente, como a imagem de um padre, por exemplo.

[...] Por isso a AD se torna interessante, já que cria condições teóricas e metodológicas para resgatar a memória social da onde vêm esses sentidos, a partir do entendimento das condições de produção, e remetendo a uma FD que contemple esse processo discursivo (REGINATO, 2011, p.85-86).

Pode-se definir as formações imaginárias de um discurso sob o seguinte funcionamento exposto por Pêcheux, em que ele analisa o lugar que o sujeito dá a si e ao outro no processo de comunicação:

IA(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A – “Quem sou eu para lhe falar assim?”

IA(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A – “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”

IB(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B – “Quem sou eu para que ele me fale assim?”

IB(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B – “Quem é ele para que me fale assim?” (PÊCHEUX, 1993, p. 83, grifos do autor).

O conceito de formações imaginárias importa ao discurso jornalístico na medida em que o jornalista cria uma imagem para o seu leitor, o leitor imaginado¹⁴. É por meio da ideia que o jornalista faz de seu leitor durante o processo de produção que são determinadas as escolhas temáticas, tipo de linguagem e a prática discursiva de um texto. Assim, segundo Benetti (2000), o conceito de formações imaginárias possibilita a diferenciação de linguagem e estilo entre veículos, como revista e jornal diário, por exemplo.

4.2 Um gesto de interpretação

A AD acredita que não é possível achar uma verdade oculta atrás de um texto através do estudo do discurso. Nosso objetivo é construir um dispositivo teórico que possibilite gestos de interpretação. Cabe a nós deixar claro que o dispositivo teórico se difere do dispositivo analítico em Análise do Discurso. Isso ocorre porque o analista é quem constrói o percurso de análise. Esse processo é individualizado e leva em conta a subjetividade e a história do pesquisador. De acordo com Benetti, “é preciso perceber este método como um gesto de interpretação do pesquisador em busca da compreensão sobre o funcionamento de um tipo de discurso” (2007, p.120).

¹⁴ Discursivamente, o sujeito leitor se desdobra em dois: o leitor real, que efetivamente interpreta o texto e o leitor imaginado, que existe apenas virtualmente e guia a produção do discurso (ORLANDI, 2007; STORCH, 2012). A compreensão de que existe a figura do leitor imaginado é importante porque, quando o jornalismo enuncia, o faz para o leitor que imagina e acaba indicando o lugar em que o leitor real deve (ou deveria) se posicionar para interpretar.

É possível supor, assim, que o dispositivo teórico utilizado nessa pesquisa é o mesmo, mas o dispositivo analítico é uma construção que considera as perguntas que nos propomos a responder, a natureza do material que estamos analisando e a finalidade dessa análise.

Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais (ORLANDI, 2003, p. 27).

A interpretação, é claro, sempre pode ser diferente. O movimento interpretativo é pautado por condições de produção, limites e agenciamentos teóricos, o que significa dizer que a interpretação pode ser múltipla, mas não qualquer uma (FERREIRA, 2001). Orlandi (2003) considera que esse gesto de interpretação do analista - construído em conjunto com os dispositivos teórico e analítico - se configura como a grande riqueza da Análise do Discurso.

4.3 Definição do corpus da pesquisa

Benetti (2007) sugere que a amostra de textos para a análise do discurso jornalístico seja considerável para que possa ter representatividade no funcionamento de um discurso em um período determinado. Em vista disso, escolhemos o período de dois anos para efetuar nossa pesquisa. Folheamos as revistas Superinteressante de fevereiro de 2013 a fevereiro de 2015 em busca de textos, entre eles notícias, infográficos e reportagens, que abordassem a temática religiosa. Foram encontrados 13 textos com o recorte da nossa pesquisa, enfocando a religião como tema principal durante o período. Assim, nosso corpus é composto por três matérias de capa (T7, T12 e T13), três espaços com a cartola religião (T3, T6 e T8), uma matéria na cartola de cultura (T9), duas matérias na cartola de história

(T10 e T11), duas matérias na seção Essencial (T1 e T2) e outras duas notícias na seção Super Novas (T4 e T5), conforme especificado na tabela:

Texto	Publicação	Título	Espaço na revista
T1	Março de 2013	O jogo de poder por trás do Vaticano	Essencial (seção)
T2	Abril de 2013	Para que serve o papa?	Essencial (seção)
T3	Abril de 2013	Os Jesuítas contra-atacam	Religião (cartola)
T4	Junho de 2013	A Bíblia gay	Super Novas (seção)
T5	Agosto de 2013	A cabine da fé	Super Novas (seção)
T6	Setembro de 2013	A nova cruzada	Religião (cartola)
T7	Novembro de 2013	A ciência da fé	CAPA
T8	Mai de 2014	Comida profana	Religião (cartola)
T9	Julho de 2014	Por trás do véu	Cultura (cartola)
T10	Dezembro de 2014	Em busca do santo prepúcio	História (cartola)
T11	Dezembro de 2014	O verdadeiro templo de Salomão	História (cartola)
T12	Janeiro de 2015	Êxodo	CAPA
T13	Fevereiro de 2015	Maomé: a face oculta do criador do Islã	CAPA

Tabela 1: Corpus da pesquisa. Fonte: autoria própria

 Reportagens de Capa	 Reportagens da seção Essencial
 Reportagens com a cartola "História"	 Reportagens da seção Super Novas
 Reportagens com a cartola "Religião"	 Reportagem com a cartola "Cultura"

Em um segundo momento, analisamos os textos selecionados em busca dos trechos que caracterizavam nosso objeto, ou seja, que traziam sentidos sobre a religião. Esses trechos são nossas sequências discursivas (SDs). Ao final, chegamos ao número total de 199 sequências discursivas que caracterizavam sentidos sobre a religião.

Posteriormente, essas SDs foram agrupadas em conjuntos de sentidos semelhantes, denominadas formações discursivas (FDs). São elas: **FD1 - A religião tem o poder de permitir e proibir** (97 SDs); **FD2 - A fé faz bem** (57 SDs); **FD3 – A crise e a reinvenção da fé** (41 SDs); **FD4 - A corrupção e os escândalos religiosos** (11 SDs).

No capítulo a seguir, apresentamos a análise dos sentidos sobre religião presentes nessas 199 sequências discursivas encontradas na Revista Superinteressante durante o período de dois anos. Organizamos a apresentação da análise de acordo com as formações discursivas encontradas. Em cada FD, fizemos a exposição de apenas algumas sequências discursivas para ilustrar a pesquisa, não sendo possível apresentá-las na totalidade pelo limite de páginas deste trabalho. Em cada uma das SDs que ilustram a análise, assinalamos em negrito o núcleo gerador do sentido sobre religião e, ao final, indicamos o texto no qual está inserida (T1, T2, etc) e o número da sequência discursiva (SD1, SD2, etc)¹⁵.

¹⁵ Entendendo com Benetti (2000) que o discurso é uma rede de formações discursivas que se cruzam e, às vezes, se sobrepõem, destacamos que algumas Sequências Discursivas (SDs) pertencem a mais de uma Formação Discursiva (FD).

5. JORNALISMO E FÉ: ANÁLISE DOS SENTIDOS SOBRE RELIGIÃO

*A religião é o suspiro da criança acobrinhada, o
coração de um mundo
sem coração, assim como também
o espírito de uma época sem espírito.
Ela é o ópio do povo.
Karl Marx*

Este capítulo apresenta os sentidos sobre religião encontrados na Revista Superinteressante. Estruturamos a análise a seguir de acordo com as quatro formações discursivas (FDs) mapeadas nos textos selecionados. São elas: **FD1 - A religião tem o poder de permitir e proibir** (97 SDs); **FD2 - A fé faz bem** (57 SDs); **FD3 – A crise e a reinvenção da fé** (41 SDs); **FD4 - A corrupção e os escândalos religiosos** (11 SDs). A ordem de apresentação segue do sentido com o maior número de trechos discursivos até o sentido com menos sequências discursivas (SDs), a fim de demonstrar a hegemonia dos sentidos. Destacamos as sequências discursivas encontradas e negritamos as palavras que dão sentido às formações discursivas (FDs).

5.1 FD1 – A religião tem o poder de permitir e proibir

Como destaca Orlandi (1987), uma das grandes funções da religião é servir de código ético de convivência humana. Essa definição está intimamente ligada à formação discursiva hegemônica de nossa análise. Em **96 sequências discursivas** é reiterado o sentido da religião como impondo costumes. Conforme o discurso de Superinteressante, a religião regula comportamentos individuais e coletivos, unificando os fiéis sob as mesmas normas éticas. Também fazem parte desta FD os trechos que apresentam a revista construindo o sentido de que à religião cabe proibir e permitir, dizer o que é certo e errado, fazer julgamentos morais.

A reportagem visual “Comida Profana” [T8] apela para um visual arrojado e textos curtos e explicativos para expor essas proibições feitas pela religião (Figura 1). A matéria traz as cinco principais religiões do mundo (Cristianismo, Islamismo, Hinduísmo, Budismo e Judaísmo) colocadas lado a lado com restrições e permissões feitas no cardápio dos fiéis:

As grandes religiões proíbem boa parte da população mundial de consumir certos produtos. (S135, T8)

Durante todo o nono mês do calendário muçulmano é proibido comer e beber do nascer até o pôr-do-sol. (S139, T8)

Hindus levam a sério a **proibição** de bebidas; vetam até chá e café. (S141, T8)

Fiéis leitores, conheceis as **restrições** gastronômicas impostas pelas **religiões**. (S142, T8)

Muçulmanos **não podem** comer animais marinhos que andam na terra, caso dos caranguejos. (S145, T8)

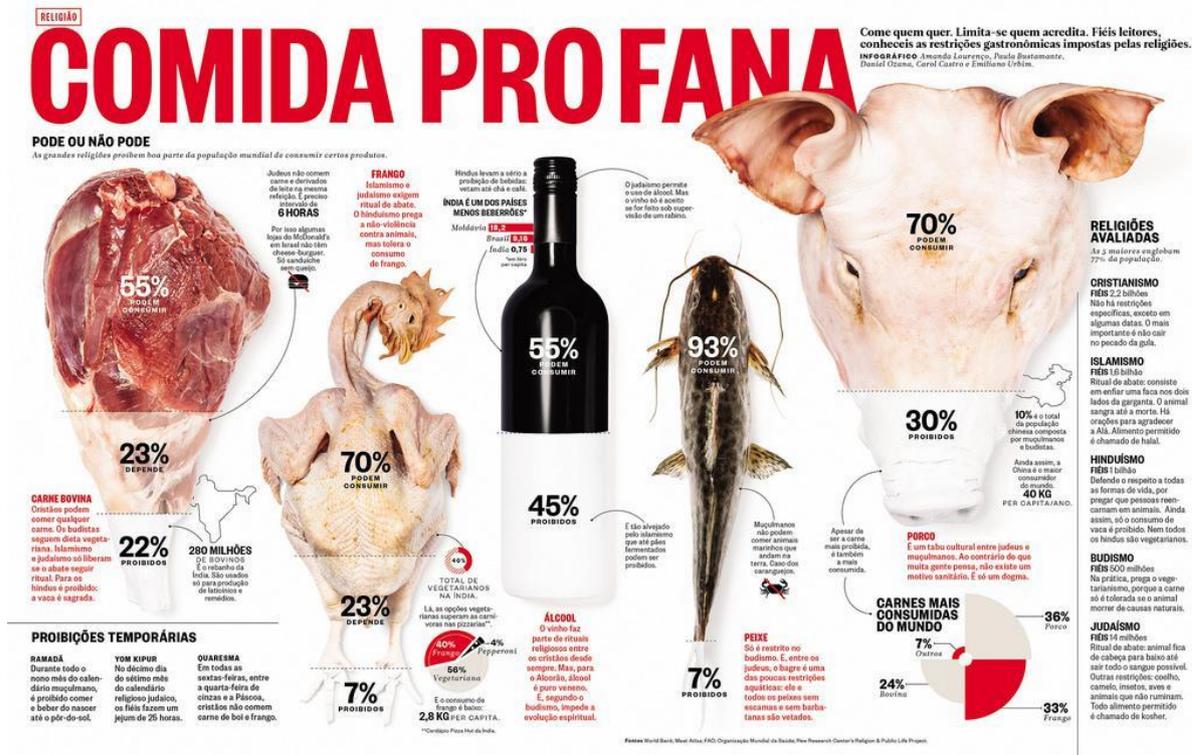


Figura 1: Comida Profana, Superinteressante, maio de 2014

Outro grupo de proibições feitas pelas religiões e que aparece nos textos da revista são aquelas mais polêmicas. A homossexualidade, o aborto, métodos

contraceptivos e testes pré-natais, por exemplo, são motivos de discórdia entre algumas religiões e seus fiéis. Superinteressante utiliza a bíblia e a figura do padre para provar que a Igreja condena certas condutas, como exposto nos trechos a seguir:

Para parte dos cristãos, ser homossexual **é errado** - e é a Bíblia que diz isso. (S47, T4)

Você não pode escolher sua orientação sexual. Mas **pode escolher** Jesus. E agora **pode escolher a sua Bíblia** também. (S48, T4)

No metrô, um padre canadense distribuía uma cartilha em inglês **contra quaisquer formas de aborto, contraceptivos, contra a pílula do dia seguinte, contra testes pré-natais, contra reprodução assistida, contra pesquisas embrionárias**. (S74, T6)

E as restrições que aparecem nas páginas de Super não se limitam ao Ocidente. A matéria “Por trás do véu” [T9], que aparece na revista sob a cartola de “cultura”, problematiza o uso do véu pelas muçulmanas a partir de recursos visuais, informação e curiosidades:

Mesmo quem não usa véu regularmente, veste a shayla para entrar em mesquitas, **onde mulheres precisam cobrir o cabelo**. (S157, T9)

Mulheres **podem decidir** se usam ou não o véu? Entre **poder de escolha, obrigação e proibição**, veja a opinião de cada país. (S159, T9)

A burca já era um traje tradicional de algumas tribos. Mas só se disseminou com a **imposição** do Talibã. (S160, T9)

Contudo, observamos que o sentido que a Superinteressante constrói é de que a religião só impõe costumes, permitindo e proibindo, porque tem poder para isso. Esse poder foi concedido historicamente, a partir da legitimidade percebida e mantida pelos fiéis. A partir desse poder, a religião manda, pune, concede perdões. Em Superinteressante, as instituições religiosas aparecem como lugares cercados de poder. Palavras como: “liderança”, “controle” e “comando”, foram repetidas em vários trechos de matérias que davam enfoque ao poder do papa, à cúpula do Vaticano e aos líderes religiosos, como vemos nas sequências a seguir:

Após a morte do João de Deus, que **resgatou o poder** da Igreja no Ocidente, houve quem apostasse que já era hora de um jesuíta assumir o papado. (S44, T3)

A igreja estava no **topo do mundo**. (S60, T6)

A **força católica** lá está em ocupar buracos deixados pela fragilidade das instituições. (S82, T6)

Uma vez em Israel, como vimos aqui, eles assumiram o **comando da religião**. (S180, T12)

Para demonstrar esse poder, a revista se apropria de alguns personagens religiosos famosos. Nas reportagens, eles aparecem como líderes detentores de grandes poderes - capazes até de mudar o mundo. São colocados na posição de porta-vozes da humanidade, autoridade política e chegam a ser chamados até de superstars.

Ele [o papa] tem tanto **poder** quanto a rainha da Inglaterra ou um vice-presidente. Mas **pode muito mais**. (S10, T2)

A opinião do **líder da igreja** pode até entrar por um ouvido de seus fiéis e sair pelo outro. Mas ela também tem o **poder de mudar o mundo**. (S11, T2)

João Paulo 2º [...] Tanto fez que terminou o **reinado** como um **superstar**. (S19, T2)

Agora o papa Francisco nem bem assumiu e já é **pop**. Tanta expectativa ao redor de uma pessoa faz dela uma espécie de **porta-voz da humanidade**. (S21, T2)

O sumo-sacerdote, que também era uma **autoridade política**. (S167, T11)

Com Meca **sob seu controle**, Maomé agora era **o homem mais poderoso** da Arábia. (S192, S13)

A maioria das SDs encontradas reiterando esse sentido se refere à Igreja Católica, justamente porque as temáticas envolvendo o Cristianismo dominam os textos que mapeamos nesses dois anos de referência (fevereiro de 2013 a fevereiro de 2015). É importante ressaltar, porém, que as reportagens sobre outras religiões também repetem o sentido de poder e imposição de costumes. É o que vemos nas SDs abaixo, retiradas dos textos “Maomé: a face oculta do criador do Islã” [T13] e “O verdadeiro templo de salomão” [T11]:

Veja alguns casos em que um israelita era **obrigado** a oferecer sacrifícios. (S168, T11)

Algumas delas realmente **proíbiam** a representação, para que Maomé não fosse idolatrado como um deus (já que só existiria um Deus). Seja no Islã, seja na vida laica, tem **lei** que pega e **lei** que não pega. Essa pegou. (S189, T13)

Abu Bakr assumiu a **liderança** do Islã aos 58 anos tornando-se o primeiro Califa (“sucessor”, em árabe). (S195, S13)

A publicação também demonstra o poder de influência da religião. Na sequência discursiva a seguir, a revista mostra - através de teorias de especialistas - como os israelitas tiveram o poder de “criar” uma história que mudou os rumos da humanidade:

O consenso entre os historiadores, porém, é que o grupo tenha **criado a história** de uma ancestralidade comum para unir seus laços. (S179, T12)

Cabe aqui destacar a importância da sequência discursiva acima, que ilustra o papel questionador da revista, avaliando a religião a partir dos olhos da ciência. Enquanto outras publicações abordam dogmas da religião como verdades absolutas, Superinteressante abre espaço para uma problematização em suas páginas.

Super também retrata as instituições religiosas buscando esse poder através da propagação e defesa da fé:

Se a missão era **propagar a fé pelo mundo**, nada melhor do que pegar carona nas naus portuguesas e espanholas em destino às terras recém-descobertas. (S34, T3)

Para a Companhia, a **propagação da fé pelo mundo** não era figura de linguagem. Um dos seus votos implicava “ir a qualquer lugar que sua Santidade ordenasse, sem alegar nenhuma desculpa, sem requisitar nenhuma verba para a jornada, em nome da prosperidade da religião cristã”. (S35, T3)

Assim o antigo monopólio católico deu lugar a um **mercado religioso competitivo** que **busca agressivamente por novos adeptos**, seja pela TV, seja caminhando por bairros, presídios e favelas. (S94, T6)

Para a cruzada em **busca de fiéis**, a Igreja Católica precisava do oposto de Ratzinger. (S76, T6)

Na revista, as religiões aparecem como concorrentes em busca de fiéis. E nessa disputa, ganha quem conseguir demonstrar mais poder, e, principalmente, quem for mais carismático. É dessa face humilde e pacificadora da fé que trataremos na formação discursiva a seguir.

5.2 FD2 – A fé faz bem

Humildade, união, consolo, carisma e busca pela paz são características frequentemente reiteradas pela religião. Esses ideais compõem a maioria dos discursos religiosos e são repetidos na revista Superinteressante. Em **57 seqüências discursivas**, a religião aparece como a responsável por melhorar a vida das pessoas, fazê-las mais felizes.

Ferreira (2012) destaca que é na religião que o homem encontra amparo para suas idiossincrasias e esse valor é reafirmado por Superinteressante. Trechos dos textos colocam a religião na posição de mantenedora da paz mundial, humilde, carismática, justa e unificadora.

Mas ampla mesmo é a sua quarta **missão: manter a paz** entre a Igreja Católica, com seu 1,2 bilhão de fiéis, e as outras religiões – incluindo aí as outras vertentes do cristianismo, que somam elas próprias outro bilhão de seguidores. (S18, T2)

Em 1962, no auge da crise dos mísseis em Cuba, João 23 colocou **panos frios na disputa** entre EUA e URSS com um **discurso pela paz** emitido pela Rádio Vaticano. (S23, T2)

Enquanto Francisco levanta a **bandeira da humildade** já nos primeiros dias do seu pontificado, resta saber quais serão as armas que o primeiro soldado de Cristo na Santa Sé usará para **defender sua fé**. (S45, T3)

Todas as rezas e religiões se encontram **pacificamente** num mesmo espaço, representando a **espiritualidade contemporânea**. (S52, T5)

[...] O novo papa deveria ser um pastor capaz de mobilizar seu rebanho - assim como São Francisco de Assis, o filho do comerciante rico que renunciou a herança e começou uma nova vida **ajudando pobres e leprosos, reconstruindo igrejas como pedreiro e pregando a humildade, a simplicidade e a justiça**. (S77, T6)

Não importa a origem e a história de vida, os peregrinos que a SUPER entrevistou têm a mesma opinião sobre Francisco: **sua humildade aproximou a Igreja de seus fiéis** tal como não se via desde os tempos do Solidarietà. (S83, T6)

Segundo Tucherman (2014), crer é uma exigência natural da condição humana. Para a autora, esse “crer” não precisa ser em uma religião, mas em qualquer coisa - de fantasmas a estudos científicos. É exatamente essa a opinião reiterada na matéria “A ciência da fé” [T7] (figura 2), que destaca os princípios de compaixão, união e alívio do sofrimento humano, valores frequentemente disseminados pelas religiões.

Religiões estimulam algo essencial para o ser humano: o espírito de comunidade. Devotos normalmente não estão sozinhos, o que ajuda nos problemas da vida. (S112, T7)

A escritora e ex-freira inglesa Karen Armstrong, autora de mais de 20 livros sobre o tema, acredita que o **princípio da compaixão está no centro de todas as tradições religiosas**. É ela que nos leva a **pensar no próximo e a fazer de tudo para aliviar o sofrimento e as angústias** dele. (S117, T7)

Na antiguidade, as religiões eram **essenciais para unir uma comunidade**. (S119, T7)

Se seu negócio não é integrar uma igreja, o psicólogo Michael McCullough lembra que algumas ONGs têm regras de conduta e convivência semelhantes, reproduzindo os mesmos mecanismos das **religiões que incentivam compaixão, autocontrole, senso de comunidade e comportamento ético**. (S130, T7)

Uma **religião humanitária**, que, ao propor uma **sociedade menos desigual e mais aberta ao diálogo**, encarnou muito do que a humanidade tem de melhor. (S199, S13)

De acordo com a matéria, a união, compaixão, humildade e paz incentivadas pela religião seriam capazes de melhorar a qualidade de vida das pessoas. A reportagem se utiliza de estudos científicos, pessoas que escreveram livros sobre o assunto e até de histórias de quem se curou pela fé, para provar que a fé faz fisicamente bem, tornando os religiosos mais longevos, felizes e satisfeitos.

A ciência se curvou aos fatos: **dezenas de estudos mostram que fiéis são mais felizes, vivem mais e são mais agradáveis**. (S99, T7)

E, na última década, uma **série de estudos mostrou que os benefícios da fé à saúde têm embasamento científico**. (S102, T7)

Devotos vivem mais e são mais felizes que a média da população. (S103, T7)

O resultado mostrou que quem frequenta cultos religiosos pelo menos uma vez por semana tem 29% mais chances de aumentar seus anos de vida em relação àqueles que não frequentam. (S107, T7)

Para Andrew Clark, um dos autores desse estudo europeu e professor da Escola de Economia de Paris, **as religiões ajudam as pessoas a superar choques ou a, pelo menos, não se desesperar tanto com os tropeços da vida.** (S113, T7)

Pessoas espiritualizadas são duas vezes mais propensas a se declarar “muito felizes” do que aquelas que não cultivam a espiritualidade. (S117, T7)



Figura 2: Capa Superinteressante, novembro de 2013

E, se na maioria dos casos a revista recorre a estudos científicos para explicar por que a fé faz bem, em outros ela mostra que há coisas que nem a ciência consegue entender. Segundo Ferreira (2012), é a fé que abre caminho para que o homem possa obter algumas respostas para os questionamentos que não são explicados pela razão. É a ela que recorremos quando a ciência, a medicina e a lógica nos falham. E Super reitera esse sentido:

Uma vez por semana, por um mês, na mesma hora, ela deitava na própria cama por 30 minutos, ao mesmo tempo em que o grupo espírita fazia a concentração. Ela em São Paulo, eles no Rio de Janeiro. No fim, Juliana voltou ao médico com novos exames. Ele viu os resultados e **não conseguia explicar** por que os componentes alterados do rim tinham voltado a níveis quase normais. (S106, T7)

Além de convocar especialistas e recorrer à ciência para reiterar o sentido de que a fé faz bem, Superinteressante também aponta a fé como uma escolha. Ou seja, para a revista, a pessoa pode escolher ter uma vida com todos esses benefícios oferecidos por uma crença, ela pode escolher a sua fé:

Entre, sente, coloque uma moeda, **escolha a sua religião**. (S49, T5)

Por meio de uma tela sensível ao toque, é possível **escolher entre 300 rezas e cantos religiosos**, em mais de 65 línguas. (S51, T5)

Já **a fé é algo pessoal, ligado à espiritualidade, à busca para compreender as respostas a grandes questões sobre a vida, o Universo e tudo mais**. (S126, T7)

Por outro lado, a publicação procura mostrar como esse poder de escolha é limitado, já que estamos, de certa forma, “programados para a fé”. Essa teoria, como trabalhamos no terceiro capítulo deste trabalho, é defendida por vários autores. Entre eles estão Eliade (1992) e Liberal (2004), que acreditam que o ser humano nasce com alguns valores religiosos preestabelecidos e que, sendo assim, até o ser humano que se diz “sem religião” teria vestígios de espiritualidade de seus antepassados. Essa ideia é similar ao sentido reiterado por Super através do uso de aspas na fala de um geneticista na reportagem “A ciência da fé” [T7]:

“Somos **programados geneticamente** para ter experiências místicas. Elas levam as pessoas para algo novo, ouvem Deus falar com elas”, explica Hammer. O pesquisador aplicou um questionário para medir o grau de espiritualidade em um grupo de 1.001 voluntários. (S124, T7)

Se nesta formação discursiva ficam claros os benefícios que a revista acredita serem perpetuados por uma religião, no sentido que veremos a seguir ela apresenta o outro lado: o de uma fé decadente que tenta se reinventar a qualquer custo.

5.3 FD3 – A crise e a reinvenção da fé

O Brasil está ficando cada vez mais plural quando o assunto são as religiões da população. A constatação foi feita pelo Censo 2010, que também detectou uma decadência em meio a essa pluralidade: o número de brasileiros que se declaram católicos vem diminuindo nas últimas décadas. O resultado dessa pesquisa está estampado em **41 sequências discursivas** das páginas de Superinteressante. A revista retrata a fé católica como atravessando um período de perda de fiéis e da influência sobre eles. Ao mesmo tempo, também mostra a fé tradicional da Igreja abalada por uma crise e pela decadência.

A **crise no Vaticano** virou um caminho sem volta: e pode ter determinado a renúncia do papa. (S4, T1)

A **crise na Igreja se reflete nos números de fiéis** no mundo todo. (S56, T6)

A **Igreja começou a se afundar na crise** enquanto os Engenheiros do Hawaii compunham *O Papa é Pop*. (S58, T6)

Há dois cenários bem diferentes na América do Norte e na América Latina - mas em ambos a **Igreja perde importância**. (S90, T6)

E, para a publicação, parece não faltar motivos para essa fuga em massa de fiéis. O primeiro deles é o conservadorismo e a inabilidade da religião tradicional de se adaptar à vida moderna. Reafirmando em vários trechos que “tudo continua igual”, “a mesma coisa”, Superinteressante reforça a ideia de que a Igreja, em sua forma tradicional, não tem mais a capacidade de convencer as pessoas:

[...] o novo papa já deixou claro que **não conversa sobre aborto, camisinha, sexo antes do casamento** [...] (S14, T2)

Como consequência, o continente de onde o catolicismo ganhou o mundo torna-se cada vez mais secularista, com a **religião perdendo espaço na vida das pessoas**. (S67, T6)

Com ele, a Igreja mantinha o **conservadorismo**, mas **perdia carisma**. (S71, T6)

Se a missas pareciam as mesmas de sempre, se o **discurso conservador** era o mesmo, o que havia de diferente para que essa JMJ [Jornada Mundial da Juventude] fosse uma resposta a **decadência da Igreja**? (S75, T6)

Não era mesmo de se esperar nenhuma grande transformação - o catolicismo, obviamente, **continua o mesmo**. (S85, T6)

Outra explicação colocada por Superinteressante é o cansaço e a indiferença religiosa das pessoas. Destaca-se aí, principalmente, a perda de jovens na Igreja Católica. Eles estariam mais preocupados em ir ao shopping do que à missa, diz a matéria sobre a Jornada Mundial da Juventude, evento que reuniu 427 mil peregrinos no Rio de Janeiro em 2013.

Nos anos finais de seu pontificado, João Paulo 2º deixou de ser um dos maiores líderes políticos do mundo e voltou sua atenção para a vida privada de seus fiéis. Não gostou do que viu. **As pessoas iam mais ao shopping do que à missa**. (S63, T6)

Até chegar lá, [o papa] percorreu o país **pregando contra o aborto e pelo ensino religioso nas escolas**. Mas a **indiferença religiosa** foi um adversário mais difícil que o comunismo. (S65, T6)

Uma pesquisa nacional perguntou se a Igreja deveria participar na vida política do país, e 57% da população respondeu “não”. Os jovens estavam tão **cansados de religião** quanto de comunismo. (S66, T6)

A burocracia da Igreja e sua falta de proximidade com os fiéis também aparece como um possível motivo para a debandada de fiéis. Nesse sentido, a revista destaca que os evangélicos se sobressaem aos católicos por conhecerem melhor seus fiéis, pregando de acordo com as necessidades de cada grupo de pessoas:

Assim se formou um enorme **vácuo espiritual** que a Igreja Católica - imobilizada pelo seu **gigantismo burocrático e acomodada em seu monopólio** - não conseguiu preencher. Por outro lado, os evangélicos tem muita agilidade [...] (S97, T6)

A maior população católica do mundo - a da América Latina - **está em declínio, por causa da competição com os evangélicos**. (S87, T6)

Até os dogmas da religião são postos à prova por Superinteressante. Em duas matérias de capa, “Êxodo” [T12] (Figura 3) e “Maomé: a face oculta do criador do Islã” [T13] (Figura 4), a revista traz especialistas para mostrar erros e equívocos dos livros sagrados. Grandes acontecimentos das religiões, como o êxodo, a escravidão no Egito e a abertura do Mar Vermelho - descritos na Bíblia -, e o

nascimento de Jesus e de Maomé - registrado no Alcorão -, são mostrados como “mitos”, “lendas” e “historinhas”.

A **história real** por trás do Êxodo é **bem diferente** da que está na Bíblia. (S173, T12)

Por que dá para cravar que **os 400 anos no Egito e a história do Êxodo são um mito?** (S175, T12)

Esses **primeiros israelitas não acreditavam em Deus**. Não no **Deus da Bíblia**. (S176, T12)

É só uma **lenda** composta para dar um caráter sobrenatural ao nascimento de Maomé, do mesmo jeito que **a historinha** da Estrela de Belém faz do parto de Jesus um acontecimento transcendente. (S187, S13)



Figura 3: Capa Superinteressante, jan. 2015



Figura 4: Capa Superinteressante, fev. 2015

É importante ressaltarmos nesta formação discursiva que este lugar de questionamento das religiões encontra espaço em Superinteressante. Em muitos veículos talvez essa crítica não fosse feita, dadas as condições de produção dos discursos em outros contextos jornalísticos, nos quais esse questionamento *não pode e não deve* ser feito. Se no discurso religioso é muito raro ver as verdades e dogmas serem colocadas à prova, no discurso jornalístico de Superinteressante este lugar está mais do que garantido.

Mas Super não é uma pessimista em relação à crise da religião. Vários trechos discursivos mostram a decadência da fé atrelada com uma necessidade de reinvenção da Igreja. A tecnologia aparece como uma possível aliada no texto “Cabine da fé” [T5], que apresenta uma máquina instalada em estações de metrô, na qual a pessoa pode ouvir orações e cantos religiosos. E, com um detalhe: há opções para todos os tipos de crenças. Segundo Super, se o fiel está cansado de tanto conservadorismo, é um sinal de que está na hora da renovação:

Em um mundo impactado pela Teoria da Evolução de Darwin e por ideologias que viam a **religião como fonte de atraso e ignorância, a Igreja Católica precisava se reinventar.** (S40, T3)

A vida moderna tende a afastar as pessoas da religião – mas a tecnologia pode trazê-las de volta. (S50, T5)

A vinda do papa Francisco ao Brasil foi muito mais do que uma simples visita - ela é o começo de uma **grande ofensiva mundial da Igreja para reconquistar a influência perdida.** (S53, T6)

Diante da **crise de fiéis**, dos escândalos sexuais e de uma denúncia de lavagem de dinheiro pelo Banco do Vaticano, Bento 16 torceu o nariz e anunciou que a **Igreja queria menos “quantidade” e mais “qualidade” de fiéis.** (S71, T6)

Outra aliada na luta contra a crise é a própria Igreja, que, como a revista bem lembra, continua exercendo seu poder. A opinião de seus líderes ainda tem um peso nas decisões dos fiéis. Talvez não como antes, relata a Super, mas continua sendo relevante:

Por mais que certas posições da Igreja **não façam mais sentido no tempo e no espaço em que seus seguidores vivem**, o papel do homem que senta na Santa cadeira continua relevante. (S15, T2)

A vinda do papa Francisco ao Brasil foi muito mais do que uma simples visita - ela é o começo de uma **grande ofensiva mundial da Igreja para reconquistar a influência perdida.** (S53, T6)

De certa maneira, parte do declínio da Igreja está ligado à nossa última formação discursiva, que será apresentada abaixo.

5.4 FD4 – A corrupção e os escândalos religiosos

Liberal (2004) acredita que os valores religiosos são um referencial para estabelecermos nossas ações no dia a dia. Assim como são os valores éticos. Se os valores religiosos são corrompidos pelos líderes da Igreja, no entanto, abre precedentes para que os fiéis deixem de balizar suas ações em vista do que diz a religião. Assim chegamos ao nosso quarto sentido, que reitera alguns grupos religiosos como corruptos, ladrões e assassinos. É o sentido minoritário da análise, mas que se mostra relevante na construção que Superinteressante faz da religião: são **11 sequências discursivas** que expõem lavagem de dinheiro, escândalos sexuais e intrigas pelo poder dentro da Igreja:

Como um **escândalo de corrupção, lavagem de dinheiro e intrigas pelo poder** dividiu a cúpula da Igreja. E por que ele será uma peça-chave na eleição do próximo papa. (S1 T1)

Ondas de denúncias de abuso sexual contra menores pelo clero surgiram nos EUA, na Irlanda e depois se espalharam pelo mundo. (S69, T6)

Mas numa coisa esta história está indiscutivelmente certa: existem **intrigas pesadas dentro do Vaticano**. (S2, T1)

Uma prova dessas **intrigas** está em outra carta que foi parar na imprensa ano passado. (S3, T1)

Se Bento 16 passou décadas dentro do Vaticano e nada conseguiu fazer para faxiná-lo de **escândalos**, o novo precisava ser um forasteiro distante o suficiente da Cúria Romana para ser capaz de transformá-la. (S78, T6)

Em “Maomé: a face oculta do criador do Islã” [T13], a revista levanta outro tema polêmico: a ação de grupos extremistas que matam em nome da religião. Mas a posição da revista é cuidadosa e contrária a generalizações. Por meio do uso de palavras como “minoría” e “extremistas”, Superinteressante deixa clara sua posição de evitar o preconceito para com uma religião específica. Vale lembrar que essa reportagem está dentro de um contexto específico. Afinal, chegou às bancas em fevereiro de 2015, um mês após o atentado terrorista ao jornal francês Charlie Hebdo, em Paris. O ataque, que matou 12 pessoas, teria sido feito por extremistas

islâmicos. A intenção de Super foi mostrar que esse tipo de comportamento nunca foi incentivado pelo criador do Islã, o profeta Maomé:

Por outro lado, é óbvio: o que motivou este texto foi a **violência dos extremistas islâmicos**, uma minoria estridente que **comete crimes em nome de sua religião**, sem saber que outro **grande delito** que está perpetrando é **contra o próprio islamismo** e, mais ainda, contra a imagem de Maomé, um homem que trabalhou pela civilização, não pela **barbárie**. (S173, T13)

5.5 Implicações da análise

Feita acima a apresentação dos sentidos encontrados, podemos dizer que a partir dessas quatro formações discursivas apresentadas entendemos com mais a clareza o funcionamento do discurso de Superinteressante sobre a religião. Observamos aqui a predominância de dois sentidos: “A religião tem o poder de permitir e proibir” e “A fé faz bem”. Esses discursos convergem com alguns algumas questões que estão presentes na vida do homem moderno, em que imposições feitas pela Igreja ainda persistem, mas seu poder já não é mais irrestrito. Em alguns lugares, há espaço para questionar os mais diversos tipos de fé. Faz parte da vida do homem continuar sem respostas para certos acontecimentos. Muitas vezes, é na fé que ele procura dissolver esse mistério e acaba usufruindo de seus benefícios.

No discurso de Super, há lugar para que crenças, líderes religiosos e atitudes da Igreja sejam questionadas. Há uma exposição da crise de fiéis vivida pela religião em vez de tentar esconder o fato de que a Igreja está passando por uma reinvenção. Porém, igualmente a publicação cria um espaço para demonstrar os benefícios trazidos pela fé para seus leitores. Seu papel aqui não é demonizar as religiões, muito menos servir de panfleto a elas. Super parece ter um caráter pedagógico quando se trata de religião. E privilegia a curiosidade, a informação e o questionamento em vez do julgamento.

Devemos deixar claro que, apesar de as temáticas envolvendo a Igreja Católica dominarem o período da revista que corresponde à nossa análise, *Superinteressante* não parece demonstrar predominância em apresentar algum tipo de fé. Além das cinco grandes religiões - Cristianismo, Islamismo, Hinduísmo, Budismo e Judaísmo -, o Espiritismo (que tem grande representatividade no Brasil) também é citado pela *Super*. Já entre os personagens, os de origem cristã dominam as páginas: papa, jesuítas, Jesus, israelitas, Jacó, Moisés. Pelo Islamismo, além de Maomé, Abu Bakr e Ali, seus sucessores, aparecem na revista.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrida a jornada desta pesquisa, cumprimos os objetivos a que nos propomos em seu início. Além de analisar como Superinteressante constrói os sentidos sobre religião, identificamos, dentre eles, os hegemônicos. Nossa análise foi guiada pela investigação cuidadosa das religiões que estiveram presentes nas páginas da revista durante o período da pesquisa, e também dos personagens tratados por ela de forma mais aprofundada.

A escolha da Análise do Discurso (AD) como aporte teórico-metodológico nos possibilitou um gesto de interpretação dos sentidos sobre religião encontrados em Super. Lembramos, é claro, que apesar de nos apoiarmos nos conceitos que regem a Análise do Discurso, a pesquisa é constituída de uma carga pessoal, que inclui a subjetividade e a história do pesquisador. Ainda mais se levarmos em conta o discurso religioso, grande tema dessa pesquisa e que faz ressurgir uma série de memórias no sujeito.

Nosso corpus, composto a partir do mapeamento de dois anos em edições da revista Superinteressante, resultou em 13 textos que avultaram ao todo 96 páginas da revista. Foi um desafio percorrer essa centena de páginas com um olhar de pesquisador.

Nem sempre foi possível perceber de primeira como os sentidos sobre religião eram formados na Superinteressante, mas, logo, o funcionamento do discurso começou a aparecer, e percebemos nos textos o processo que lhes era exterior e anterior. Foram mapeadas, assim, 199 sequências discursivas que geravam sentidos predominantes. E, reunir esses trechos em grupos que

significavam da mesma maneira, ou seja, que reiteravam o mesmo sentido, acabou se mostrando igualmente desafiador.

Foi em meio a esse trabalho de formação do corpus da pesquisa que percebemos a religião como um dos grandes temas do jornalismo. Ela volta - e sempre voltará - às capas de revistas, aos jornais e aos telejornais de tempos em tempos como um assunto inédito. Esse mecanismo, chamado de enunciador giratório (PRADO, 2009), tem a religião como sua maior aliada. É a ela, afinal, que o homem recorre para explicar o imponderável.

A construção de um capítulo teórico que abraçasse todos os meandros que desejávamos sobre religião só foi possível porque nos cercamos de boas referências bibliográficas, incluindo o historiador das religiões Mircea Eliade. Concluímos que além de ajudar “a encontrar soluções para o que parece inexplicável, possibilitando o acesso do homem ao que Lévêque chama de ‘a ordem secreta do mundo’” (BENETTI, 2000, p.13, grifo da autora), a religião tem a capacidade de agregar pessoas e fortalecer laços; aliviar o sofrimento humano pregando a paz e a humildade; e está onipresente em nossa cultura, impondo costumes e crenças.

Esse cenário teórico foi importante na medida em que definimos as formações discursivas como: “A religião tem o poder de permitir e proibir”, “A fé faz bem”, “A crise e a reinvenção da fé” e “A corrupção e os escândalos religiosos”.

A religião, no sentido de detentora do poder e responsável por impor costumes aos fiéis, se configurou como a formação discursiva hegemônica da pesquisa. Foi reiterada em 96 trechos discursivos. Esse sentido apareceu tanto em matérias que reforçavam o poder da Igreja Católica, do Vaticano e de líderes religiosos - como o papa -, quanto em reportagens que tratavam das restrições gastronômicas feitas pelas religiões e do uso do véu no mundo muçulmano.

Os benefícios - tanto físicos quanto psicológicos - trazidos pela fé foi o sentido com o segundo maior número de sequências discursivas (57 SDs). Superinteressante destaca tanto os poderes da fé de fazer “bem”, quanto de fazer “o bem”, propagando princípios como a humildade, a paz e o carisma.

Por fim, sugerimos aqui algumas possibilidades de aprofundamento para este trabalho. A primeira delas seria ampliar esta análise para o estudo das vozes. Segundo Benetti (2007), além da identificação dos sentidos, a Análise do Discurso é especialmente importante para o mapeamento das vozes do texto jornalístico. Esse recorte de pesquisa seria interessante já que, durante a análise dos trechos discursivos, observamos que muitos sentidos são reiterados a partir da fala das fontes. Por ser uma revista que se volta à ciência, Superinteressante costuma ouvir uma quantidade considerável de professores, cientistas, pesquisadores, etc. E, dessa forma, encontra modos de legitimar seu discurso sobre determinados temas, dentre eles, a religião.

Outra possibilidade de continuação deste trabalho seria a elaboração de uma comparação entre os sentidos sobre religião encontrados nos primeiros anos da revista Superinteressante e aqueles encontrados atualmente. Essa comparação seria relevante porque Super já mudou seu perfil editorial algumas vezes desde o início da revista. Além disso, essa pesquisa traria um olhar sobre a evolução das revistas e, principalmente, do discurso religioso.

Ao trabalhar pela repetição, o discurso aciona a memória. Assim, foi bastante interessante compreender que memórias são acionadas sobre religião – e sobre história, cultura, sociedade – quando a revista constrói seu discurso. Para além de Superinteressante, destacamos a compreensão da religião como um tema muito

caro ao jornalismo e que é – e provavelmente sempre será – impactante econômica, política e moralmente para a vida das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Helvânia Ferreira. **Deuses superinteressantes**: a religião na perspectiva da Revista Superinteressante - edições de 2000 a 2002. São Paulo: PUC-SP, 2006.

AGUIAR, Helvânia Ferreira. **Deus está nas bancas**: uma reflexão sobre a abordagem da religião na revista Superinteressante. *Ciência & Comunicação*, Vol. 3, p. 1-14, 2006.

BENETTI, Marcia. **Deus vence o diabo**: o discurso dos testemunhos da Igreja Universal do Reino de Deus. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2000.

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**. N. 14. São Paulo: PUC-SP, 2008.

BENETTI, Marcia. Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Esfera pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2009.

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges Toni (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BENETTI, Marcia; STORCH, Laura; FINATTO, Paulo. Jornalismo de revista, meta-acontecimento e dispositivo de autoridade. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (org.). **Jornalismo e acontecimento**: percursos metodológicos. V. 1. Florianópolis: Insular, 2011.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 28.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BUCKINGHAM, Will et al. **O Livro da Filosofia**. Tradução de Douglas Kim. São Paulo, Globo, 2011.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. Revista e segmentação: dividir para reunir. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges Toni (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BURGIERMAN, Denis Russo. Carta ao leitor. **Revista Superinteressante**, ed. 328, Janeiro de 2014. São Paulo, Editora Abril.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CORREIO BRAZILIENSE. **Espiritismo avança e atrai milhares de turistas ao médium João de Deus.** Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2014/01/31/internas_economia.410546/espiritismo-avanca-e-atrai-milhares-de-turistas-ao-medium-joao-de-deus.shtml> Acesso em: 3 de junho de 2015.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos:** Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões.** Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

FERREIRA, Maria Cristina L. (Org.). **Glossário de termos do discurso.** Porto Alegre: UFRGS, 2001. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2015.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. A religião como necessidade social. **Revista Cogitationes**, Vol. III, nº 7, abr.-jul./2012.

FINATTO JÚNIOR, Paulo Rogério. **O julgamento do caso Isabella Nardoni no programa Brasil Urgente.** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2009. 18.ed.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente:** como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

FURTADO, Thaís. O aprofundamento como caminho da reportagem de revista. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges Toni (org.). **A revista e seu jornalismo.** Porto Alegre: Penso, 2013.

IBGE. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião.** Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>>. Acesso em: 29 de maio de 2015.

KRAKAUER, Jon. **Pela bandeira do paraíso:** uma história de fé e violência. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LIBERAL, Márcia Mello Costa de. Religião, identidade e sentido de pertencimento. **VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - A questão social no novo milênio.** Coimbra, 2004.

LISBOA, Sílvia. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

MIGUEL, Luís Felipe. O jornalismo como sistema perito. **Tempo Social.** Revista de Sociologia da USP. V. 11, n. 1. São Paulo: USP, 1999.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX.** São Paulo: Olho D'Água: FAPESP, 2003.

NOVAES, Allan Macedo de. **A crise da ciência: pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante.** Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação, Vol. 1, No 1, p. 02-11, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Palavra, fé, poder.** Campinas, Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 5.ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. 5.ed.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org). **Por uma análise automática do discurso: uma Introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PRADO, José Luiz Aidar. **Experiências e receituário performativo na mídia impressa.** *Intexto*, v.1, n.20, 2009.

PUBLIABRIL. **Revista Superinteressante.** Disponível em:
<<http://www.publiabril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais>>
Acesso em: 13 de abril de 2015.

REGINATO, Gisele Dotto. **Em busca da complexa simplicidade: o consumo no discurso jornalístico da revista Vida Simples.** Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM, 2011.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2004.

SERRA, Paulo. **O princípio da credibilidade na selecção da informação mediática.** BOCC. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2006.

SOUZA, Viviane de Assunção e. **Jornalismo científico na Revista Superinteressante**. 2012. 49 f. Monografia (Bacharel em Jornalismo). Curso de Jornalismo. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2012.

STORCH, Laura. **O leitor imaginado no jornalismo de revista: uma proposta metodológica**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

TAVARES, Frederico; SCHWAAB, Reges. Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges Toni (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.

TUCHERMAN, Ieda; SANTOS, Leandro de Paula. A fé não costuma falhar: sobre crenças e outras ajudas. **23º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)**. Belém: Compós, maio de 2014.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

VITORINO, Monique Alves. **Representações multimodais: a religião pela capa de revista**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

ANEXOS

ANEXO A - O jogo de poder por trás do Vaticano – [T1] Alexandre Versignassi



O jogo de poder por trás do Vaticano

Como um escândalo de corrupção, lavagem de dinheiro e intrigas pelo poder dividiu a cúpula da Igreja. E por que ele será uma peça-chave na eleição do próximo papa. — **TEXTO** *Alexandre Versignassi*

Ilustração *Fabrcio Lopes*



“O papa vai morrer daqui a um ano”, teria dito o cardeal italiano Paolo Romeo numa viagem à China. Foi há um ano e quatro meses. Bento 16 não está morto, claro, mas que seu posto está vago, está. Essas palavras saíram numa carta publicada em janeiro do ano passado pelo *Il Fatto Quotidiano*, um jornal de Roma. Segundo os editores, a carta tinha sido entregue ao papa por testemunhas da declaração. Logo que saiu a notícia do “plano para matar Bento 16”, o cardeal Romeo desmentiu: “Isso é algo tão fora da realidade que nem deveria ser levado em consideração”, disse. E ficou por isso mesmo. O tal documento passou a ser considerado uma farsa.

Mas numa coisa esta história está indiscutivelmente certa: existem intrigas pesadas dentro do Vaticano. E a tese mais aceita hoje é que, sim, elas colaboraram para que o papa renunciasse. Uma prova dessas intrigas está em outra carta que foi parar na imprensa ano passado. Desta vez, uma que o Vaticano assumiu ser autêntica. Foi uma mensagem escrita em 2011 e endereçada ao cardeal Tarcisio Bertone, o todo-poderoso secretário de Estado do Vaticano. O remetente é o arcebispo Carlos Maria Vígano, então um dos responsáveis pela administração da Santa Sé. Vígano acusa colegas de terem superfaturado contratos de obras no Vaticano, o que teria causado um prejuízo de € 2 milhões aos cofres da Igreja. No final, o arcebispo pede para não ser transferido, de modo que possa continuar seu trabalho de saneamento das contas. E Bertone fez o quê? Transferiu o arcebispo. Hoje Vígano é embaixador do Vaticano em Washington - notoriamente a contragosto. O Vaticano silenciou sobre o assunto. Mas não dá para negar: o documento indica que Bertone pode ter protegido o esquema.

Isso jogou gasolina num incêndio que já tinha começado em 2010. Foi quando a Justiça italiana bloqueou € 23 milhões das contas da Igreja, acusando o Vaticano de “não saber explicar” a origem desse dinheiro. O banco do Vaticano (cujo nome oficial é IOR - Instituto de Obras Religiosas) acabou sob suspeita de lavagem de dinheiro. A grana de eventuais esquemas de corrupção entraria “suja” no IOR, sem origem legal. E sairia “limpa”, como se fosse dinheiro que a Igreja arrecadou de doações de fiéis, por exemplo. Mas calma: o banco do Vaticano nunca foi acusado formalmente de lavagem de dinheiro. A Justiça até liberou os € 23 milhões em troca de uma promessa do banco: tornar suas ações transparentes, abrindo seus livros-caixa para auditores sempre que solicitado. E o caso morreu aí. Mas renasceu depois da carta de Vígano: ela indicava que havia pelo menos uma fonte de dinheiro sujo dentro da Igreja.

Depois piorou. Começaram a pipocar mais documentos internos do Vaticano, acusando Bertone e seus aliados de sabotar as reformas para dar transparência ao banco do Vaticano. O caso acabou conhecido como “Vatileaks”. E deixou uma suspeita: quem estaria por trás de tantos vazamentos? Os vaticanistas (jornalistas que cobrem o dia a dia da cidade-Estado) não têm dúvida: foram cardeais que queriam derrubar Tarcisio Bertone.

Ratzinger nomeou Bertone secretário de Estado em 2006. E desde lá o italiano coleciona inimigos na cúpula da Igreja. Seus detratores o criticam por não ter pre-



paro para o cargo - ele não fala inglês nem francês. E, principalmente, por suas armações políticas. O jogo mais notório de Bertone foi uma manobra para tentar garantir que o sucessor de Bento 16 seja um italiano - ou ele próprio. Quem elege o Papa são os cardeais com menos de 80 anos. E dos 18 cardeais menores de 80 nomeados recentemente, sete são italianos. Seis, inclusive, trabalham com Bertone.

Não é à toa que, no discurso que deu após a renúncia, o papa falou em uma “divisão no corpo eclesial”. E que essa divisão “deturpava o rosto da Igreja”. Uma amostra dessa cisão, por sinal, envolveu um dos favoritos para a sucessão de Bento 16, o cardeal ganês Peter Turkson. Em 2011, ele soltou um memorando para a imprensa defendendo a criação de uma autoridade financeira global para fiscalizar países e bancos. Bertone não gostou. Segundo vaticanistas, ele disse que o memorando ia contra a posição do papa sobre o assunto. E deixou claro: dali em diante, nenhum documento iria para a imprensa sem a autorização da Secretaria de Estado. Turkson reagiu mostrando um trecho da última encíclica de Bento 16, em que o papa fala sobre a urgência de “uma verdadeira autoridade política mundial”.

Turkson não é um cardeal qualquer. É um dos cabeças da Igreja, chefe do Conselho Pontifício pela Paz e Justiça, uma das “diretorias” mais importantes do Vaticano. Por isso está entre os favoritos - e também por ser negro e africano, o que daria um gás no carisma da Igreja. Em suma, é uma figura com poder de sobra para atrapalhar os planos de Bertone. E se uma figura dessas vem falar em “autoridade para fiscalizar bancos” justamente com o caso da lavagem de dinheiro pegando fogo, é fácil interpretar como provocação. E quando qualquer coisa pode ser entendida como provocação, estamos numa crise sem volta. Uma crise que pode ter dado aval à decisão de Joseph Ratzinger: se ele perdesse a lucidez antes da morte, deixaria o Vaticano sem comando exatamente num dos momentos mais conturbados de sua história.

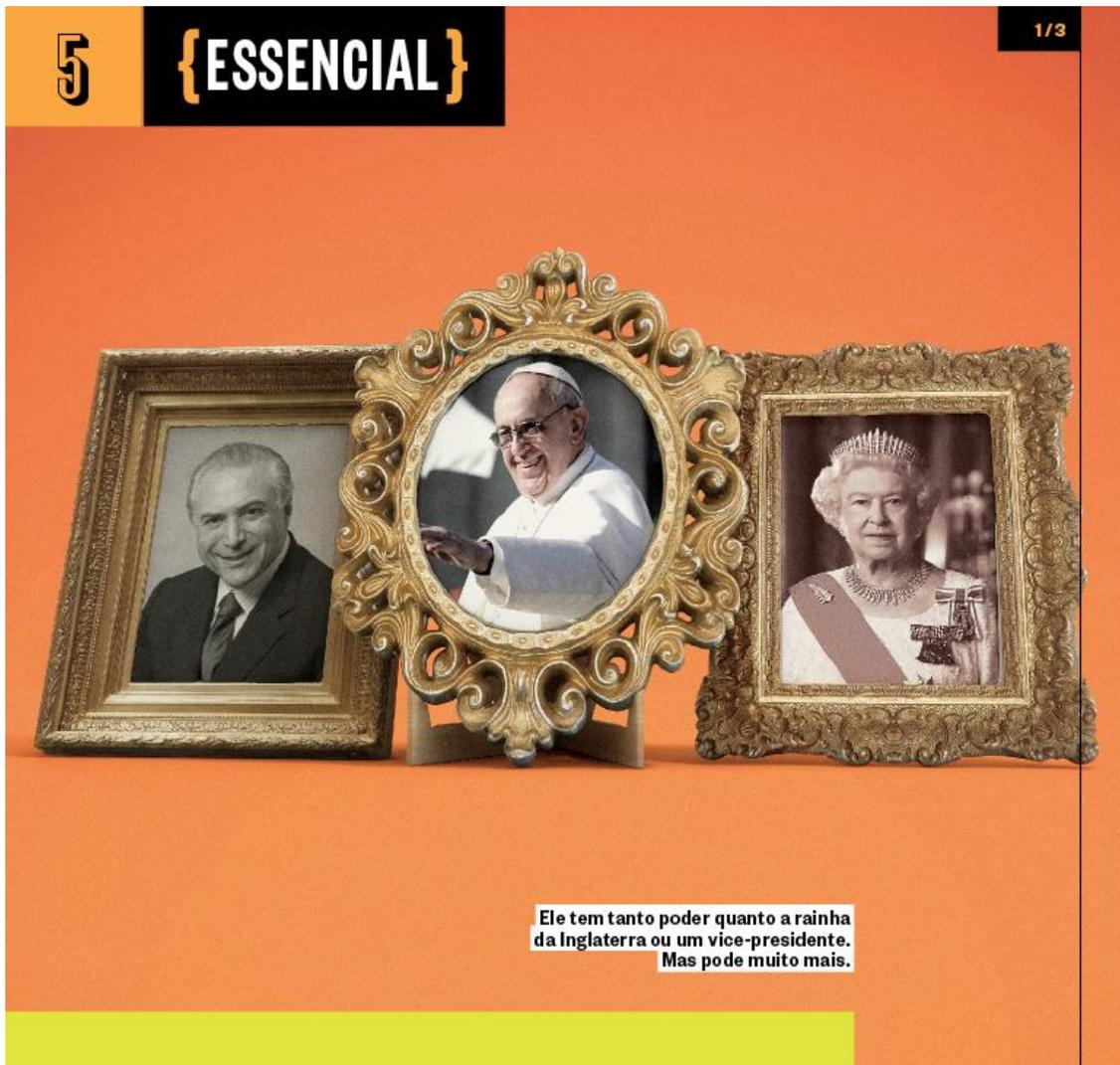
Por outro lado, é esse caldeirão de intrigas que deve determinar o resultado do próximo conclave. Desta vez, a fumaça que tradicionalmente sai da chaminé da Capela Sistina indicando a eleição de um novo papa terá um significado bem menos figurativo. ■

A CRISE NO VATICANO VIROU UM CAMINHO SEM VOLTA: E PODE TER DETERMINADO A RENÚNCIA DO PAPA.



Fonte: Superinteressante, março de 2013

ANEXO B - Para que serve o papa? – [T2] Alexandre Versignassi e Eduardo Szklarz



Para que serve o papa?

A opinião do líder da Igreja pode até entrar por um ouvido de seus fiéis e sair pelo outro. Mas ela também tem o poder de mudar o mundo. E o papa Francisco tem tudo para isso.

— **TEXTO** Alexandre Versignassi e Eduardo Szklarz

Ilustração Fabrício Lopes



Ele não ganhava salário, mas tinha quatro empregadas, um mordomo e um secretário. “São a minha família”, dizia. Acordava às 6h, tomava banho, fazia a barba e se vestia de branco. Depois tomava café com a “família”, discutia a agenda do dia com seus assessores e, se não tivesse nenhuma audiência marcada, estudava um pouco de teologia até a hora do almoço, às 13h15. Fazia a siesta e voltava a estudar às 16h. O jantar era cedinho, às 19h30. Ai era ver o noticiário da noite na TV e cama. Às 21h, já tinha dado boa noite para os funcionários e vestido o pijama. Essa era a rotina de Bento 16. E no que depender de Francisco 1º, ela vai ficar ainda mais simples.

O então cardeal Jorge Bergoglio fez questão de pagar a conta do hotel onde se hospedou durante o conclave e, uma vez eleito papa, não quis usar a cruz de ouro nem o papa-móvel. Algo natural para um senhor que andava de metrô quando era arcebispo de Buenos Aires. Amante do tango e torcedor fanático do San Lorenzo, Francisco trouxe uma feição mais humana e bem-humorada ao papado que a do autor de livros de teologia Joseph Ratzinger.

Mas de resto não muda muita coisa: o novo papa já deixou claro que não conversa sobre aborto, camisinha, sexo antes do casamento...

Mas parece que falta combinar com os fiéis. O país com mais católicos no mundo é um vizinho da terra natal do papa chamado Brasil. Nesse país existe um instituto de pesquisa chamado Ibope. Em 2007, ele auferiu que 96% dos jovens que se dizem católicos são a favor do uso da camisinha. Entre toda a população de 18 a 29 anos, esse índice de aprovação é de 95%. Ou seja: ainda que dentro da margem de erro, os católicos tendem a ser mais a favor da camisinha. Quem puxa a média para baixo são os evangélicos, com “só” 92% de aprovação ao contraceptivo. A mesma pesquisa mostra que os católicos mais jovens também têm opiniões divergentes da Igreja em relação a outros temas espinhosos, como o aborto.

Então caramba. Se a opinião que o papa representa entra por um ouvido de seus fiéis e sai pelo outro, para que ele serve? Para ser um popstar ligeiramente mais velho que o Mick Jagger? Uma pessoa cujo principal trabalho é acenar para multidões?

Bom, parte do trabalho de ser papa consiste disso mesmo. Mas não fica nisso, claro. Por mais que certas posições da Igreja não façam mais sentido no tempo e no espaço em que seus seguidores vivem, o papel do homem que senta na Santa cadeira continua relevante. Papel não. Papéis, já que o Sumo Pontífice encarna vários personagens sob a mesma batina. E saber qual é cada um deles ajuda a entender melhor a dimensão real de um papa.

Primeiro, o mais banal desses papéis: o papa também é bispo. Ele é o responsável pela diocese de Roma de forma tão direta quanto dom Odilo Scherer pela de São Paulo. João Paulo 2º, por exemplo, passava as manhãs resolvendo as demandas da diocese local, que hoje conta com 5.994 padres e 2,6 milhões de fiéis.

Na sua função mais conhecida, a de líder supremo da Igreja Católica, o papa pode banir teólogos, canonizar beatos e nomear cardeais. De quebra, também tem o emprego de chefe de Estado do Vaticano - um enclave do tamanho de 52 campos de



futebol no coração de Roma. Ali, o papa atua como o último monarca absoluto da Europa. Ele delega a administração a cardeais, mas pode mandar como bem entende nos 800 e poucos habitantes. Também dá as cartas em temas espirituais: ninguém pode julgá-lo nem recorrer de suas decisões. Mas ampla mesmo é a sua quarta missão: manter a paz entre a Igreja Católica, com seu 1,2 bilhão de fiéis, e as outras religiões – incluindo aí as outras vertentes do cristianismo, que somam elas próprias outro bilhão de seguidores.

João Paulo 2º levou isso a ferro e fogo: avançou no intercâmbio com os ortodoxos e tentou construir laços com os evangélicos. Foi também o primeiro papa a visitar uma sinagoga em Roma, em 1986, e o primeiro a entrar numa mesquita, na Síria, em 2001. Tanto fez que terminou o reinado como um superstar. Seu funeral, em 2005, reuniu pelo menos 4 milhões de pessoas e contou com mais chefes de Estado que qualquer outro evento fora da ONU.

Agora o papa Francisco nem bem assumiu e já é pop. Tanta expectativa ao redor de uma pessoa faz dela uma espécie de porta-voz da humanidade. As pessoas esperam que ele opine sobre tudo, como um Caetano Veloso de batina, com a diferença de que sua opinião se torna um fato global instantâneo. Em 1962, no auge da crise dos mísseis em Cuba, João 23 colocou panos frios na disputa entre EUA e URSS com um discurso pela paz emitido pela Rádio Vaticano. Em 1978, Chile e Argentina desistiram de guerrear por uma disputa no Canal de Beagle graças à mediação de João Paulo 2º. O mesmo papa ajudou a derrubar o comunismo na Polônia, seu país, dando apoio à oposição e bloqueando o monopólio da informação do regime. As paróquias polonesas distribuía jornais clandestinos com informação sobre o que se passava no mundo do outro lado da cortina de ferro. E o fim do regime fechado na Polônia, em 1990, foi um dos marcos do fim da Guerra Fria.

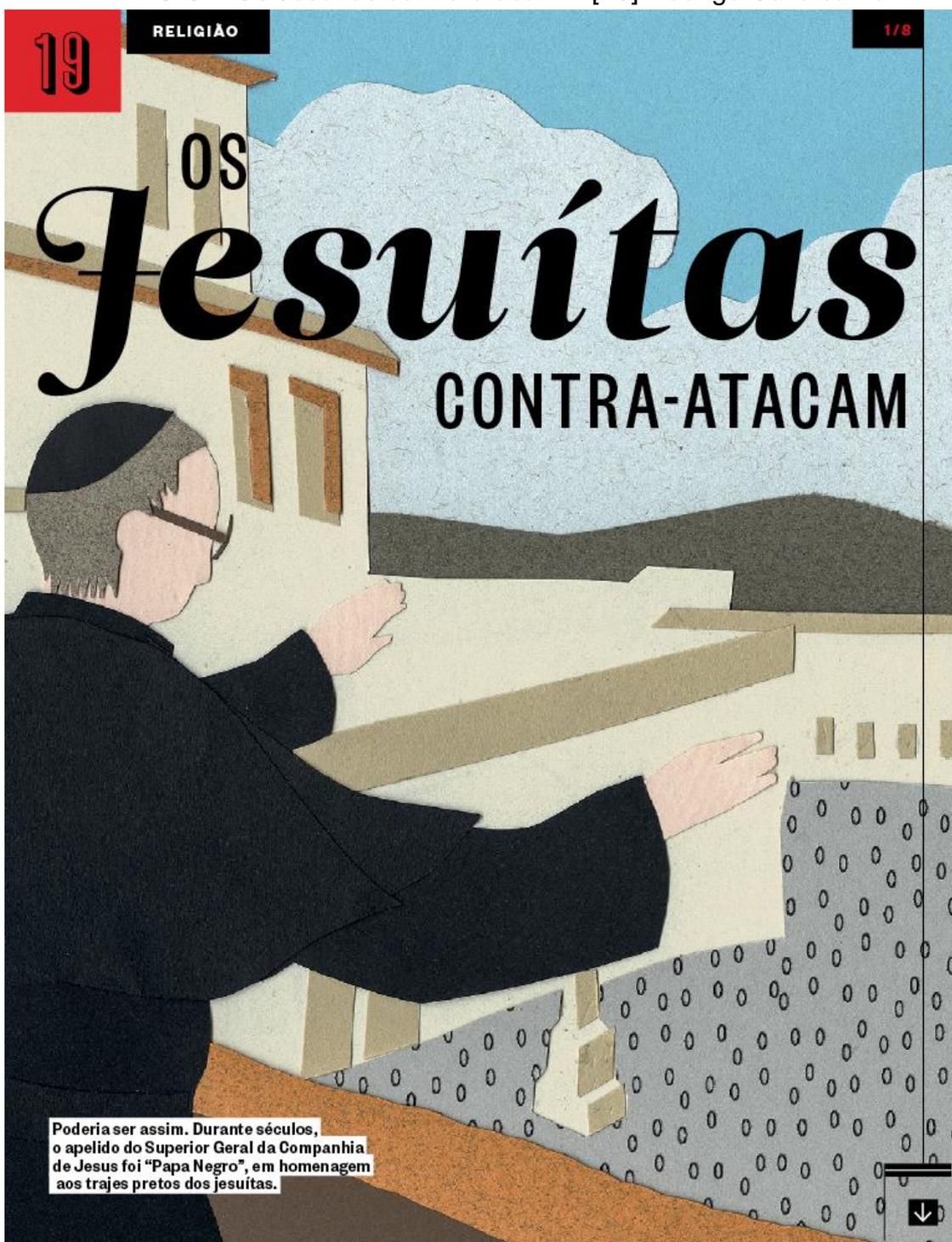
Em suma: o papa pode até não ser ouvido pelos próprios fiéis quando o assunto é a vida particular deles. Mas às vezes influencia mais no destino do mundo do que qualquer chefe de Estado. Se o chefe da Igreja for um líder dinâmico e negociador, como foi João Paulo 2º, certamente vai deixar um legado relevante. E o simpático e firme papa Francisco tem tudo para isso. *Buena suerte, Jorge.* 



OS CATÓLICOS SÃO MAIS A FAVOR DA CAMISINHA DO QUE A MÉDIA DA POPULAÇÃO.

Fonte: Superinteressante, abril de 2013

ANEXO C – Os Jesuítas contra-atacam – [T3] Rodrigo Cavalcante





O Vaticano estava pressionado. Estadistas do mundo inteiro aguardavam com ansiedade a posição oficial da Igreja. Depois de quatro anos de hesitação, o papa finalmente tomou a decisão. No dia 21 de julho de 1773, em breves 45 parágrafos, Clemente 14 extinguiu da Igreja a Companhia de Jesus, a poderosa e temida ordem dos jesuítas. A expulsão foi fruto das pressões de diversos governantes incomodados com o poder que os jesuítas haviam acumulado em 200 anos de existência, quando se tornaram uma das maiores organizações religiosas do planeta. Os soldados de Cristo, como eram chamados, formaram a tropa de elite na defesa do Vaticano durante a Reforma Protestante, quando novas religiões cristãs como o luteranismo e o anglicanismo foram fundadas. Além disso, foram os jesuítas que propagaram a fé pelos rincões da terra, das montanhas do Tibete às florestas tropicais do Brasil. Seus mais de 700 centros de ensino educaram filósofos como René Descartes e, ao redor do pátio de seus colégios, nasceram grandes cidades, como São Paulo. Apesar de banida pelo papa, a Companhia de Jesus não apenas sobreviveu como, no mês passado, chegou ao mais alto cargo da Igreja com o jesuíta argentino Jorge Bergoglio como papa Francisco. Com seu jeito simpático e fisionomia pacífica, é até difícil imaginar que a ordem da qual ele faz parte tenha sido moldada com disciplina militar por um soldado basco ferido por uma bala de canhão.

A FUNDAÇÃO

Um militar basco, uma explosão. Em uma batalha contra tropas francesas na cidade de Pamplona, na Espanha, o soldado Iñigo López de Loyola (depois conhecido como Inácio) viu sua perna direita ser esfaqueada após ser atingida por uma bala de canhão em 1521. Nascido em 1491 no castelo de sua família na Província de Azpeitia, no País Basco, Loyola aspirava a uma vida de glória militar, dedicando-se a exercícios marciais, encontros amorosos e à leitura de livros de cavalaria – talvez o equivalente, hoje em dia, a um jovem fã de filmes de ação e de UFC. Entediado durante a recuperação e sem acesso a livros de cavalaria, não lhe restou alternativa a não ser passar a vista sobre algumas obras de devoção, como a *Legenda Áurea*, best-seller da época com relatos da vida dos santos. Em meio à leitura, Loyola percebeu que a vida dos santos e mártires era repleta de ação. “Aparentemente, Loyola identificou alguma coisa de invejável nas vidas heroicas dos santos, uma espécie de cavalaria espiritual, e seguiu o exemplo”, conta o historiador inglês Jonathan Wright, autor de *Os Jesuítas*.



Decidido a empregar sua energia à causa de Cristo, o guerreiro basco de 26 anos largou tudo para se submeter a orações e penitências. Pragmático, Loyola buscou a melhor formação universitária para enfrentar os debates teológicos da época, inflamados desde que o sacerdote Martinho Lutero decidira desafiar Roma fixando 17 teses na porta da igreja em Wittenberg (algo que pode parecer banal nestes tempos de protestos públicos via Facebook, mas que na época foi revolucionário). Depois de estudar em Salamanca e Barcelona, Loyola decidiu ir até Paris, o mais fervilhante centro universitário do mundo cristão. Jovem, cabeludo, com posições independentes e vida errante, foi várias vezes perseguido por autoridades eclesíásticas desconfiadas de sua linha espiritual. “Como muitos dos reformadores, ele era asceta e puritano e, durante algum tempo, viveu como eremita, deixando crescer o cabelo e unhas, e sem comer carne”, diz o historiador inglês Paul Johnson, autor do livro *História do Cristianismo*. “Contudo, virou pelo avesso o processo da Reforma ao acreditar no princípio da obediência absoluta à Igreja”. Ou seja: em vez de ingressar no grupo dos rebeldes que desafiavam o Vaticano, Loyola formou sua própria milícia cristã para a defesa e a propagação da fé. Em agosto de 1534, ele e mais seis companheiros de oração se reuniram em um retiro para prestar votos de pobreza, celibato, imitar a vida de Cristo e converter infiéis em Jerusalém e nas regiões que estavam sob o domínio dos turcos otomanos. Assim nasceu a Companhia de Jesus.





A CONQUISTA DO MUNDO

O grupo não perdeu tempo e partiu para Veneza, conexão obrigatória de quem queria partir para o Oriente. Naquele tempo, as coisas já estavam militarmente complicadas por lá. Após meses tentando embarcar sem sucesso – nenhum barco topou sair –, mudaram de planos e decidiram ir a Roma para se colocar à disposição do papa para qualquer missão, por mais espinhosa que fosse. Apesar de alguns círculos no Vaticano não verem com bons olhos os inovadores métodos espirituais do grupo, a Igreja Católica não podia se dar o luxo de dispensar a energia de missionários dispostos a qualquer sacrifício pela fé. Depois de conquistar o apoio de alguns cardeais, a proposta da nova ordem foi aprovada pelo papa Paulo 3º em 27 de dezembro de 1540.

Se a missão era propagar a fé pelo mundo, nada melhor do que pegar carona nas naus portuguesas e espanholas em destino às terras recém-descobertas. Nove anos depois do reconhecimento da ordem, os jesuítas chegaram ao Brasil na armada de Tomé de Souza, e logo ergueram um colégio em Salvador, no momento em que a criação de centros de ensino foi incorporada como missão da ordem. “Não era a ideia inicial da Companhia, ao menos de Inácio de Loyola, investir no ensino”, diz o historiador português Jorge Couto. “Mas a pressão das elites católicas italianas, espanholas e francesas o convenceu a se dedicar à educação”.

Logo, o Vaticano percebeu que os jesuítas poderiam ser úteis na formação do clero e na criação de uma rede de ensino que não desviasse os jovens da fé católica. Assim, os centros de ensino jesuítas ganharam reputação e se multiplicaram. Nos 50 anos que se seguiram à fundação da Companhia, foram erguidas cerca de seis instituições ao ano. A rápida expansão fez com que, em meados de 1600, a Companhia de Jesus controlasse a mais poderosa rede de ensino do mundo, tendo entre seus alunos futuros papas como Gregório 15 e filósofos como René Descartes. Com aulas espalhadas pelas regiões mais remotas do planeta, os jesuítas se destacaram em astronomia, matemática e ciências naturais.

Para a Companhia, a propagação da fé pelo mundo não era figura de linguagem. Um dos seus votos implicava “ir a qualquer lugar que sua Santidade ordenasse, sem alegar nenhuma desculpa, sem requisitar nenhuma verba para a jornada, em nome da prosperidade da religião cristã”. Para isso, os missionários passavam por um alistamento parecido com o dos militares de hoje em dia: deveriam se adaptar a qualquer ambiente do planeta, e eram vetados caso apresentassem alguma limitação física. Mas não faltavam jovens dispostos a pregar – e morrer – na África, Ásia, América ou na China.

O herói que inspirava esses jovens (e pode ter influenciado a escolha do nome



do novo papa, além de São Francisco de Assis) foi São Francisco Xavier, um dos cofundadores da Companhia que desbravou regiões da África, Índia e Japão. Morto em 1552 na ilha chinesa de Sanchoão (São João) e canonizado em 1622, a Igreja Católica considera que São Francisco Xavier converteu mais pessoas ao Cristianismo do que qualquer outro missionário, desde São Paulo – por isso, tornou-se o padroeiro dos missionários.

Na época em que Xavier foi canonizado, a Companhia de Jesus já havia se consolidado como uma multinacional: o número de integrantes passou de mil, na época da morte de Loyola (1556), para 15.544, em 1626. Sem dúvidas, foi esse milagre numérico que multiplicou também o número de inimigos da ordem – dentro e fora da Igreja.

A EXPULSÃO

Fora dos domínios de Roma, os maiores inimigos dos jesuítas eram os protestantes que haviam sofrido ataques incansáveis da Companhia durante a chamada Contra-Reforma. Numa época em que as guerras religiosas assolavam a Europa, os jesuítas eram recrutados para missões secretas em países protestantes, o que os tornava perseguidos como atualmente são os terroristas islâmicos. Na Inglaterra, por exemplo, o jesuíta Edmund Campion foi enforcado e esquartejado, acusado de traição por trabalhar clandestinamente no país.

Para os protestantes, os métodos de ação dos jesuítas eram ameaçadores por se diferenciarem da visão tradicional que tinham dos velhos monges católicos, como sedentários e preguiçosos. Diferentemente das ordens que se dedicavam a uma vida contemplativa nos claustros, os jesuítas pareciam fazer questão de se envolver no dia a dia da vida terrena, com todos os seus embates. “Em contraste com outras ordens localizadas nos arredores das cidades, os jesuítas tentavam deliberadamente estabelecer suas igrejas perto das vias públicas mais movimentadas”, diz Jonathan Wright, em referência a algo facilmente confirmado por qualquer um que conhece o centro histórico de Salvador ou de São Paulo. Quando se tornaram confessores dos poderosos reis da Europa, não se furtavam de participar diretamente na ação política e diplomática. O jesuíta português Antonio Vieira, por exemplo, foi homem de confiança de Dom João 4º, e acabou enviado aos Países Baixos para negociar a devolução do nordeste do Brasil. Mas a influente pregação de Vieira contra a escravização dos indígenas logo o fez entrar em conflito com a Igreja e com os proprietários de terra brasileiros. Com o passar do tempo, essa intimidade com o poder aliada a uma independência de posições fizeram com que os jesuítas fossem vistos como uma ameaça para as outras ordens católicas. Dominicanos e franciscanos viam com

Jesuítas educaram futuros papas e pensadores como René Descartes.



preocupação a perda de espaço para os jesuítas como confessores dos nobres e poderosos.

Mas o embate mais desgastante se deu em torno das missões jesuítas na América do Sul. Elas eram aldeamentos indígenas que tentavam recriar uma sociedade cristã européia mais pura nos trópicos. Quando o modelo se expandiu, passou a enfrentar a oposição de setores da Igreja Católica, que não concordavam com uma catequese que se adaptava a valores culturais dos índios. Em meados do século 18, as missões haviam alcançado tamanha fama que os jesuítas passaram a ser acusados de tentar criar um império independente, em uma campanha difamatória na América e na Europa. Os líderes da Companhia se tornaram tão poderosos que acabariam apelidados de “Papas Negros”, em oposição ao oficial do Vaticano, que se veste de branco.

O primeiro choque de poder se deu em Portugal. Desde o terremoto de Lisboa, em 1755, que destruiu a cidade, o principal ministro do rei, o Marquês de Pombal, não estava nada feliz com as insinuações de alguns jesuítas de que o evento era uma punição pelos pecados do país. Mas foi uma crise envolvendo as missões jesuítas que serviram de combustível para a expulsão da ordem. Ao trocar a cidade de Colônia de Sacramento com a Espanha por terras ao leste do rio Uruguai, sete missões guaranis passaram a fazer parte de Portugal. Quando alguns índios guaranis se rebelaram contra a mudança, os jesuítas foram acusados de apoiá-los, e uma agressiva campanha foi montada contra a ordem. Membros da Companhia foram presos e torturados e, em abril de 1759, acabaram banidos de Portugal. Em seguida, foi a vez da França em 1764 e da Espanha em 1767.

Restava saber quando a Companhia finalmente seria extinta. A oportunidade veio com a escolha do papa Clemente 14, em 1769. Após hesitar por quatro anos, o pontífice finalmente cedeu à pressão do embaixador espanhol Moniño e lançou, em 21 de julho de 1773, a bula *Dominus ac Redemptor*, que, apesar de não conter nenhuma acusação específica à Companhia, alegava que a remoção dela era necessária “pelo bem da paz cristã”. A ordem usada pelo Vaticano para destruir os hereges acabou destruída pela própria Igreja Católica.





A VOLTA POR CIMA

A supressão da ordem não representou um golpe apenas para os missionários. Na prática, foram desativados mais de 700 centros de ensino e 600 bibliotecas. Graças à proteção de alguns monarcas, contudo, a ordem nunca foi extinta completamente. Na Rússia, a imperatriz Catarina fez questão de fazer vista grossa e deixou os jesuítas em paz no seu reino. Na Prússia, parte da atual Alemanha, eles também foram poupados.

Mas o Vaticano logo teve de reconhecer que havia feito da Companhia de Jesus um bode expiatório. Em pouco tempo, ficou claro que os Estados europeus não estavam implicando especificamente com os jesuítas – mas, sim, com uma interferência direta de *qualquer* fé sobre os seus assuntos. Em 1814, o papa



Pio 7º restaurou a ordem sob a justificativa de que “O mundo católico exige com unanimidade o restabelecimento da Companhia de Jesus”.

A Companhia rapidamente se reestruturou, mas a vida para os jesuítas e a Igreja não seria nada fácil nos séculos seguintes. Em um mundo impactado pela Teoria da Evolução de Darwin e por ideologias que viam a religião como fonte de atraso e ignorância, a Igreja Católica precisava se reinventar. Mas, em vez de tentar se adaptar aos novos tempos, o Vaticano preferiu reagir reforçando seus símbolos mais tradicionais. Mais uma vez, os jesuítas estariam na vanguarda da defesa da fé.

O primeiro movimento, no século 19, foi o resgate do símbolo do “Sagrado Coração de Jesus”, uma imagem poderosa que lembrava ao mundo que os ataques impiedosos contra a fé sangravam o coração de Cristo. Depois, veio o resgate da imagem de Maria, por meio do dogma da Imaculada Conceição, em 1854. E finalmente, quando o Concílio Vaticano 1º declarou, em 1870, a infalibilidade papal nos assuntos relativos à moral e à fé, os jesuítas também estavam presentes na condenação aos erros do “racionalismo, do materialismo e do ateísmo”.

Dali em diante, a Igreja sobreviveu não apenas às duas Guerras Mundiais no século 20, como testemunhou a expansão, ascensão e queda dos regimes comunistas – queda ajudada por um empurrãozinho nada desprezível do carismático papa João Paulo 2º. Após a morte do João de Deus, que resgatou o poder da Igreja no Ocidente, houve quem apostasse que já era hora de um jesuíta assumir o papado. Mas a eleição do cardeal alemão Joseph Ratzinger parecia confirmar a tese de que caberia aos jesuítas manter-se sempre à margem da burocracia do clero para executar missões em nome do papa.

Se, em momentos de emergência, o Vaticano sempre contou com os jesuítas, a crise produzida pela renúncia de Bento 16 talvez tenha criado as condições ideais para a chegada do primeiro jesuíta ao papado. Enquanto Francisco levanta a bandeira da humildade já nos primeiros dias do seu pontificado, resta saber quais serão as armas que o primeiro soldado de Cristo na Santa Sé usará para defender sua fé. Um bom histórico, sua ordem já tem. 

A Companhia cresceu tanto que foi acusada de tentar criar um império próprio.

PARA SABER MAIS

História do Cristianismo
Paul Johnson, Imago, 2001.

Os Jesuítas
Jonathan Wright, Edicouro, 2006.



Fonte: Superinteressante, abril de 2013

ANEXO D – A Bíblia gay – [T4] Anna Carolina Rodrigues

5

{ SUPERNOVAS }

1/1

Arraste para ler mais

▶ ◀
▶ ◀

A Bíblia gay

Ativista lança nova versão do livro sagrado do Cristianismo – para corrigir supostas injustiças do texto com os homossexuais.

— **TEXTO /**
Anna Carolina Rodrigues



Para parte dos cristãos, ser homossexual é errado – e é a Bíblia que diz isso. Mas um grupo de ativistas dos direitos gays discorda, diz que tudo não passa de erro de interpretação, e está lançando uma nova versão do livro sagrado para tentar provar isso. É a *Queen James Bible*, já à venda na livraria virtual Amazon. Seu título faz referência à *King James Bible*, uma das versões mais tradicionais da Bíblia em língua inglesa. O editor da Bíblia gay se identifica apenas como “Queer James” (James alegre). O livro traz oito alterações no texto bíblico

Agora em cores.

O QUE MUDOU

As principais alterações da nova versão

LEVÍTICO 18:22
TRECHO “Não te deitarás com outro homem, como se fosse mulher **no templo de Moloch**”
EXPLICAÇÃO Levítico tem duas passagens (18:22 e 20:13) que costumam ser utilizadas para dizer que a homossexualidade é pecado. A Bíblia gay altera esses trechos para dizer que o sexo entre homens só era errado se acontecesse **no templo de Moloch**, um deus pagão.

CORÍNTIOS 6:9-10
TRECHO “Nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os **efeminados moralmente fracos**, nem os sodomitas **promíscuos**, nem os ladrões (...) hão de possuir o reino de Deus.”

A Bíblia gay

Ativista lança nova versão do livro sagrado do Cristianismo – para corrigir supostas injustiças do texto com os homossexuais.

— **TEXTO /**
Anna Carolina Rodrigues

Agora em cores.

título faz referência à King James Bible, uma das versões mais tradicionais da Bíblia em língua inglesa. O editor da Bíblia gay se identifica apenas como "Queer James" (James alegre). O livro traz oito alterações no texto bíblico [veja ao lado as principais], recebidas com críticas por grupos cristãos dos EUA – que acusam a nova versão de tentar legitimar a homossexualidade. O autor da Bíblia gay rebate. "Você não pode escolher sua orientação sexual. Mas pode escolher Jesus. E agora pode escolher a sua Bíblia também."

dizer que o sexo entre homens só era errado se acontecesse no templo de Moloch, um deus pagão.

CORÍNTIOS 6:9-10

TRECHO "Nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os **efeminados moralmente fracos**, nem os **sodomitas promíscuos**, nem os ladrões (...) hão de possuir o reino de Deus."

EXPLICAÇÃO As alterações tentam corrigir supostos erros ocorridos na tradução de termos gregos. *Efeminado* seria a tradução errada de *malakoi*, que significa "preguiçoso". Em *sodomitas*, teria havido erro de tradução de *arsenokoitais*, que significa "homem com muitas camas" – promíscuo, não homossexual.

palavras riscadas trechos que foram eliminados
palavras coloridas trechos que foram adicionados

S

{ SUPERNOVAS }

1/1

Puxe para ler

◀ ▶



Espíritos na fila.

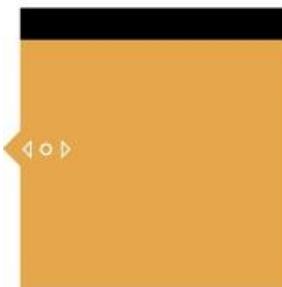
A cabine da fé

Entre, sente, coloque uma moeda, escolha a sua religião.
É hora de rezar. — TEXTO / Amanda Luz, de Berlim

Ilustração Zé Otávio

A vida moderna tende a afastar as pessoas da religião – mas a tecnologia pode trazê-las de volta. Esse é o conceito da Gebetomat (“cabine de orações”, em tradução livre do alemão), que funciona como uma espécie de retiro espiritual eletrônico. Você coloca uma moeda de € 0,50 (cerca de R\$ 1,30) e pode ouvir cinco minutos de oração. Por meio de uma tela sensível ao toque, é possível escolher entre 300 rezas e cantos religiosos, em mais de 65 línguas. O material foi gravado pelo artista alemão Oliver Sturm, que viajou pela Europa para se encontrar com adeptos de várias religiões e também usou gravações da rádio pública alemã do Museu Etnológico de Berlim. Ele construiu três máquinas de rezar. Uma está num mercado público de Berlim, a outra em um centro artístico de Viena, na Áustria, e a terceira na Universidade de Manchester, na Inglaterra. “Todas as rezas e religiões se encontram pacificamente num mesmo espaço, representando a espiritualidade contemporânea”, diz Sturm. Ele teve a ideia de criar o projeto quando estava em Nova York, esperando o metrô, ao lado de uma cabine de tirar fotos – que estava quebrada.

Nem todos têm dito “amém” à iniciativa. Isso porque, além de cristianismo, hinduísmo, judaísmo, budismo, islamismo e religiões africanas, a cabine também traz algumas rezas da cientologia, a polêmica seita das celebridades de Hollywood. Isso gerou protestos de um deputado alemão, que levantou a questão no Parlamento de Hamburgo – cidade que iria receber uma das cabines que seria paga com dinheiro público. Mas Sturm diz que não liga para a polêmica. “O projeto pode ser provocativo para algumas pessoas. Mas meu objetivo é representar o maior número de religiões. Quaisquer que sejam elas”, diz.



Fonte: Superinteressante, agosto de 2013

ANEXO F – A nova cruzada – [T6] Maurício Horta



“É a vontade de Deus”, clamou o papa à multidão. Seu grito foi saudado com empolgação e rapidamente se espalhou por todo o mundo católico. A Igreja estava em crise, rachada, acuada pela expansão do Islã. Estamos em Clermont, na França, o ano é 1095, e Urbano 2º convocava clérigos e nobres a iniciar a retomada da Terra Santa, conquistada por árabes no século 7. Prometendo indulgência plena (perdão de todos os pecados) para quem partisse para Jerusalém, Urbano 2º iniciou a Primeira Cruzada da Igreja Católica.

“O Senhor continua precisando de vocês, jovens, para a sua Igreja... Não sejam covardes. Saiam às ruas como fez Jesus”, diz o papa. Desta vez, o papa é Francisco e o ano, 2013. Diante dele, 3 milhões de pessoas fazem vigília em Copacabana. Outros milhões o assistem pela televisão ou pela internet. Novamente a Igreja está em crise. Depois de anunciar indulgência plena a todos que o acompanhassem – mesmo que pelo Twitter –, Francisco convoca os seus soldados na última noite da Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro. É o início da Nova Cruzada.

A CRISE

“A Igreja é viva, a Igreja é jovem”, gritaram durante uma semana 427 mil peregrinos de 175 países – e tantos outros cariocas que aproveitaram o feriado para aderir à JM.J. *Viva e jovem*. Um semestre atrás, a frase pareceria delírio. Em 28 de fevereiro, Bento 16 pediu para sair – a primeira renúncia papal em 600 anos. Na sua última despedida, disse que “houve momentos nos quais as águas estiveram muito agitadas, o vento era contrário e o Senhor parecia dormir” – não estava fácil conduzir “a barca de Pedro”. A crise na Igreja se reflete nos números de fiéis no mundo todo [veja o cenário, continente por continente, nas próximas páginas].

Na Europa, o número de seminaristas despencou 21,7% em apenas uma década. Nos EUA, escândalos de pedofilia minam a Igreja, e a entrada de cada novo fiel é anulada pela saída de quatro. Na América Latina, o maior rebanho do mundo, a Igreja perde 10 mil fiéis por dia, principalmente para Igrejas evangélicas neopentecostais. O caso mais extremo é o brasileiro.

A Igreja começou a se afundar na crise enquanto os Engenheiros do Hawaii compunham *O Papa é Pop*. Apesar de ainda ser um dos maiores líderes morais do mundo em 1991, João Paulo 2º dava sinais de que já não era mais tão pop. Seu estrelato começara em sua Polônia natal, onde 95% da população era católica. Ao ser entronado papa, em 1978, ele transformou a Igreja no grande denominador comum da sociedade polonesa, descontente com o regime comunista. Numa visita ao país, inspirou a criação do sindicato Solidariedade, em 1980 – a primeira organização de oposição nos países comunistas. O Solidariedade tornou-se a fagulha que iniciaria a implosão do bloco comunista. Em 1989, venceu as eleições parlamentares polonesas, e as presidenciais em 1990. E, em 1991, caía o gigante ateu: a União Soviética. A Igreja estava no topo do mundo.

Mas, com a derrota do inimigo, ironicamente, começou a perda de relevância de Roma. Os Estados Unidos, que tratavam o papa como um aliado fundamental na Guerra Fria, esqueceram dele quando a ameaça acabou. Os países comunistas lançaram-se nas aventuras consumistas do capitalismo e passaram a rejeitar a influência do Vaticano. Nos anos finais de seu pontificado, João Paulo 2º deixou de ser um dos maiores líderes políticos do mundo e voltou sua atenção para a vida privada de seus fiéis. Não gostou do que viu. As pessoas iam mais ao shopping do que à missa. O divórcio crescia a ritmo galopante, assim como os segundos casamentos. Governos faziam campanha pelo uso de camisinha para evitar a aids. A ONU pregava os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

Nesse mundo que lhe parecia em dissolução moral, João Paulo 2º sentiu-se na missão de fortalecer a doutrina católica. E, assim, ficou mais alta a voz do seu braço direito: o cardeal alemão Joseph Ratzinger, então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Em agosto de 1991, João Paulo 2º levou a JMJ à cidade polonesa de Czestochova. Até chegar lá, percorreu o país pregando contra o aborto e pelo ensino religioso nas escolas. Mas a indiferença religiosa foi um adversário mais difícil que o comunismo. Os poloneses o ignoraram. Uma pesquisa nacional perguntou se a Igreja deveria participar na vida política do país, e 57% da população respondeu “não”. Os jovens estavam tão cansados de religião quanto de comunismo.

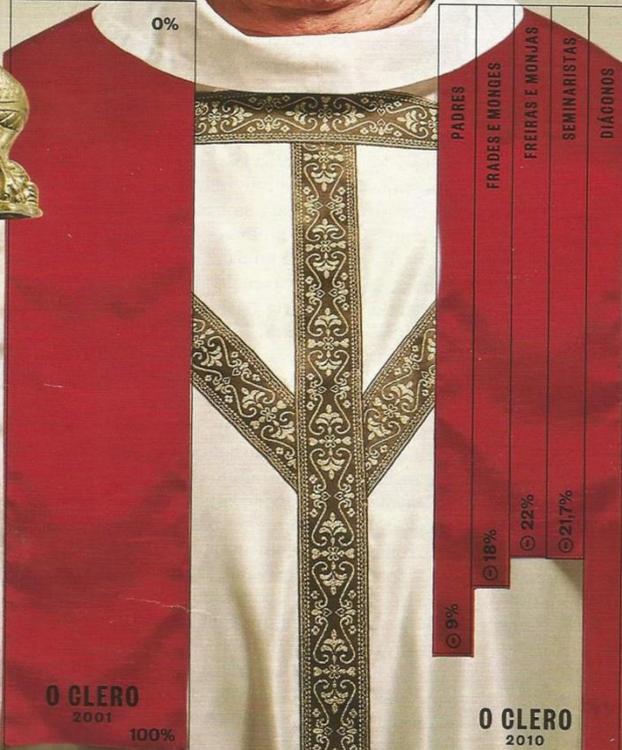


Consideram a religião "muito importante" em suas vidas



A sede da Igreja virou as costas para ela

As primeiras Cruzadas foram lançadas da Europa – mas agora é ela o continente a ser reconquistado. “Na Europa, a Igreja vive um declínio desde o século 19, quando estava do lado errado da história – apoiando o antigo regime e combatendo o Iluminismo”, escreveu o padre jesuíta e escritor Thomas Reese. Como consequência, o continente de onde o catolicismo ganhou o mundo torna-se cada vez mais secularista, com a religião perdendo espaço na vida das pessoas. Some a isso o grande fluxo de imigrantes, que trazem consigo outras religiões, principalmente o islamismo. O resultado é especialmente claro na França. Em 1910, era o país com mais católicos no mundo. Passado um século, a participação de católicos caiu de 98,4% para 60,4%. A Áustria viu algo semelhante – tinha quase 90% e caiu para 63,5% em 2012. Há sinais de que o mesmo pode estar começando a acontecer na Irlanda, Polônia e Itália, onde o catolicismo ainda é fortemente ligado à identidade nacional, mas está perdendo força. É o que a Cruzada de Francisco vai tentar estancar.



© 43% São os únicos que podem se casar

Esse cansaço valeu para todo o mundo católico. João Paulo 2º não se rendeu: endureceu sua posição contra quaisquer métodos anticoncepcionais – inclusive camisinha, enquanto a aids dizimava a população de alguns países africanos. Opôs-se à homossexualidade, à fecundação artificial e à manipulação genética. Repreendeu defensores do casamento de padres e da ordenação de mulheres. E apoiou grupos ultraconservadores na Igreja – o que se coroou com a canonização do fundador da Opus Dei, em 2002. A reação dos católicos foi o distanciamento. Como se não bastasse, veio a bomba. Ondas de denúncias de abuso sexual contra menores pelo clero surgiram nos EUA, na Irlanda e depois se espalharam pelo mundo. Seu auge foi um relatório de 2004, analisando 10.667 denúncias contra 4.392 padres entre 1950 e 2002, nos EUA. Em 2005, João Paulo 2º morreu sob a sombra do escândalo.

Seu sucessor foi o cardeal mais próximo do papa e o mais engajado na defesa da fé, o “rottweiler de Deus”: Ratzinger, agora Bento 16. Com ele, a Igreja mantinha o conservadorismo, mas perdia carisma. Diante da crise de fiéis, dos escândalos sexuais e de uma denúncia de lavagem de dinheiro pelo Banco do Vaticano, Bento 16 torceu o nariz e anunciou que a Igreja queria menos “quantidade” e mais “qualidade” de fiéis.

A receita da Igreja ensimesmada não funcionou. Quando Bento 16 renunciou, o mundo cristão reagiu com frieza e o Facebook se encheu de memes comparando-o ao imperador Palpatine, de *Star Wars*.

A ESTRATÉGIA

Terça-feira, 23 de julho de 2013. Um vendedor ambulante percorre o Largo da Carioca improvisando um funk: “Viva a juventude, viva Jesus. Chip da Oi, chip da TIM”. Assim tentava abordar o grupo de australianos que saía da primeira manhã de catequese da JMJ e se direcionava ao McDonald’s para aproveitar os descontos para peregrinos nos lanches. No rosto dos australianos, a expressão era de cansaço, depois de passar a manhã ouvindo sermão. Por três manhãs consecutivas, 264 locais receberam catequeses e missas em 25 idiomas. Já à tarde, cem confessionários instalados na Quinta da Boa Vista e no Largo da Carioca davam absolvição aos pecados. Hóstias? No total, 4 milhões.

No metrô, um padre canadense distribuía uma cartilha em inglês contra quaisquer formas de aborto, contra contraceptivos, contra a pílula do dia seguinte, contra testes pré-natais, contra a reprodução assistida, contra pesquisas embrionárias. Pergunto se ele esteve no Largo do Machado na noite anterior. “Não...” Então perdeu feministas de seios de fora e casais de gays e lésbicas fazendo um beijaço nas escadarias da Igreja, aos gritos de “eu beijo homem, beijo mulher, beijo quem eu quiser”.

O Rio estava tomado pelos peregrinos, que andavam perdidos em grupo pela cidade, agarrados às suas mochilas amarelas. Tantas eram as pessoas que a portuguesa Catarina Rodrigues, uma leiga capuchinha estudante de enfermagem, preferiu fazer uma caminhada meditativa na Floresta da Tijuca com um amigo. “Para que quatro horas de catequese e missa todos os dias? Para provocar exaustão? Se for assim, então a Igreja conseguiu. Aqui não há espaço para questionar o que é a fé.”

Mas espere aí. Se as missas pareciam a mesmas de sempre, se o discurso conservador era o mesmo, o que havia de diferente para que esta JMJ fosse uma resposta à decadência da Igreja? Como era possível que tantos jovens tivessem sido atraídos, se o que se oferecia era mais do mesmo? O que transformaria esse encontro de jovens numa Cruzada? Simples: Francisco.

Nos mais diversos pontos da cidade, do Maracanã a Ipanema, os peregrinos gritavam numa sopa de sopas internacionais: “Papa Francisco, juntos em Cristo”.

“Foram me buscar quase no fim do mundo”, disse quatro meses antes o então obscuro cardeal argentino Mario Bergoglio para os fiéis que aguardavam o novo papa na praça de São Pedro. Hoje, “O Papa do Fim do Mundo” já é nome de aplicativo para iPad, documentário, biografia da Editora Caras. Para a cruzada em busca de fiéis, a Igreja Católica precisava do oposto de Ratzinger.

Se Bento 16 prendeu-se aos fundamentos da doutrina, o novo papa precisaria ser muito pragmático – pragmático como são os jesuítas, que, a bordo das naus portuguesas, levaram o catolicismo ao Novo Mundo, ao Japão, ao Tibete, à África e à Índia. Se Bento 16 defendia que a Igreja deveria se preocupar com a qualidade de seus fiéis e não com sua quantidade, o novo papa deveria ser um pastor capaz de mobilizar seu rebanho – assim como São Francisco de Assis, o filho de comerciante rico que renunciou à herança e começou uma nova vida ajudando pobres e leprosos, reconstruindo igrejas como pedreiro e pregando a humildade, a simplicidade e a justiça. Se Bento 16 passou décadas dentro do Vaticano e nada conseguiu fazer para faxiná-lo de escândalos, o novo papa precisava ser um forasteiro, distante o suficiente da Cúria Romana para ser capaz de transformá-la.

Mario Bergoglio satisfaz essas três necessidades: é o primeiro papa jesuíta da história, o primeiro a adotar o nome Francisco e o primeiro a vir de tão longe de Roma, da América Latina. Assim, Francisco adotou uma nova estratégia. A de que, em suas palavras, “a Igreja saia de si mesma e vá às periferias, não só às geográficas, mas também às existenciais.” A Igreja Católica agora tem uma liderança para iniciar sua Cruzada.

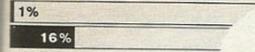
ÁFRICA

Enquanto a Igreja míngua na sua antiga sede, ela continua crescendo no continente mais pobre do mundo, graças ao trabalho dos missionários, que muitas vezes ocupam o lugar do Estado.

OS FIÉIS

nos últimos 100 anos

Quantos católicos são africanos

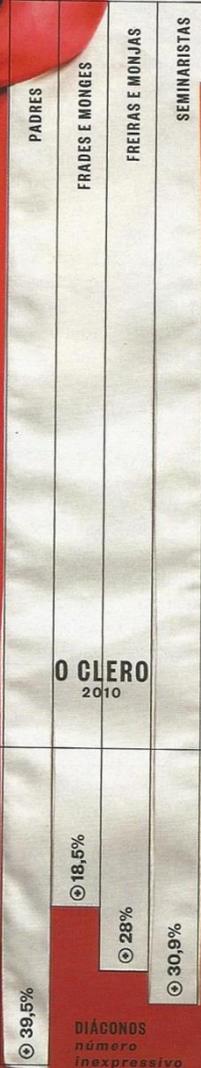
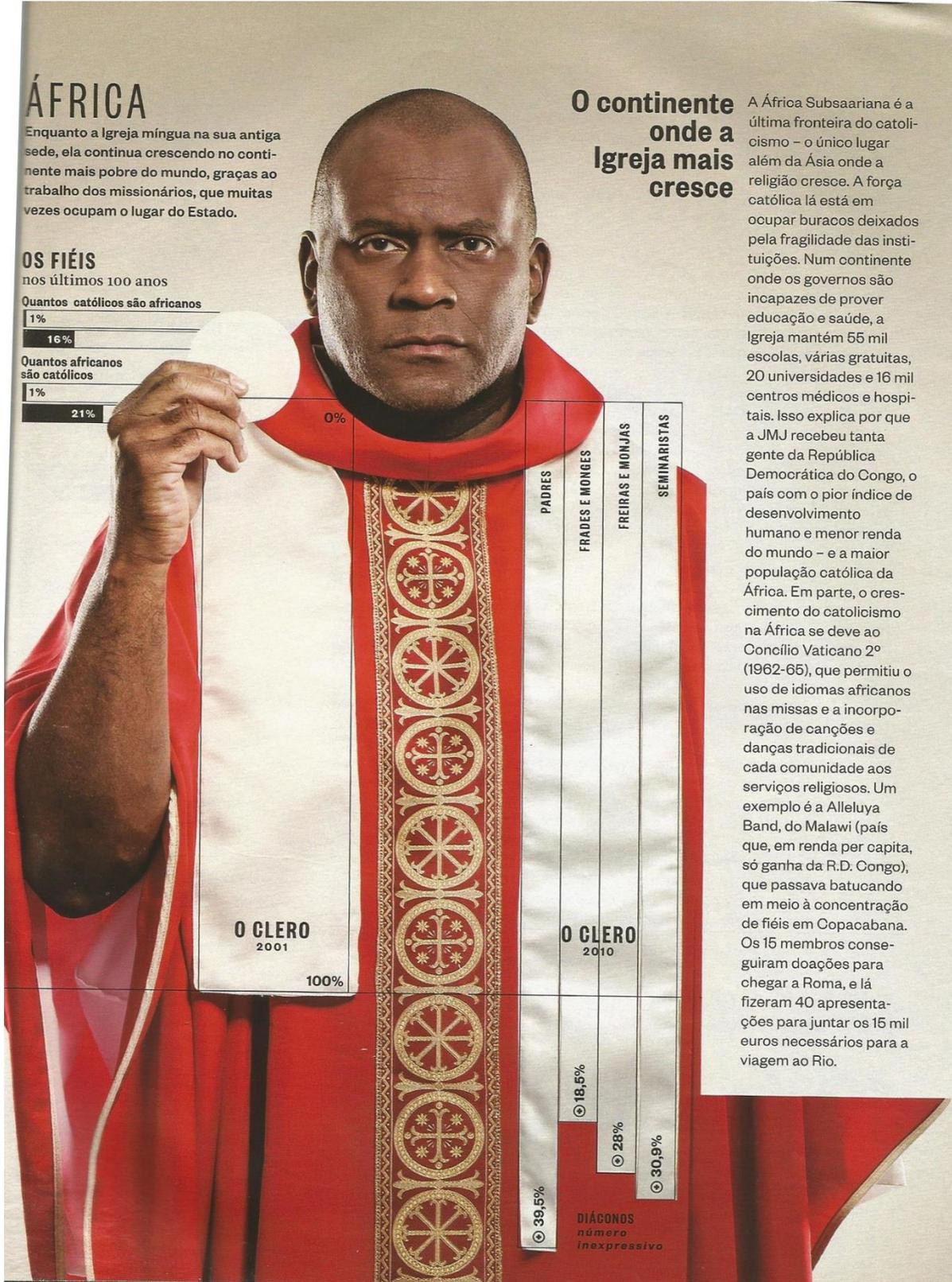


Quantos africanos são católicos



O continente onde a Igreja mais cresce

A África Subsaariana é a última fronteira do catolicismo – o único lugar além da Ásia onde a religião cresce. A força católica lá está em ocupar buracos deixados pela fragilidade das instituições. Num continente onde os governos são incapazes de prover educação e saúde, a Igreja mantém 65 mil escolas, várias gratuitas, 20 universidades e 16 mil centros médicos e hospitais. Isso explica por que a JMJ recebeu tanta gente da República Democrática do Congo, o país com o pior índice de desenvolvimento humano e menor renda do mundo – e a maior população católica da África. Em parte, o crescimento do catolicismo na África se deve ao Concílio Vaticano 2º (1962-65), que permitiu o uso de idiomas africanos nas missas e a incorporação de canções e danças tradicionais de cada comunidade aos serviços religiosos. Um exemplo é a Alleluya Band, do Malawi (país que, em renda per capita, só ganha da R.D. Congo), que passava batucando em meio à concentração de fiéis em Copacabana. Os 15 membros conseguiram doações para chegar a Roma, e lá fizeram 40 apresentações para juntar os 15 mil euros necessários para a viagem ao Rio.



DIÁCONOS
número
inexpressivo

O LÍDER

Na praia de Copacabana, o som ecoava pelos alto-falantes: “Ele não traz ouro. Ele não traz prata. Traz apenas sua presença. E, consigo, ele traz Jesus”. O helicóptero tinha acabado de aterrissar no extremo oposto da praia, no Forte de Copacabana, e o volume dos gritos aumentava a cada fala dos dois apresentadores. “Somos um milhão de jovens católicos! Levantem as bandeiras de seus países! Uma fé, um coração. De todas nações, uma só Igreja!” – e cada grupo de fiéis formava seu pequeno feudo na praia. No mar, três navios de guerra da Marinha Brasileira. No céu, outros quatro helicópteros. Na terra, 25 mil homens da polícia e das Forças Armadas. “Viemos de longe e de perto, somando sonhos”, continuaram os animadores enquanto o caminho do helicóptero até o papamóvel era transmitido em 15 telões de LED espalhados ao longo da praia. Os tetos dos banheiros químicos haviam se transformado em mirantes de onde jovens se equilibravam para acompanhar a passagem do líder espiritual.

“Gente de bem, gente de paz, gente que Deus preparou”, canta a multidão até a melodia se transformar em gritos histéricos. Na pista de asfalto protegida por grades, voluntários vestidos de amarelo de repente saem correndo. E, num instante – vruuum –, passa o utilitário Mercedes-Benz branco adaptado, com Francisco de pé acenando aos dois lados. “Ah, passou muito rápido”, reclama uma senhora, enquanto uma massa começa a correr desesperadamente no calçadão de pedras portuguesas para poder estender só mais um tantinho a visão do Santo Padre. “Ele está quebrando blindagens para ir até o povo”, diz o radialista Aristides Silva Albuquerque, 34, que veio desde Afogados de Ingazeira, PE, para acompanhar a JMJ. “Ele mostrou que devemos nos desprender das coisas materiais”, diz o funcionário público angolano Fernando Jai, 31. E multidões de latino-americanos gritam: “Esta es la juventud del papa”. Não importa a origem e a história de vida, os peregrinos que a SUPER entrevistou têm a mesma opinião sobre Francisco: sua humildade aproximou a Igreja de seus fiéis tal como não se via desde os tempos do Solidarietà.

Seu primeiro ato como papa foi decidir não morar no suntuoso Palácio Apostólico –preferiu ficar em um dos 130 quartos da austera Casa de Santa Marta, onde pode ter contato mais próximo com pessoas de fora do Vaticano. Em sua primeira viagem para fora

de Roma, foi à ilha de Lampedusa, porta de entrada de imigrantes africanos sem documentação na Itália, e lançou ao mar uma coroa de crisântemos em memória dos imigrantes que morreram na travessia. Sua primeira viagem internacional foi ao Brasil, terra de catolicismo popular, sempre renegada por Roma, que levou séculos para canonizar um cidadão do maior país católico do mundo.

No Rio, ignorou protocolos. Enfiou o papamóvel na multidão. Foi à favela de Varginha elogiar o hábito de “colocar mais água no feijão”. Visitou cinco jovens infratores e disse várias vezes “Candelária, nunca mais!”, referindo-se ao massacre de oito crianças e adolescentes 20 anos atrás. Por fim, veio o pedido que repete desde sua primeira aparição como papa: “rezem por mim”.

E o que dizer da doutrina? Não era mesmo de se esperar nenhuma grande transformação – o catolicismo, obviamente, continua o mesmo. Mas a ênfase mudou. Agora, com Francisco, o foco é no perdão, e não mais no pecado. O novo papa evita polêmicas. Numa entrevista coletiva feita no voo de volta a Roma, explicou por que não falou sobre aborto e casamento de pessoas do mesmo sexo: “a Igreja já se expressou perfeitamente sobre isso.” Por outro lado, defende o batismo de filhos de mães solteiras e o acolhimento de homossexuais pela Igreja. “Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la? O problema não é ter essa tendência. Devemos ser como irmãos.” A regra continua a mesma. Mas a figura do caga-regras sumiu.

OS ALIADOS

Na chegada ao Brasil, a tropa de choque fechou todas as ruas de acesso ao Palácio da Guanabara. Lá, o Santo Padre seria acolhido por autoridades numa recepção que custou R\$ 850 mil aos cofres públicos – R\$ 1.300 por convidado, com direito a água, café e biscoitos. Eis que, em frente ao bloqueio, um senhor de barba grisalha até a altura do peito levantou seu cartaz: “Fora, papa, fora”. Imediatamente, uma senhora que carregava um terço gritou: “sai, ateu!” “É o Anticristo!”, arriscou outra. “Este é um país católico!” E um grupo de peregrinos liderado por um rapaz de Tocantinópolis começou a rezar o “Pai Nosso”.

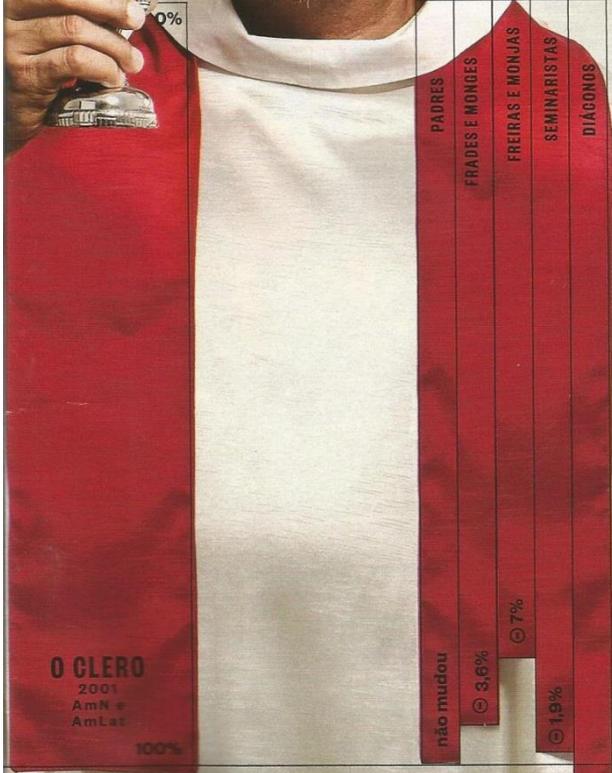


9,4% abuso sexual/pecunia
 9% falta de credibilidade
 7% não moderna
 7% perda de fiéis

NOS EUA
 Quais os maiores problemas da Igreja?

27% ajudar os pobres
 11% prover valores morais
 9% espalhar a religião
 7% apoio emocional

NOS EUA
 Qual deve ser a prioridade da Igreja para ajudar a sociedade?



O CLERO
 2001
 AmN e AmLat

O CLERO
 2010
 AmN e AmLat

São os únicos que podem se casar

Os jovens da JMJ são a favor



Ao norte, escândalo, ao sul, evangélicos

Há dois cenários bem diferentes na América do Norte e na América Latina – mas em ambos a Igreja perde importância. Nos EUA, uma em cada três pessoas que cresceram no catolicismo abandona a Igreja, e a principal razão é o sexo, segundo o psiquiatra e ex-padre americano Richard Sipe, especialista em abusos sexuais do clero. Cem mil americanos já denunciaram que foram alvos de padres pedófilos. E, como estima-se que 80% das vítimas nunca denunciem o abuso, o número real pode chegar a 500 mil. Apesar disso, a população de católicos nos EUA se mantém constante: 25% dos americanos. É que, enquanto católicos descendentes de irlandeses, italianos e poloneses abandonam a Igreja, seus lugares são ocupados por novos imigrantes católicos vindos da América Latina. Mas, ao sul do Rio Grande, algo diferente vem acontecendo. Enquanto a América Latina exporta católicos, ela importa dos EUA as igrejas evangélicas neopentecostais. Assim o antigo monopólio católico deu lugar a um mercado religioso competitivo que busca agressivamente por novos adeptos, seja pela TV, seja caminhando por bairros, presídios e favelas. Essa competição causou a maior perda de fiéis no mundo católico. E o caso mais extremo disso é o Brasil [veja na próxima página].

Nesse momento, o senhor vestiu seu quipá. Era Marcos ben Moisés, um comerciante e professor de hebraico. “Todas as religiões são lindas, e o brasileiro é o melhor povo do mundo”, disse ben Moisés. “Eu vim aqui defender a nossa Constituição laica. Vim defender seu artigo 19.” Segundo esse artigo, é vedado à União, ao Estado e à Prefeitura subvencionar cultos religiosos ou igrejas. A União admitiu ter gasto R\$ 57 milhões na segurança da JMJ e do papa. O Estado e a Prefeitura do Rio racharam uma conta de R\$ 52 milhões. A cidade declarou dois dias inteiros e dois meios-dias feriados, causando outro impacto de milhões na economia. O metrô ficou interdito para cidadãos comuns – só podia usá-lo quem tivesse o cartão da JMJ ou um bilhete especial comprado com antecedência.

Mas, na Cruzada de Francisco, o Estado brasileiro não é o único aliado. A imprensa credenciou 6.400 profissionais, que fizeram uma cobertura extensiva da JMJ. Nem toda a imprensa ajudou igual. Entre os dias 22 e 28 de julho, a Record, do bispo Edir Macedo, transmitiu 3 horas e 24 minutos de JMJ. Já a Globo deu 32 horas e 53 minutos. No domingo de manhã, cancelou a transmissão do Grande Prêmio da Hungria para televisionar a missa.

O CHAMADO

No sábado, sua última noite no Rio, o papa abriu a vigília de 3 milhões de fiéis contando a história de São Francisco de Assis – o jovem que, diante do crucifixo, ouviu a voz de Jesus mandá-lo reparar a casa de Deus. O rapaz obedeceu, virou pedreiro e começou a reformar igrejas. Depois, sacou que Jesus não se referia a prédios de pedra, mas à própria Igreja Católica. Com essa história, o papa conclama à multidão: “Joguem sempre na linha de frente, no ataque! São Pedro nos diz que somos pedras vivas que formam um edifício espiritual. Jesus nos pede que a sua Igreja viva seja tão grande que possa acolher toda a humanidade! Ele diz a mim, a você, a cada um: ‘Ide e fazei discípulos entre todas as nações!’”

Na manhã do domingo em que voltaria para Roma, foi a vez de dizer a seus compatriotas argentinos: “Eu quero agito nas dioceses, que vocês saiam às ruas. Eu quero que nós nos defendamos de toda acomodação, imobilidade, clericalismo. Se a Igreja não sai às ruas, se converte em uma ONG. A Igreja não pode ser uma ONG”, discursou na Catedral Metropolitana do Rio.

A Cruzada foi conclamada. Daqui para a frente, é a História.

» à União, ao Estado e à Prefeitura subvencionar cultos religiosos ou igrejas. A União admitiu ter gasto R\$ 57 milhões na segurança da JMJ e do papa. O Estado e a Prefeitura do Rio racharam uma conta de R\$ 52 milhões. A cidade declarou dois dias inteiros e dois meios-dias feriados, causando outro impacto de milhões na economia. O metrô ficou interditado para cidadãos comuns – só podia usá-lo quem tivesse o cartão da JMJ ou um bilhete especial comprado com antecedência.

Mas, na Cruzada de Francisco, o Estado brasileiro não é o único aliado. A imprensa credenciou 6.400 profissionais, que fizeram uma cobertura extensiva da JMJ. Nem toda a imprensa ajudou igual. Entre os dias 22 e 28 de julho, a Record, do bispo Edir Macedo, transmitiu 3 horas e 24 minutos de JMJ. Já a Globo deu 32 horas e 53 minutos. No domingo de manhã, cancelou a transmissão do Grande Prêmio da Hungria para televisionar a missa.

O CHAMADO

No sábado, sua última noite no Rio, o papa abriu a vigília de 3 milhões de fiéis contando a história de São Francisco de Assis – o jovem que, diante do crucifixo, ouviu a voz de Jesus mandá-lo reparar a casa de Deus. O rapaz obedeceu, virou pedreiro e começou a reformar igrejas. Depois, sacou que Jesus não se referia a prédios de pedra, mas à própria Igreja Católica. Com essa história, o papa conclama à multidão: “Joguem sempre na linha de frente, no ataque! São Pedro nos diz que somos pedras vivas que formam um edifício espiritual. Jesus nos pede que a sua Igreja viva seja tão grande que possa acolher toda a humanidade! Ele diz a mim, a você, a cada um: ‘Ide e fazei discípulos entre todas as nações!’”

Na manhã do domingo em que voltaria para Roma, foi a vez de dizer a seus compatriotas argentinos: “Eu quero agito nas dioceses, que vocês saiam às ruas. Eu quero que nós nos defendamos de toda acomodação, imobilidade, clericalismo. Se a Igreja não sai às ruas, se converte em uma ONG. A Igreja não pode ser uma ONG”, discursou na Catedral Metropolitana do Rio.

A Cruzada foi conclamada. Daqui para a frente, é a História. **S**

BRASIL

O declínio do catolicismo é assustador – maior do que em qualquer outro país. Em 1950, 95,7% dos brasileiros eram católicos, hoje são só 57%. Ainda assim, é a maior população católica do mundo.

FÉ E GRANA

O catolicismo permaneceu forte entre os muito pobres e os mais ricos, enquanto as igrejas neopentecostais conquistaram as faixas intermediárias de renda.



Já votou em candidato recomendado pela igreja



A urbanização no País explica a explosão evangélica – mais cidades significa mais periferias, que são terreno fértil para essas igrejas. Ainda mais com a criminalidade crescendo.

ANEXO G – A ciência da fé – [T7] Sílvia Lisboa

S

CAPA

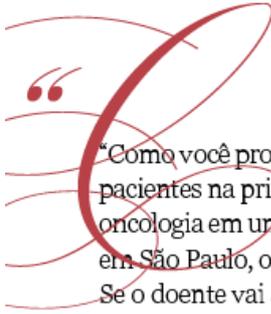
1/14



REPORTAGEM / *Sílvia Lisboa* FOTO / *Arthuzzi* DESIGN / *Rafael Quick* EDIÇÃO / *Felipe van Deursen*



A ciência se curvou aos fatos: dezenas de estudos mostram que fiéis são mais felizes, vivem mais e são mais agradáveis. Mas também não há mais dúvidas de que é possível reproduzir esses efeitos em ateus e pessoas sem religião. acredite.



“Como você professa sua fé?”, pergunta o médico Paulo de Tarso Lima a seus pacientes na primeira consulta. Conversar sobre isso virou rotina no setor de oncologia em um dos mais conceituados hospitais do Brasil, o Albert Einstein, em São Paulo, onde Lima é coordenador do Serviço de Medicina Integrativa. Se o doente vai à missa, ele anota na receita: aumentar a frequência aos cultos. Se deseja a visita de um padre, rabino ou pastor, o hospital manda chamar. Se quiser meditar, professores de ioga são convocados. No hospital, a fé é uma arma no tratamento de doenças graves.

A Santa Casa de Porto Alegre também trabalha nesse sentido. O hospital está realizando uma pesquisa inédita, em parceria com a Universidade Duke, nos Estados Unidos, para mensurar os benefícios biológicos da fé. O objetivo é descobrir se os pacientes espiritualizados submetidos à cirurgia de ponte de safena têm menos inflamações no pós-operatório – hipótese já levantada por outros estudos. “Existe um marcador de inflamação que parece apresentar menores níveis em religiosos”, explica o cardiologista Mauro Pontes, coordenador do Centro de Pesquisa do Hospital São Francisco, um dos sete hospitais do complexo Santa Casa da capital gaúcha.

Hoje, as principais faculdades de medicina americanas dedicam uma disciplina exclusiva ao assunto. E, na última década, uma série de estudos mostrou que os benefícios da fé à saúde têm embasamento científico. Devotos vivem mais e são mais felizes que a média da população. Após o diagnóstico de uma doença, apresentam níveis menores de estresse e menos inflamações. “O paciente com fé tem mais recursos internos para lidar com a doença”, diz Paulo Lima. Fé tem uma participação especial no que médicos e terapeutas chamam de *coping*: a capacidade humana de superar adversidades. “Não posso prescrever bem-estar, mas posso estimular que o paciente vá em busca de serenidade para encarar um momento difícil”, explica o médico. É por isso que mais profissionais têm defendido essa relação. “Atender às necessidades espirituais tem de ser, sim, tarefa do médico”, defende o cirurgião cardíaco Fernando Lucchese, que está escrevendo o livro *A Revolução Espiritual* com o psiquiatra americano Harold Koenig, autoridade no assunto.

Há um século, o canadense William Osler, ícone da medicina moderna, já defendia isso. Em 1910, ele escreveu um artigo cheio de floreios elogiosos às crenças das pessoas: “a fé despeja uma inesgotável torrente de energia”.

A designer Juliana Lammel, 33 anos, vivenciou isso. Em 2005, cansada de tantas operações sem sucesso para corrigir um estreitamento no ureter, canal que liga os rins à bexiga, ela resolveu fazer uma cirurgia espiritual, mesmo sem ter nenhuma ligação com o espiritismo. “Para mim, era

sinônimo de filme de fantasma”, lembra. Ela topou – e sem ceticismo. Para ter resultado, Juliana teria de acreditar piamente, já que o tratamento espírita exige fé do paciente.

Uma vez por semana, por um mês, na mesma hora, ela deitava na própria cama por 30 minutos, ao mesmo tempo em que o grupo espírita fazia a concentração. Ela em São Paulo, eles no Rio de Janeiro. No fim, Juliana voltou ao médico com novos exames. Ele viu os resultados e não conseguia explicar por que os componentes alterados do rim tinham voltado a níveis quase normais. Juliana foi operada mesmo assim, mas o procedimento foi bem menos agressivo do que o previsto, graças, segundo ela, à cirurgia espiritual. O episódio mudou a forma como a designer lida com a fé. “Antes, me forçava a acreditar em algo. Depois disso, passei a acreditar de verdade”.

VANTAGENS NO DIA A DIA

Uma das maiores pesquisas feitas até hoje, divulgada em 2009, revisou 42 estudos sobre o papel da espiritualidade na saúde, que envolveram mais de 126 mil pessoas. O resultado mostrou que quem frequenta cultos religiosos pelo menos uma vez por semana tem 29% mais chances de aumentar seus anos de vida em relação àqueles que não frequentam. Não é intervenção divina. Não é feitiçaria. É comportamento. Os entrevistados que são religiosos apresentaram um comprometimento maior com a própria saúde. Iam mais ao dentista, tomavam direitinho remédios prescritos, bebiam e fumavam menos. A pesquisa confirmou ainda os dados de um estudo populacional feito em 2001 pelo Centro Nacional de Adição e Abuso de Drogas dos EUA: adultos que não consideram religião importante em suas vidas consomem muito mais álcool e drogas do que os que acham os credos relevantes. É a versão real dos Simpsons e seus exageros estereotipados. Homer faz pouco de qualquer fé, é obeso e alcoólatra. Já seu vizinho, o carola Ned Flanders, é regrado, tem saúde perfeita e corpo sarado.

Andar na linha é mais comum entre os crentes, e a razão está no poder de autocontrole, dizem os cientistas. É o que defende o psicólogo Michael McCullough. Professor da Universidade de Miami e parceiro de Harold Koenig em pesquisas sobre espiritualidade, ele diz que a fé facilita a árdua tarefa de adiar recompensas, algo fundamental para muita coisa, de fazer dieta a estudar para concursos.

A fé também tem uma relação íntima com a felicidade. Um estudo feito na Europa mostrou que pessoas espiritualizadas se dizem mais satisfeitas do que aquelas que não se consideram como tal. Parte disso se explica na natureza

SEGUIR UMA RELIGIÃO FAZ BEM PARA A *Saúde*

UMA PESQUISA COM 259 PACIENTES CARDÍACOS REVELOU QUE A MAIORIA USA A FÉ PARA LIDAR COM A DOENÇA.

ACREDITAM EM DEUS 99%

REZAM TODOS OS DIAS 66%

ACREDITAM QUE A RELIGIÃO TRAZ BENEFÍCIOS À SAÚDE 52%

USAM A FÉ COMO CONFORTO NOS MOMENTOS DE DOENÇA 90%

GOSTARIAM QUE OS MÉDICOS FALASSEM SOBRE RELIGIÃO 31%

PESSOAS QUE CONSIDERAM SUA SAÚDE EXCELENTE

ATEUS 25%

MEMBROS DE GRUPOS RELIGIOSOS 40%

Pessoas que vão a cultos religiosos pelo menos uma vez por semana têm **40% MENOS** prevalência de hipertensão que aquelas que não seguem uma religião.

7 ANOS a mais de expectativa de vida. É a vantagem de quem frequenta cultos toda semana sobre os que nunca vão a um templo.

Quem acredita em Deus tem **3** VEZES MAIS CHANCE DE SOBREVIVER APÓS UM TRANSPLANTE DE FÍGADO.

de ateus e céticos em geral. Quem não acredita em nada pode ter mais propensão ao pessimismo porque faz uma leitura objetiva da vida, sem crer em algo divino que mude as coisas. Por outro lado, a certeza da existência de uma recompensa divina muda a vida das pessoas. E não é questão somente de otimismo. Tem algo pragmático aí.

Religiões estimulam algo essencial para o ser humano: o espírito de comunidade. Devotos normalmente não estão sozinhos, o que ajuda nos problemas da vida. Para Andrew Clark, um dos autores desse estudo europeu e professor da Escola de Economia de Paris, as religiões ajudam as pessoas a superar choques ou a pelo menos não se desesperar tanto com os tropeços da vida. Por exemplo, segundo a pesquisa, a queda no indicador de bem-estar foi menor entre os desempregados religiosos do que entre os não religiosos. “A religião oferece ‘proteção’ contra o desemprego”, diz Clark. Na hora do aperto, há sempre alguém para estender a mão. Outra pesquisa, feita pela Universidade de Michigan, EUA, comparou duas formas de amparo recebidas por idosos: o oferecido pelas igrejas e o proporcionado por serviços sociais estatais. A discrepância a favor do suporte religioso foi tão significativa que o autor do estudo, o gerontologista Neal Krause, acredita haver algo de único nesse tipo de apoio.

Até mesmo os ateus são beneficiados pelo espírito solidário oferecido pelas instituições religiosas. Um estudo feito por Clark investigou o efeito da religiosidade dos outros sobre o bem-estar de uma comunidade. A descoberta foi intrigante. As pessoas sem religião de regiões de maioria atea são menos felizes do que aquelas sem religião de áreas onde a maior parte da população professa uma fé. “Isso não é nada bom para os ateus: eles parecem menos felizes e também fazem os outros menos felizes”, concluiu Clark. A explicação para isso pode estar na compaixão incentivada pelas religiões. A escritora e ex-freira inglesa Karen Armstrong, autora de mais de 20 livros sobre o tema, acredita que o princípio da compaixão está no centro de todas as tradições religiosas. É ela que nos leva a pensar no próximo e a fazer de tudo para aliviar o sofrimento e as angústias dele.

Antônio Gilberto Lehnen, 78 anos de catolicismo ativo, sentiu os efeitos dessa rede de apoio após enfrentar duas cirurgias que quase lhe custaram a vida. Aos 67 anos, ele teve de passar por um transplante cardíaco. Na lista de espera por um novo coração, sem saber ao certo se aguentaria, sua atitude era de gratidão. “Lembro de ele me dizer, com toda a tranquilidade: ‘Planeja tudo aqui que o papai do céu está cuidando de mim’. Era uma atitude confiante”, lembra o cirurgião Fernando Lucchese, que fez a operação. Antônio é grato até hoje. “Não sei quem foi o doador, mas não deixo nem um dia de rezar por ele e pela felicidade da sua família”, diz.

EXERCER A FÉ TORNA AS PESSOAS MAIS *Amigáveis*

RELIGIOSOS SÃO 2 A 3 VEZES MAIS PROPENSOS A PARTICIPAR ATIVAMENTE DA VIDA PÚBLICA.

RENDAMENTO MENSAL DE FAMÍLIAS RELIGIOSAS É MAIOR*: GANHAM MAIS DE US\$ 100 MIL POR ANO

- 46% JUDEUS
- 43% HINDUS
- 22% BUDISTAS
- 19% CATÓLICOS
- 18% POPULAÇÃO TOTAL

QUEM CONSIDERA O CASAMENTO SAGRADO É 42% MAIS FELIZ.

QUEM PENSA EM DEUS OU EM ALGO DIVINO TENDE A FAZER

2 VEZES MAIS DOAÇÕES EM DINHEIRO.

Quem vai a templos religiosos faz **2,5 VEZES** mais trabalhos voluntários que aqueles que não vão.

O QUE É A FÉ

Na Antiguidade, as religiões eram essenciais para unir uma comunidade. “Nas sociedades primitivas, a religião sempre exigiu tanto esforço (de união) que não pode ser encarada só como um acidente evolutivo”, diz Nicholas Wade, autor de *The Faith Instinct* (“O instinto da fé”, sem edição no Brasil). Essa união foi questão de sobrevivência por milênios. É o que afirma Karen Armstrong em *Os 12 Passos para uma Vida de Compaixão*. Organizado em pequenos grupos, o homem primitivo precisava partilhar os poucos recursos a mão. Muito antes do surgimento das grandes religiões, altruísmo e generosidade já eram características primordiais a um bom líder tribal.

A genética também ajuda a explicar a origem da fé. O geneticista americano Dean Hamer causou rebuliço no meio científico em 2004 ao anunciar a descoberta dos genes da fé – ou, como ele preferiu chamar, o gene de Deus. Batizado de VMAT2, trata-se de um conjunto de genes que ativam substâncias químicas que dão significado às nossas experiências. Eles atuam no cérebro regulando a ação dos neurotransmissores dopamina, ligada ao humor, e serotonina, relacionada ao prazer. Durante a meditação, por exemplo, esses neurotransmissores alteram o estado de consciência. “Somos programados geneticamente para ter experiências místicas. Elas levam as pessoas para algo novo, ouvem Deus falar com elas”, explica Hamer. O pesquisador aplicou um questionário para medir o grau de espiritualidade em um grupo de 1.001 voluntários. Desenvolvido pelo psiquiatra Robert Cloninger, da Universidade de Washington, o levantamento trazia perguntas ligadas a crenças e rituais. Hamer avaliou os genes dos voluntários e percebeu que as diferenças nas respostas estavam relacionadas com as variações no gene de Deus. Essas variações explicariam por que algumas pessoas são mais espiritualizadas que outras.

Dá para visualizar isso, literalmente. Exames de neuroimagem mostram a atividade

FÉ DO LABORATÓRIO

Imagens cerebrais de freiras e monges budistas durante oração e meditação.



Duas áreas do cérebro ativadas: os **lobos frontais** (parte responsável pela concentração) e o **sistema límbico** (relacionado às emoções).



O **lobo parietal**, responsável pelo senso que temos de nós mesmos e do mundo, tem redução de atividade. Isso ajuda a explicar a sensação de perda de noção do tempo e do espaço ao meditar.

FÉ AUMENTA A
Felicidade

26%
DOS CÉTICOS
DISSERAM
ESTAR MUITO
FELIZES EM
UMA PESQUISA
COM 3.014
AMERICANOS

43%
DOS RELIGIOSOS
DISSERAM ESTAR
MUITO FELIZES.

Entre mulheres
na pós-menopausa,
quem frequenta
templos religiosos
é 56% mais
propensa a uma
visão otimista
da vida.

Pessoas espiritualizadas são
2 VEZES MAIS
PROPENSAS
A SE DECLARAR
"MUITO FELIZES"
DO QUE AQUELAS
QUE NÃO
CULTIVAM A
ESPIRITUALIDADE.

Em média,
indivíduos com fé
têm uma tendência
3 VEZES
maior a ver o
lado bom das
coisas.

de crenças espirituais no cérebro. O time de cientistas liderado por Andrew Newberg, professor da Universidade da Pensilvânia, nos EUA, e autor do livro *How God Changes Your Brain* (“como Deus muda o seu cérebro”, sem edição no Brasil), demonstrou que Deus é parte da nossa consciência: quanto mais pensamos nele, mais nossos circuitos neurais são alterados. No primeiro de seus estudos a respeito, Newberg avaliou o impacto da fé ao analisar imagens cerebrais de freiras rezando e budistas meditando. Ele detectou aumento de atividade em áreas relacionadas às emoções e ao comportamento e redução na zona que dá senso de quem somos. A diminuição de trabalho nessa região específica, segundo Newberg, representa a possibilidade de atingir com a meditação um estado em que se perde a noção de individualidade, espaço e tempo. “Você se torna um único ser com Deus ou com o Universo”, escreveu. É o mesmo efeito descrito por Hamer. A ciência não pode provar que Deus existe, mas consegue medir os efeitos da crença no divino nas pessoas.

Seria possível, então, transformar esses efeitos da fé em um botão no cérebro, que poderíamos ativar quando quiséssemos? O canadense Michael Persinger quis provar que sim ao criar o “capacete de Deus”. Trata-se de um aparelho que estimula uma área específica do cérebro, onde nascem pensamentos místicos e espirituais. Persinger queria saber se dava para simular a sensação de uma prece intensa ou da meditação apenas estimulando essa região cerebral. Ele recrutou voluntários religiosos e não religiosos para o teste. Depois de ficarem uma hora com o capacete, quatro de cada cinco pacientes relataram sentir um estado de transe, com uma sensação de deslocamento para fora do corpo. A maioria dessas pessoas tinha uma predisposição à fé, mas, mesmo assim, o aparelho conseguiu simular experiências religiosas em laboratório. Ou seja, com ele não é preciso rezar para sentir os mesmos efeitos benéficos descritos na reportagem. Da mesma forma que não é preciso seguir uma religião para ter esses benefícios.

COMO TRABALHAR SUA FÉ

Que fique claro, fé e religião são coisas diferentes. A religião é uma maneira institucionalizada para se praticar a fé, por meio de regras específicas e dogmas. Já a fé é algo pessoal, ligado à espiritualidade, à busca para compreender as respostas a grandes questões sobre a vida, o Universo e tudo mais. Isso pode ou não levar a rituais religiosos. Você pode buscar essas respostas pulando sete ondinhas, acendendo velas, consultando o horóscopo da Susan Miller, pregando faixas de Santo Expedito ou investigando quilos de

RELIGIOSOS FICAM MAIS AFASTADOS DE
Problemas

ADULTOS QUE NÃO ACHAM RELIGIÃO IMPORTANTE:

- CONSUMEM **50% MAIS** ALCÓOL
- TÊM **3 VEZES** MAIS BEBIDAS
- USAM DE **4 A 6 VEZES** MAIS DROGAS ILÍCITAS.

47% MENOS
risco de suicídio têm aqueles que seguem uma religião.

Crentes têm 85% MENOS chances de se tornar fumantes do que ateus.

COMEM FRUTAS E VEGETAIS 4 VEZES POR SEMANA:

RELIGIOSOS 61%
SEM RELIGIÃO 55%

livros de física quântica. Cada um tem seu jeito próprio.

Vale até ficar louco de cogumelo. Foi o que Roland Griffiths, professor da Universidade Johns Hopkins, nos EUA, propôs. Sua equipe deu a 36 voluntários cápsulas com altas doses de psilocibina, substância presente em cogumelos alucinógenos. O grupo deitou em sofás com olhos vendados ao som de música clássica. Depois de uma sessão de seis horas, passado o efeito, a maioria relatou ter experimentado uma forte conexão com os outros, um sentimento de união, amor e paz. Até aí, parecia papo de doidão. Mas o professor voltou a falar com os voluntários um ano depois. Eles disseram que se sentiam diferentes. A experiência os tornou pessoas melhores, o que foi confirmado pelas famílias deles. “Se a psilocibina pode causar sensações místicas idênticas às que ocorrem naturalmente, isso prova que esse tipo de experiência é biologicamente normal”, disse Griffiths no fórum de palestras TED. Mais que isso: talvez, drogas alucinógenas tenham benefícios.

Mesmo sem cogumelos alucinógenos ou um capacete de Deus, é possível atingir artificialmente as benesses da fé. Cientistas garantem que basta ter uma forte crença em algo – e nem precisa ser uma divindade ou força superior. Pode ser qualquer coisa realmente importante para a pessoa. “Se para os crentes é Deus, para os ateus pode ser família ou amigos”, diz Michael Shermer, diretor da Sociedade Cética e autor do livro *The Believing Brain* (“o cérebro crente”, sem edição no Brasil). “Teoricamente, um ateu pode ter uma poderosa experiência mística”, endossa Andrew Newberg. O pai do gene de Deus, Dean Hamer, segue a mesma linha. “Algumas das pessoas mais espiritualizadas que conheço não acreditam em divindade nenhuma”, escreveu no trabalho em que relatou a descoberta genética. Outra grande autoridade no assunto, o psicólogo Kenneth Pargament, do Instituto de Espiritualidade e Saúde do Centro Médico do Texas, sugere cultivar a espiritualidade exercitando o que

O CAPACETE DE DEUS

Máquina ativa as regiões do cérebro envolvidas com a espiritualidade.



O capacete estimulou o lobo temporal direito, área dos pensamentos místicos: 80% dos pacientes disseram sentir um estado de transe.



A máquina provou que é possível simular a sensação de prece intensa ou de meditação apenas estimulando essa região. A capacidade de transcendência é uma propriedade do cérebro.

ele chama de santificação ateuista. Significa dar a algo importante da vida um status sagrado, mesmo sem acreditar em Deus. A foto do seu filho quando bebê pode ser muito mais sagrada para você que a imagem de Santo Antônio, por exemplo.

Não se trata de banalizar a sacralização, mas o contrário: exercitar a fé dessa forma é uma postura antibanalização da vida, qualquer aspecto pode assumir um caráter divino. E esse hábito de sacralizar aspectos do cotidiano é capaz até de alterar nosso comportamento, segundo uma pesquisa que acompanhou recém-casados. Os casais que consideravam o casamento e o sexo sagrados estavam mais felizes – e transavam mais! No trabalho é a mesma história. Outro estudo, realizado no ano passado, avaliou 200 mães de família que haviam acabado de concluir uma pós-graduação. Apesar da dupla jornada, aquelas que encaravam a carreira como parte de algo maior (e não só a fonte de renda para pagar as contas do mês) se disseram muito mais felizes profissionalmente – e menos cansadas.

Em tese, portanto, é possível usufruir de benefícios semelhantes aos proporcionados pelas crenças divinas apenas focando as energias naquilo que faz bem a você. O psicólogo Elisha Goldstein, autor do best-seller *The Now Effect* (“o efeito ‘agora’”, sem edição no Brasil), desenvolveu um método que consiste em cultivar momentos sagrados. Primeiro, você escolhe objetos que trazem boas lembranças. Valem fotos de infância, o relógio do avô, uma carta de amor, o primeiro gibi. Todos os dias, preste atenção a esse amuleto por no mínimo cinco minutos. Deixe que os pensamentos invadam sua mente. Relaxe. Após três semanas, avalie suas emoções. Segundo Goldstein, os voluntários que participaram do experimento relataram sentimentos de gratidão, humildade e empatia. Isso porque eles se reconectaram àquilo que realmente importa. Consequentemente, se sentiram menos ansiosos e pessimistas e mais dispostos a ajudar quem precisa. Isso sem ter de orar ou meditar seguindo preceitos religiosos.

Esses benefícios dependem da intensidade da crença. Quem vai à igreja e fica jogando *Candy Crush Saga* no celular dificilmente vai usufruir das vantagens da fé. Newberg resolveu passar isso a limpo e pediu a um grupo de ateus que pensassem em Deus. Nenhuma mudança significativa ocorreu. Para eles, não fazia o menor sentido. Então, o melhor é se engajar em atividades em que você realmente acredita. Se seu negócio não é integrar uma igreja, o psicólogo Michael McCullough lembra que algumas ONGs têm regras de conduta e convivência semelhantes, reproduzindo os

mesmos mecanismos das religiões que incentivam compaixão, autocontrole, senso de comunidade e comportamento ético.

Da mesma forma que é possível ter os benefícios da fé mesmo sem religião, há ocasiões em que ela faz mal – e nem precisamos entrar no mérito das guerras religiosas. Atribuir a Deus poderes milagrosos pode levar pacientes a abandonar tratamentos. Há também um outro componente preocupante. Em algumas pessoas, ocorre o que os especialistas chamam de conflito religioso, sentimento que leva a acreditar que a doença ou os sofrimentos são punição divina. Nesses casos, a religião tem um efeito desastroso. Um estudo publicado na revista científica americana *Archives of Internal Medicine* mostrou que esse conflito está associado a depressão, ansiedade e maior índice de mortalidade. Se fosse bom, fé cega não teria esse nome. ■

PARA SABER MAIS

12 Passos para uma Vida de Compaixão
Karen Armstrong, Cia. das Letras, 2012

Religião para Ateus
Alain de Botton, Intrínseca, 2011

Modelos Julia Marques, Jessica Hinokel, Rodrigo Thiré, Vivian Saraoeni e Gustavo Merighi **Produção** Vinícius Manuel **Reportagem** Valquíria Vita **Fontes** *International Journal of Psychiatry in Medicine*; revista científica *Liver Transplantation*; Santa Casa de Porto Alegre (RS), em parceria com a Universidade Duke (EUA); Universidade Estadual da Pensilvânia (EUA); Universidade do Texas (EUA); Andrew Newberg (Universidade da Pensilvânia, EUA); Centro de Pesquisas Pew (EUA); Instituto Público de Pesquisa sobre Religião (EUA); The Social Capital Benchmark Survey (EUA); Universidade da Colúmbia Britânica (Canadá); Universidade Estadual de Bowling Green (EUA); *American Journal of Public Health* (EUA); Instituto Gallup (EUA); *Handbook of Religion and Health* (vários autores); Michael Persinger (Universidade Laurentian, Canadá); Universidade da Colúmbia Britânica (Canadá); Universidade Yeshiva (EUA); Associação Americana de Psiquiatria; Centro Nacional de Adição e Abuso de Drogas (EUA)

*Dados referentes a famílias americanas

Fonte: Superinteressante, novembro de 2013

ANEXO H – Comida profana – [T8] Amanda Lourenço, Paula Bustamante, Daniel Ozana, Carol Castro e Emiliano Urbim

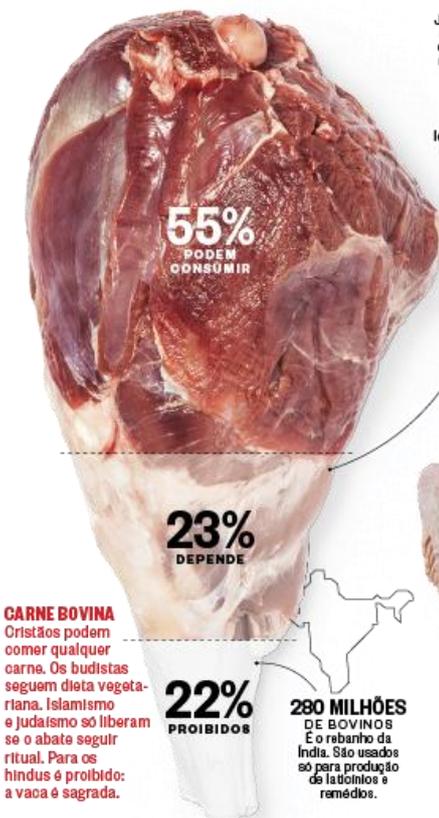


ZOOM E PINCH
toque 2x na tela
ou aumente
uma área

COMIDA PRO

PODE OU NÃO PODE

As grandes religiões proíbem boa parte da população mundial de consumir certos produtos.



Judeus não comem carne e derivados de leite na mesma refeição. É preciso intervalo de **6 HORAS**

Por isso algumas lojas do McDonald's em Israel não têm cheese-burger. Só sanduíche sem queijo.

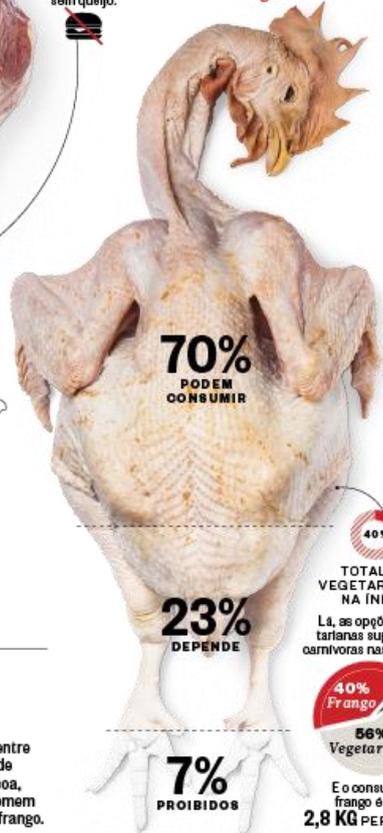
FRANGO
Islã e Judaísmo exigem ritual de abate. O hinduísmo prega a não-violência contra animais, mas tolera o consumo de frango.

Hindus levam a sério a proibição de bebidas: vetam até chá e café.

ÍNDIA É UM DOS PAÍSES MENOS BEBERRÕES*

Moldávia 18,2
Brasil 6,18
Índia 0,75
*em litros per capita

O Judaísmo ou uso de álcool só se for feito visado de ur



40%
TOTAL DE VEGETARIANOS NA ÍNDIA.
Lá, as opções vegetarianas superam as carnívoras nos pizzarias**.

40% Frango **4% Pepperoni** **56% Vegetariana**

E o consumo de frango é baixo: **2,8 KG PER CAPITA.**

**Cardápio Piza Hut da Índia.



É tão alvejado pelo Islã que até pá fermentada podem ser proibidos.

ÁLCOOL
O vinho faz parte de rituais religiosos entre os cristãos desde sempre. Mas, para o Alcorão, álcool é puro veneno. E, segundo o budismo, impede a evolução espiritual.

PROIBIÇÕES TEMPORÁRIAS

RAMADÁ
Durante todo o nono mês do calendário muçulmano, é proibido comer e beber do nascer até o pôr-do-sol.

YOM KIPUR
No décimo dia do sétimo mês do calendário religioso judaico, os fiéis fazem um jejum de 25 horas.

QUARESMA
Em todas as sextas-feiras, entre a quarta-feira de cinzas e a Páscoa, cristãos não comem carne de boi e frango.

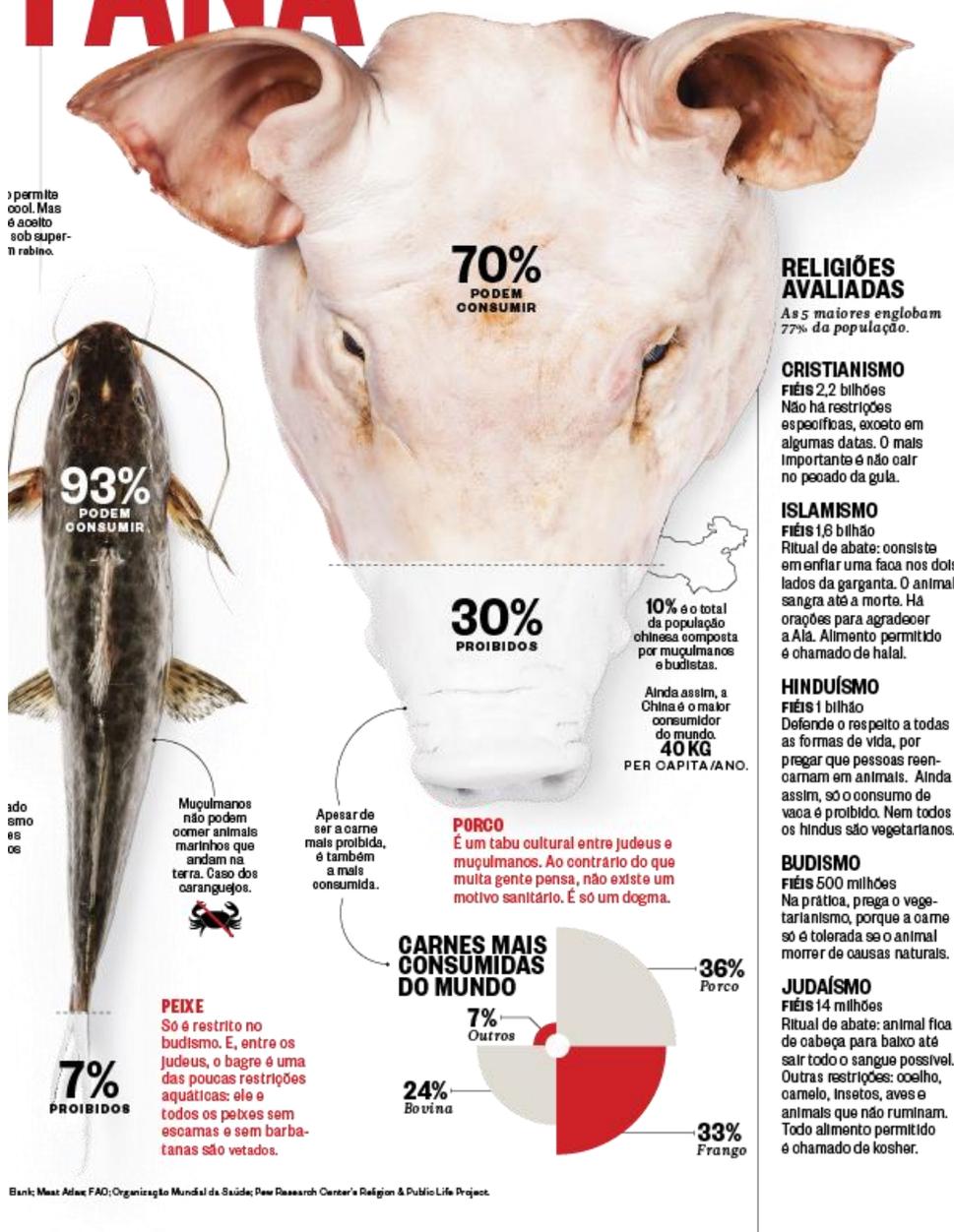


ZOOM E PINCH
toque 2x na tela ou aumente uma área

FANA

Come quem quer. Limita-se quem acredita. Fiéis leitores, conheça as restrições gastronômicas impostas pelas religiões.

INFOGRÁFICO Amanda Lourenço, Paula Bustamante, Daniel Ozana, Carol Castro e Emiliano Urbim.



Fonte: Superinteressante, maio de 2014

ANEXO I – Por trás do véu – [T9] Giselle Hirata



CULTURA 1/3

← →
MATERIAS

POR TRÁS DO VÉU

Debaixo dos tecidos há um mundo de informação.

EDIÇÃO *Felipe van Deursen*
DESIGN *Inara Negrão*
REPORTAGEM *Giselle Hirata*
FOTO *Dulla*
PRODUÇÃO *Carol Cubarenco*

MUÇULMANAS USAM VÁRIOS TIPOS DE VÉU - OU NENHUM. Cada uma dessas vestes tem origens e significados diferentes, carregados de tradição. Se hoje a burca é associada a regimes opressores, no passado ela era um símbolo de status. Já na Turquia, em 2013, funcionárias públicas conquistaram o direito de usar véu no trabalho, algo proibido desde 1925. As vestes também são orgulho e moda. Cada mulher gasta US\$ 120 por ano nelas, num mercado de US\$ 100 milhões que se espalha de grandes lojas a blogs especializados. Entender os véus revela muito sobre as mulheres que eles cobrem.

2 3



Máscaras e tendas

Cada hijab, nome genérico do véu, representa culturas diferentes.

- BURCA
- NIQAB
- CHADOR
- AL-AMIRA
- SHAYLA
- SEM VÉU

BURCA

○ SÉC. 18-19
 ▼ PENÍNSULA ARÁBICA

Criada para ocultar o corpo, no princípio não tinha relação com o Islã e era usada como sinal de status. Seu uso foi obrigatório no Afeganistão durante o governo do Talibã (1995-2001).

USO MAIS COMUM
 Tecido retangular preto ou azul. Por baixo, calça e batas largas. É comum se maquiar.



DAS AFEGÃS ainda vestem burca - seja por tradição ou medo.



MULHERES AFEGÃS ANTES DO TALIBÃ, ELAS ERAM...



QUAL A VESTE MAIS ADEQUADA?
 A opinião da população de sete países. (em %)

País	BURCA	NIQAB	CHADOR	AL-AMIRA	SHAYLA	SEM VÉU
ARÁBIA SAUDITA	11		63	8	10	5
EGITO	1	9	20	52	13	4
IRAQUE	4	8	32	44	10	3
LÍBANO	2	1	3	32	12	49
PAQUISTÃO	3		32	31	24	8
TURQUIA	2	2	46	17		32
TUNÍSIA	1	2	3	57	23	15

■ BURCA ■ NIQAB ■ CHADOR ■ AL-AMIRA ■ SHAYLA ■ SEM VÉU

2 3



Máscaras e tendas

Cada hijab, nome genérico do véu, representa culturas diferentes.

- BURCA
- NIQAB
- CHADOR
- AL-AMIRA
- SHAYLA
- SEM VÉU

NIQAB

ANTIGUIDADE
PENÍNSULA ARÁBICA

"Máscara", em árabe. Peça comum em regiões conservadoras, que consideram o rosto da mulher uma parte íntima.

ARÁBIA SAUDITA

É o país do niqab. Seu uso é visto como o mais adequado para:



O véu no rosto pode vir costurado na peça ou preso por um alfinete.



USO MAIS COMUM
Preto, vai até a cintura.

Mulheres que vestem niqab costumam cobrir as mãos com luvas.

QUAL A VESTE MAIS ADEQUADA?
A opinião da população de sete países. (em %)



■ BURCA ■ NIQAB ■ CHADOR ■ AL-AMIRA ■ SHAYLA ■ SEM VÉU

2 3



Máscaras e tendas

Cada hijab, nome genérico do véu, representa culturas diferentes.

BURCA

NIQAB

CHADOR

AL-AMIRA

SHAYLA

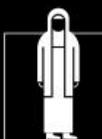
SEM VÉU

CHADOR

○ SÉCULO 18

♀ IRÃ

Significa "tenda" em persa. É uma veste historicamente ligada aos xiitas e à Pérsia, o antigo Irã. Em 1936, no processo de ocidentalização forçada no país, o uso foi proibido. Com a Revolução Islâmica de 1979, ela virou obrigatória.



USO MAIS COMUM Preto por tradição. Mas o que conta é ser escuro e discreto. Por baixo, túnica ou calça e blusa.

Outras cores são toleradas em lugares menos conservadores.



60%
DAS IRANIANAS têm diploma universitário.

*(15-24 anos)

QUAL A VESTE MAIS ADEQUADA?

A opinião da população de sete países. (em %)

12 ANOS Idade com que normalmente meninas passam a usar chador.

País	BURCA	NIQAB	CHADOR	AL-AMIRA	SHAYLA	SEM VÉU
ARÁBIA SAUDITA	11		63	8	10	5
EGITO	1	9	20	52	13	4
IRAQUE	4	8	32	44	10	3
LÍBANO	2	1	3	32	12	49
PAQUISTÃO	3		32	31	24	8
TURQUIA	2	2	46	17		32
TUNÍSIA	1	2	3	57	23	15

■ BURCA ■ NIQAB ■ CHADOR ■ AL-AMIRA ■ SHAYLA ■ SEM VÉU

2 3



BURCA

NIQAB

CHADOR

AL-AMIRA

SHAYLA

SEM VÉU

Máscaras e tendas

Cada hijab, nome genérico do véu, representa culturas diferentes.

Touca prende o cabelo e dá sustento ao véu.

AL-AMIRA

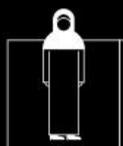
○ DÉCADA DE 1970
▼ EMIRADOS ÁRABES

Após protestos feministas nos países árabes, algumas mulheres abandonaram o niqab, enquanto outras adotaram esse novo modelo. É o mais usado por muçulmanas no mundo inteiro e o mais aceito na maioria dos países de população islâmica.

Comprimento varia de região para região. Pode cobrir os ombros ou ficar em torno do pescoço.

A MAIS PEDIDA

Entre os cinco véus, a al-amira é considerada a mais adequada para:



USO MAIS COMUM Duas peças (touca e lenço). No Ocidente, é usado também com roupas coloridas.

*(15-24 anos)
QUAL A VESTE MAIS ADEQUADA?
A opinião da população de sete países. (em %)



■ BURCA ■ NIQAB ■ CHADOR ■ AL-AMIRA ■ SHAYLA ■ SEM VÉU

2 3



- BURCA
- NIQAB
- CHADOR
- AL-AMIRA
- SHAYLA**
- SEM VÉU

Máscaras e tendas

Cada hijab, nome genérico do véu, representa culturas diferentes.

SHAYLA

◉ DÉCADA DE 1970
 ▼ EMIRADOS ÁRABES

Surgiu no mesmo contexto que a al-amira, para quem não se sentia à vontade com o cabelo todo descoberto. Mesmo quem não usa véu regularmente veste a shayla para entrar em mesquitas, onde mulheres precisam cobrir o cabelo.

É recorrente investir em maquiagens bem marcadas e, às vezes, coloridas.



USO MAIS COMUM
 Longa e retangular, é enrolta ao redor da cabeça e presa na região dos ombros. Pode deixar pescoço e parte do cabelo à mostra.

Muçulmanas mais liberais combinam a shayla com peças diferentes.

*(15-24 anos)
QUAL A VESTE MAIS ADEQUADA?
 A opinião da população de sete países. (em %)



■ BURCA ■ NIQAB ■ CHADOR ■ AL-AMIRA ■ SHAYLA ■ SEM VÉU



Máscaras e tendas

Cada hijab, nome genérico do véu, representa culturas diferentes.

- BURCA
- NIQAB
- CHADOR
- AL-AMIRA
- SHAYLA
- SEM VÉU

CABELO A MOSTRA

No Líbano, habitado por muçulmanos sunitas e xiitas e cristãos católicos e ortodoxos, a cabeça descoberta é tida como mais adequada do que qualquer véu. Mas, mesmo em países menos conservadores, é difícil ver mulheres de decotes ou saias.

Colares, pulseiras e outros acessórios são bem comuns.



USO MAIS COMUM
Camisas de manga longa, jeans, coletes e lenços coloridos no pescoço.

AO VENTO
Mulheres não devem usar véu na opinião de libaneses:



CRISTÃOS (39% DA POPULAÇÃO)
98%

SUNITAS (27% DA POPULAÇÃO)
26%

XIITAS (27% DA POPULAÇÃO)
20%

QUAL A VESTE MAIS ADEQUADA?
A opinião da população de sete países. (em %)



■ BURCA ■ NIQAB ■ CHADOR ■ AL-AMIRA ■ SHAYLA ■ SEM VÉU



MULHERES PODEM DECIDIR SE USAM OU NÃO O VÉU?

Entre poder de escolha, obrigação e proibição, veja a opinião em cada país.

■ SIM □ NÃO

EGITO



CONTEXTO
O véu era restrito até a Primavera Árabe, que derrubou a ditadura militar do país. Hoje, 90% usam véu por algum motivo.

AFEGANISTÃO



CONTEXTO
A burca já era um traje tradicional de algumas tribos, mas só se disseminou com a imposição do Talibã.

IRAQUE



CONTEXTO
Povos diferentes habitam o país, cada um com opiniões próprias sobre os véus.

MARROCOS



CONTEXTO
O uso do véu é limitado. Mulheres que trabalham em instituições do governo são proibidas de usá-lo.

PAQUISTÃO



CONTEXTO
A maioria das pessoas é a favor do poder de escolha. Mas, por ser um país bastante conservador, a escolha é quase sempre pelo uso do véu.

TUNÍSIA



CONTEXTO
A polícia revista mulheres de niqab a fim de evitar ataques terroristas. Liberal, o país não proíbe nenhuma veste.

TURQUIA



CONTEXTO
Há um conservadorismo crescente. Mas o poder de escolha ganha.

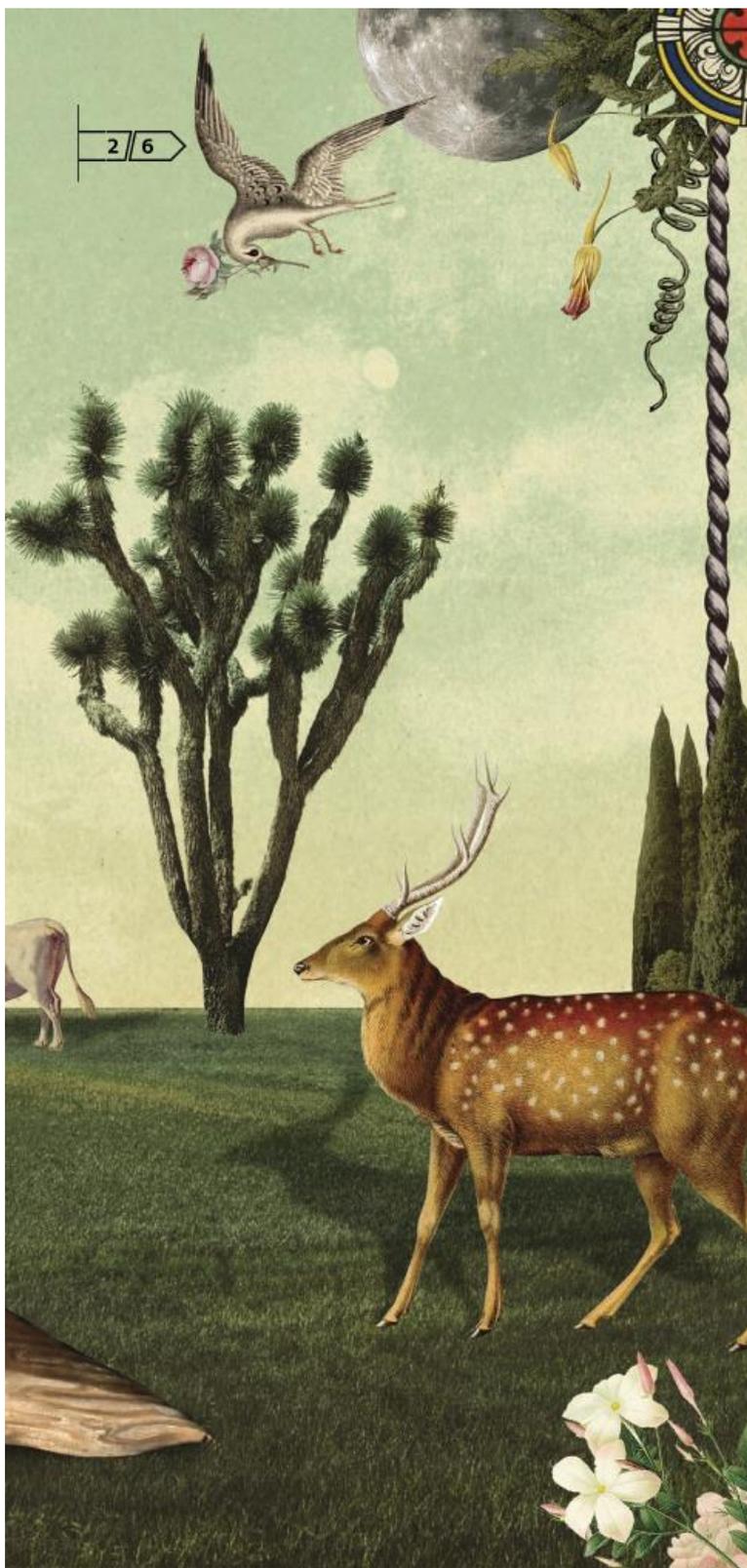
Tratamento de Imagem Andre Luiz

FONTES Arlene Cleemsha, professora de História Árabe da USP; OIA World Factbook; hananmustafa.com (blog de moda islâmica); Fernanda Kholoud, artesã da Kholoud Hijabs; The Investigative Project on Terrorism (EUA); Nasser Khazraji, representante do Centro Islâmico do Brasil; National Organization for Women Foundation (EUA); Pew Research Center (EUA); Soraya Misleh, diretora do Instituto da Cultura Árabe (IOArabe); O Significado do Véu, de Chahdortt Djavann.

Fonte: Superinteressante, julho de 2014

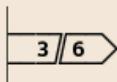
ANEXO J – Em busca do santo prepúcio – [T10] Sara Magalona





Uma das relíquias mais curiosas da Igreja é também a mais polêmica: o prepúcio do menino Jesus. Ele é alvo de uma caçada que já envolveu o imperador Carlos Magno, dez papas, grandes roubos, uma caverna e até hippies.

VINTE E NOVE IGREJAS possuíam os pregos usados na crucificação de Jesus. Cerca de 70 diziam ter amostras do leite de amamentação de Maria. Pedacos da cruz, então, qualquer cidade tinha. A Idade Média viveu o milagre da multiplicação de relíquias cristãs. Uma banalização que foi criticada por protestantes na época da Reforma e, depois, pela própria Igreja Católica, que parou de fomentar esse culto. Mas uma dessas relíquias não foi esquecida pelo tempo e talvez não tenha sido destruída: o prepúcio do menino Jesus. A "Santa Carne" já



motivou disputas papais e atraiu peregrinos por séculos a Calcata, cidade a 45 quilômetros de Roma onde ela era preservada. Até que desapareceu na década de 1980.

No oitavo dia após o nascimento, Jesus foi circuncidado. Como todo bebê judeu, seu prepúcio, a pele que cobre a cabeça do pênis, deveria ser enterrado. A *Bíblia* não faz nenhuma menção a isso, mas o *Evangelho da Infância*, um texto apócrifo (excluído da *Bíblia*) publicado em 1677, faz. Segundo o livro, que retrata Jesus como uma criança mimada e inconsequente, a pele foi entregue a uma velha senhora, que o guardou em uma caixa com óleo perfumado – esse óleo ainda seria usado por Maria Madalena para limpar Jesus morto na cruz. A caixa foi escondida na loja do filho dela, sob a condição de não ser vendida. O curioso é que, segundo o texto, Maria não seguiu o costume religioso de enterrar o prepúcio do filho.

Por oito séculos, não houve nenhum relato da relíquia. Até que a história ganhou novos contornos. Em 799, o papa de então, Leão 3º, estava em maus lençóis. Ele não era tido como nobre o suficiente para comandar a Igreja, o que, naquela época, já era motivo para sofrer atentados. Precisando de apoio para não ser assassinado, ele buscou ajuda logo no homem mais poderoso da Europa, o rei dos francos Carlos Magno. O monarca atendeu ao pedido e achou por bem invadir Roma. Como resultado, acabou coroado imperador do Ocidente pelo próprio Leão 3º. Foi aí que, diz a lenda, ele teria dado ao pontífice uma caixa que continha o prepúcio, que ele recebera de presente após enfrentar muçulmanos em Jerusalém. Mas Carlos Magno nunca foi ao Oriente Médio, apenas enviou missões à Terra Santa para firmar acordos. Nessas viagens, presentes foram trocados – e o prepúcio seria um deles.

Outra versão, mais religiosa, diz que certo dia Carlos Magno estava rezando diante do Santo Sepulcro, um local em Jerusalém onde, de acordo com a tradição cristã, Jesus morreu, foi enterrado e ressuscitou. Durante a oração, uma criança surgiu do nada e pediu a ele que guardasse uma caixa que continha um presente, dizendo que era “feito de minha própria carne”.

Segundo estudiosos do assunto, é provável que o rei dos francos não tenha nenhuma ligação, de fato, com a história. “Após sua morte, em 814, surgiu a Carlos Magno S.A. Todo mundo queria uma parte da lenda carolíngia”, escreveu o jornalista David Farley no livro *An Irreverent Curiosity* (“uma curiosidade irre-



verente”, sem edição no Brasil). Ou seja, a saga do Santo Prepúcio teria sido grudada à de Carlos Magno, o “pai da Europa”, em busca de legitimidade. Era comum associar relíquias a personagens históricos para aumentar sua importância e prestígio.

FÁBRICA DE RELÍQUIAS

O achado era um incremento a uma política de Roma vigente no século 9: todas as igrejas deveriam ter pelo menos um artefato ou pedaço de corpo de algum grande personagem cristão. Foi a farra das relíquias. Pequenas e grandes cidades começaram a procurar (e inventar) objetos, a fim de atrair mais fiéis, status e dinheiro. As igrejas desenterraram e desmembraram santos. Expunham para adoração pedaços de corpos apodrecidos. Mas o que fazia a roda da fortuna girar de verdade eram objetos ligados a Jesus. Aí sobrou para seu pênis circuncidado – e o cordão umbilical, que também estaria em Roma. Ao longo da Idade Média, 18 localidades catalogaram o Santo Prepúcio entre as próprias relíquias. Uma cidade francesa foi batizada em homenagem a ele: Charroux, que significa “carne vermelha”.

No século 14, o prepúcio de Charroux ficou famoso, rivalizando com o romano em peregrinações. Isso simbolizou o racha

que a Igreja vivia. Naquela época, havia um papa na Itália e outro na cidade francesa de Avignon. Quando Roma recuperou o pleno domínio, no século seguinte, o prepúcio francês perdeu a vez. Mas a relíquia romana não teve muito sossego. Em 1527, ela foi roubada durante o Saque de Roma, comandado pelas tropas do imperador do Sacro Império Romano-Germânico Carlos 5º. O soldado alemão que furtou a peça foi capturado ao se aproximar de Calcata, quando tentava sair da Itália. Ele não foi preso por estar com o Santo Prepúcio, mas pelo simples fato de ser estrangeiro. Acabou liberado, deixando para trás a relíquia – talvez por medo de, aí sim, ser pego em um crime muito mais grave. Ou por fé, ao se dar conta do que levava.

**DEZOITO
CIDADES
DIZIAM
TER O
SANTO
PREPÚCIO
AO LONGO
DA IDADE
MÉDIA.**

5 6

PEQUENA GALERIA DE RELÍQUIAS EXÓTICAS

LEITE MATERNO

Na Idade Média, 69 santuários diziam ter o leite da Virgem Maria.

AUTENTICIDADE ●●●●●

O Museu Britânico tem um relicário com o leite que nunca foi aberto. Se o líquido estiver lá dentro, hoje ele seria só uma massa solidificada de proteínas, gordura e carboidratos.



DEDO

Segundo a tradição, São Tomé tocou os ferimentos de Jesus. Esse mesmo dedo estaria na Basílica da Santa Cruz, em Roma.

AUTENTICIDADE ●●●●●

De fato, há um dedo descarnado disponível para visualização na basílica. Mas nunca foi feito um estudo de datação para saber de que época são os ossos. É ver para crer. Como São Tomé.



LÍNGUA

Em 1263, o caixão de Santo Antônio de Pádua (1195-1231) foi aberto, 32 anos após sua morte. A língua dele não havia se decomposto.

AUTENTICIDADE ●●●●●

Ela está em um relicário na cidade italiana de Pádua. Como não se sabe se houve processo de mumificação e a caixa nunca é aberta, não dá para cravar que ela não esteja ali.



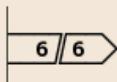
CABEÇA

Três anos após a morte de Catarina de Siena (1347-1380), a cabeça foi mumificada e enviada à cidade natal da santa, na Itália.

AUTENTICIDADE ●●●●●

Em 1855, o túmulo da santa foi reaberto e a cabeça não estava lá. Em 1947, um exame mostrou que o crânio tinha tamanho condizente com o de uma mulher italiana. Mas é só o que se sabe.





Roma sabia que o prepúcio estava na região de Calcata, mas ninguém tinha noção de exatamente onde. A prisão, que funcionava em uma caverna, foi desativada sem que as pessoas da cidade soubessem que a relíquia estava ali.

Diz a lenda que, três décadas depois, um padre observou que as mulas sempre se curvavam à entrada da caverna. Curioso, resolveu entrar para ver o que havia lá. Descobriu o relicário e, apesar de ninguém conseguir abri-lo, tinha certeza de que se tratava do Santo Prepúcio, devido a uma fita com uma inscrição parcialmente apagada. Roma cogitou reavê-lo, mas, como a caverna já havia se tornado ponto de peregrinação, Calcata foi oficializada como terra do verdadeiro e único Santo Prepúcio. “Os outros pretendentes foram ignorados ao longo dos séculos”, explica Farley, que também é autor do documentário *A Relíquia Perdida de Jesus Cristo*.

Na virada do século 19 para o 20, a França voltou a defender sua legitimidade peniana. As cidades de Conques e Charroux (de novo) disseram ter redescoberto seus prepúcios medievais. Foram motivo de piada. A Igreja perdeu a paciência e decidiu excomungar quem falasse do assunto e dar um basta ao culto a relíquias consideradas excêntricas. Quanto ao tesouro de Calcata, ele deveria ser escondido. Com isso, a cidade perdeu a vocação turístico-religiosa. Para piorar, ainda precisou ser evacuada, pois estava em uma zona ameaçada por terremotos. Os habitantes construíram outra cidade, chamada Calcata Nuova, e a velha rapidamente ganhou uma nova e inusitada população. Nos anos 60, empolgados pela beleza do local e pelo teto grátis, boêmios, hippies e artistas se estabeleceram em Calcata – e estão lá até hoje. Ao tomarem conhecimento da relíquia curiosa, uns se encantaram pelo seu misticismo enquanto outros a viam como uma excentricidade divertida.

Em 1983, o prepúcio foi roubado. Não era preciso muita astúcia: ele estava guardado em uma caixa de sapato na casa do padre local. O roubo virou notícia internacional, e surgiram muitas especulações sobre os ladrões. Bandidos comuns, satanistas, neonazistas... Ou o próprio padre, que teria vendido ou entregado ao Vaticano, já que moradores dizem tê-lo visto viajar um dia antes.

Desde então, caçadores de relíquias buscam evidências de onde ela estaria. O mistério segue vivo. No passado, dez papas concederam indulgências, uma espécie de perdão oficial da Igreja, a quem celebrasse a relíquia. Hoje, ninguém no Vaticano fala do assunto ou sequer reconhece a existência do Santo Prepúcio. ■

ANEXO K – O verdadeiro templo de Salomão – [T11] Alexandre Versignassi, Gisele Hirata, Jorge Oliveira e Éber Evangelista

HISTÓRIA



ZOOM E PINCH
toque 2x na tela ou
aumente uma área



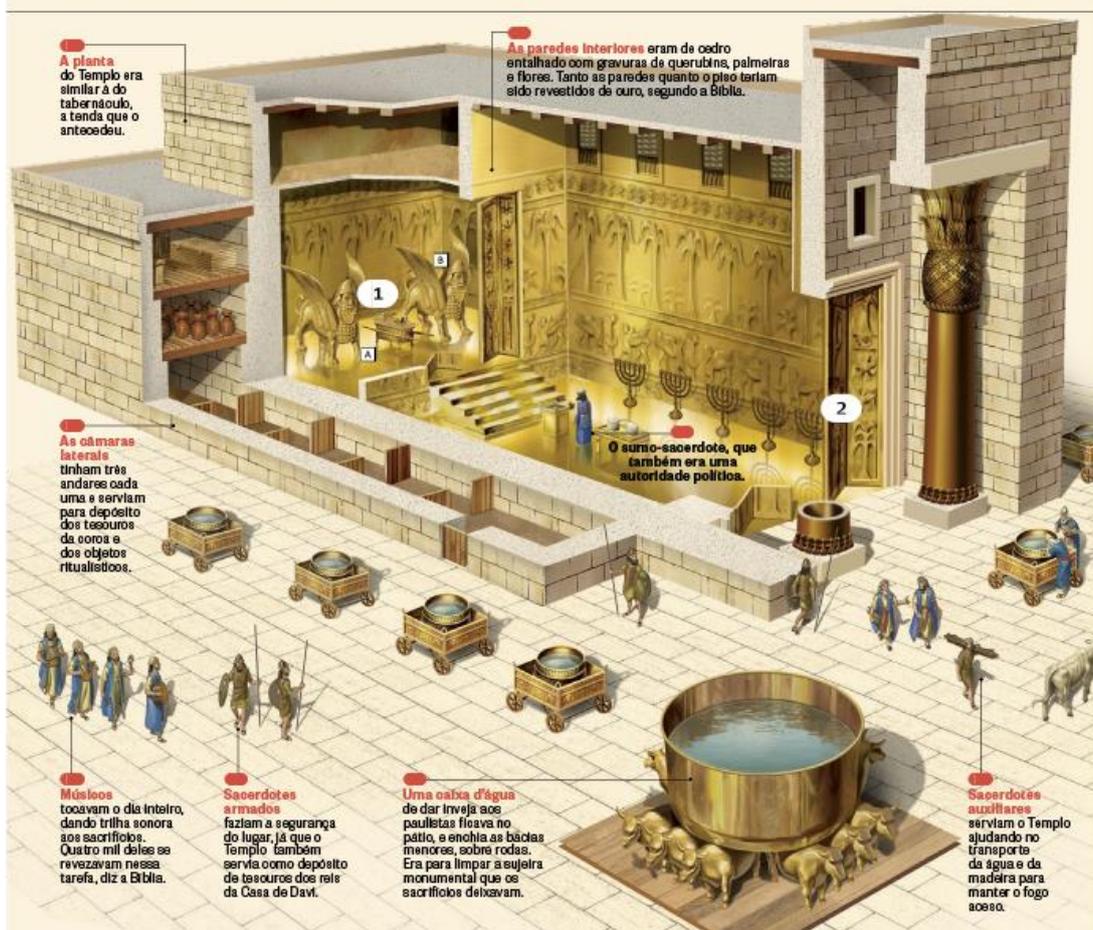
MATÉRIAS

O VERDADEIRO TEMPLO

ELE FOI DESTRUÍDO duas vezes. A última, há 2 mil anos. E ainda é motivo de briga. O Templo de Salomão foi construído em 950 a.C. e ficava num morro em Jerusalém. Um morro que hoje tem dois nomes: Monte do Templo, para os judeus, e Esplanada das Mesquitas,

para os palestinos, já que hoje ele abriga dois santuários islâmicos. Israel tomou o morro dos árabes em 1967, mas o manteve como exclusivo dos muçulmanos – os judeus se resignaram a usar o Muro das Lamentações, um revestimento do morro, como santuário.

Mas em 2014 radicais judeus bateram o pé pelo direito de rezar no monte, e o quebrar-pau voltou. Tudo por causa da memória deste templo, reconstruído aqui com sua arquitetura original, de 900 a.C., à imagem e semelhança das descrições bíblicas.



Cronologia

O Templo teve três encarnações ao longo da história. E agora talvez haja uma mesquita no lugar dele.

990 a.C. Nos últimos anos de seu reinado, Davi idealiza o Templo e escolhe um vistoso morro para a sua construção, o então chamado Monte Moris.

950 a.C. Salomão começa a construir o Templo seguindo projeto deixado por seu pai, Davi. A obra teria levado sete anos para terminar.

586 a.C. A essa altura, Jerusalém era capital do último reino israelita: Judá. Nabuodonosor, da Babilônia (atual Iraque), anexa o reino, destrói o Templo e exila a elite sacerdotal judaica.

515 a.C. Ciro, da Pérsia (atual Irã), conquista a Babilônia e permite o retorno dos exilados a Jerusalém. Eles então reconstruem o Templo, mas sem a Arca.



ZOOM E PINCH
toque 2x na tela ou
aumente uma área

DE SALOMÃO

O Templo original não era exatamente uma igreja (ou uma sinagoga). Era o lar da Arca da Aliança, e uma churrascaria de proporções bíblicas.

POR Alexandre Versignassi, Gisele Hirata, Jorge Oliveira e Eber Evangelista

1 O SANTO DOS SANTOS

Era o local mais sagrado do Templo, onde ficava a Arca da Aliança. Na prática, era a Casa de Deus. Apenas o sumo-sacerdote podia entrar ali. E só uma vez por ano, no Yom Kippur (o Dia do Perdão Judaico) - quando um sacrifício era oferecido pela salvação de Israel.



A A ARCA PERDIDA

Ela guardava as tábuas dos Dez Mandamentos. Sumiu em 586 a.C., com a destruição do Templo.



B QUERUBINS As estátuas guardiãs da arca não eram anjos, como o nome indica, mas esfinges - imagens de seres alados com corpo de leão e rosto de gata. Eram figuras com uma nas mitologias do Oriente Médio.

3 O ALTAR DOS SACRIFÍCIOS

Estava ali o grande propósito do Templo: servir como arena de sacrifícios religiosos.

Imposto informal

As ofertas para expiar pecados exigiam a queima completa dos animais. Mas o sacerdote responsável e a família dele podiam comer as partes nobres.

A CURTUME O couro dos animais ficava de calçinha para os sacerdotes.

B CHEIRO AGRADÁVEL A DEUS O Levítico, aliás, teve elogios ao odor da gordura queimada nos sacrifícios: "É uma oferta que tem cheiro agradável a Deus."



2 O SANTUÁRIO

A antessala do Santo dos Santos abrigava o altar do incenso, que queimava dia e noite. Só os sacerdotes tinham acesso - era uma "sala dos professores", digamos.

3 Era neste altar aqui que queimavam os animais. Só os sacerdotes podiam subir.



Um pouco para cada

Outro tipo de sacrifício era o das "ofertas de paz" - uma oferta de puro agradecimento. Nesse caso, o ofertante levava sua fátia.

A PARA O SANTO O peito e a coxa direita ficam para o sacerdote. Os miúdos e o rabo, com Deus - ou seja: são queimados no altar.

B PARA A MESA O ofertante fica com o resto da carne - e é orientado a consumir tudo no mesmo dia.



Guia do Fiel

Veja alguns casos em que um israelita era obrigado a oferecer sacrifícios.

FALTA DE PUREZA Tocar numa mulher menstruada ou numa cobra deixava o israelita "impuro". E o único jeito de se purificar era oferecendo um animal para Deus.
DAR UMA DE JOÃO SEM BRAÇO Pediu em prestado e não devolveu? Tinha que ir até o templo sacrificar.
JURAR Não podia jurar nada. Nem mal nem bom.

4 A. O. Herodes, o Grande, manda ampliar o Templo. E nesta nova versão do santuário que Jesus expulsaria os comerciantes - episódio que o levaria à cruz.

70 D. O. Em retaliação contra rebeldes locais, Roma destrói Jerusalém e seu Templo. dali em diante, os judeus deixam de sacrificar animais.

HOJE Alguns judeus acreditam que, no terreno onde ficava o Templo, está hoje a Mesquita de Al-Aqsa, local sagrado do islamismo. E isso gera conflitos, claro.

O do bispo é maior

O líder da Igreja Universal criou uma réplica do Templo em São Paulo, você sabe. Mas tem uma diferença: a versão Edir Macedo é bem maior.



ANEXO L – Êxodo – [T12] Alexandre Versignassi





2 / 18

DO

**COMO
UM GRUPO
PEQUENO
E IRRELEVANTE
DE ESCRAVOS
SE APROVEITOU
DE UM COLAPSO
NO CLIMA
PARA FUGIR
DO EGITO,
DAR ORIGEM
A MAIOR
DE TODAS
AS HISTÓRIAS
DA BÍBLIA
E MUDAR
PARA SEMPRE
A CIVILIZAÇÃO.**

TEXTO E EDIÇÃO
Alexandre Versignassi
ILUSTRAÇÃO
Icaro Yuji
DESIGN
Flávio Pessoa

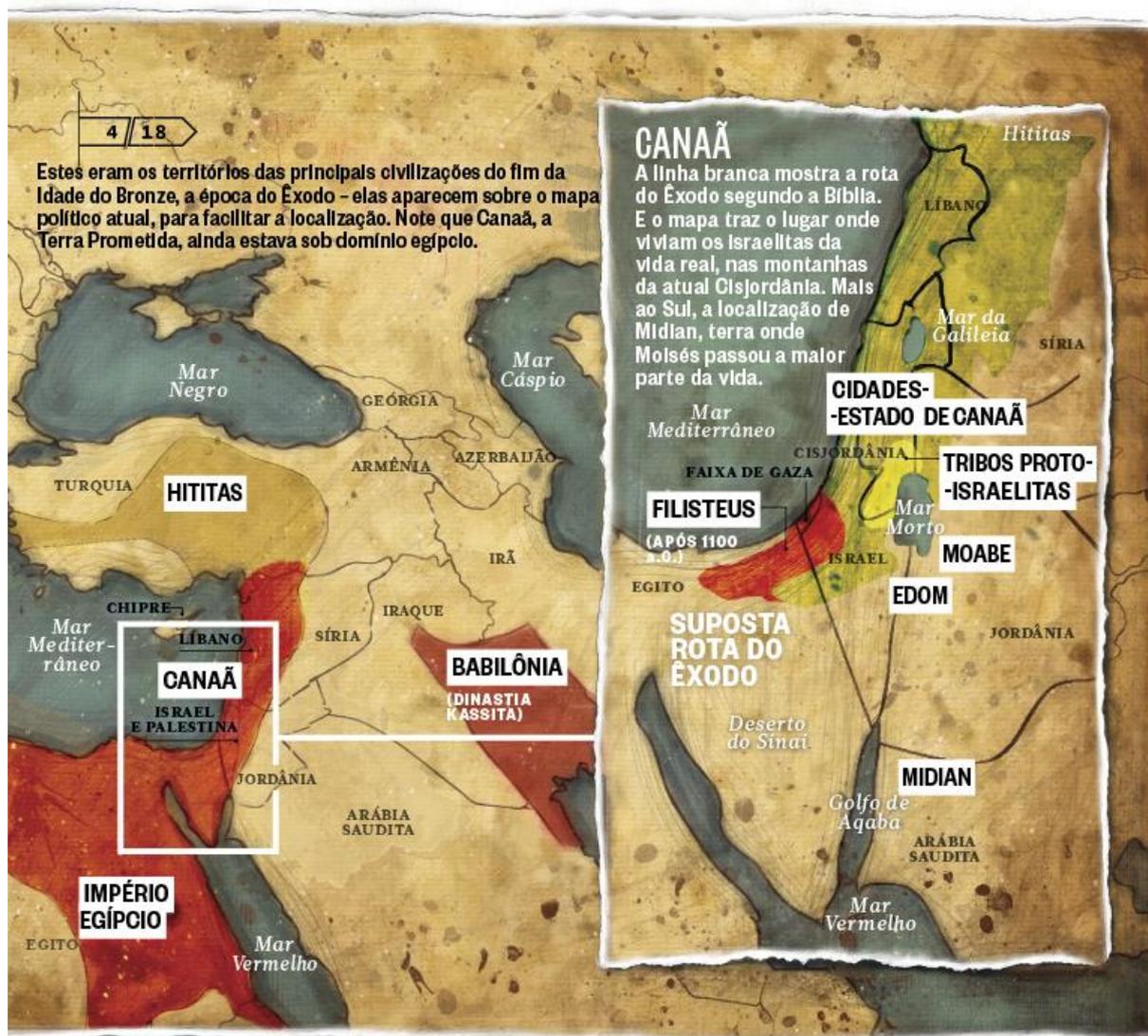
S

Sim, estamos falando sobre o Êxodo por causa do filme do Ridley Scott, que estreou no Brasil dia 25 de dezembro. Mas se você quer entender mesmo a história real por trás da fuga dos hebreus do Egito vale lembrar de outro filme: o *Interstellar*. Porque ele fala do mesmíssimo fenômeno que motivou migrações em massa por volta de 1200 a.C., quando Moisés teria vivido. O filme do Christopher Nolan começa num mundo assolado por uma mudança climática. Um mundo árido, onde, em se plantando, quase nada dá. A ação

acontece num futuro distante, mas o cenário não tem nada de tecnológico. O que aparece ali é uma nova Idade Média. Uma civilização colapsada. E a única esperança de sobrevivência é encontrar um outro planeta para substituir a Terra.

Bom, fora a parte interplanetária, foi o que aconteceu há 3 mil anos. Uma mudança no clima criou uma seca de proporções bíblicas, bagunçou a história da humanidade e marcou o início daquilo que os historiadores chamam de “Primeira Idade Média” – uma era das trevas que precedeu a Antiguidade clássica, a dos gregos e dos romanos. Pois é: houve outra Idade Média além daquela que todo mundo conhece. Como a história teima em andar em círculos, o período imediatamente anterior a essa primeira Idade Média foi justamente uma época de pujança. Um tempo em que o início do comércio marítimo e a invenção da escrita engatilharam a primeira “globalização” da história. Era uma globalização restrita às poucas áreas civilizadas que o mundo tinha na época, claro. Estamos falando de uma mancha no mapa que ia das ilhas gregas até a foz do Tigre e do Eufrates, na Mesopotâmia, onde hoje fica o sul do Iraque. No meio, o Egito, e ali pertinho a protagonista desta nossa história: Canaã, a terra que, segundo a Bíblia, Deus tinha prometido dar aos descendentes de Abraão – o homem que daria origem aos israelitas.





Seja como for, a história real por trás do Êxodo é bem diferente da que está na Bíblia. O Livro Sagrado diz que, por volta de 1600 a.C., todos os israelitas deixaram Canaã e foram morar no Egito. Na época, “todos os israelitas” eram só um grupo de pouco mais de cem pessoas: o velho patriarca Jacó, neto de Abraão e já rebatizado por Deus em pessoa com o nome de “Israel”, mais seus filhos, netos e as várias esposas de cada um.

Os descendentes de Jacó, segue a Bíblia, cresceram e se multiplicaram na terra dos egípcios. Tudo ia bem, até que um faraó xenófobo decide acabar com a brincadeira dos imigrantes: transforma todos os israelitas em escravos. Eles passam 400 anos debaixo de chicote, até que Moisés, um desses descendentes, liberta os israelitas, e leva todo mundo de volta para a velha Canaã, de onde o patriarca Jacó tinha saído. Só que não. Ao

contrário do que diz a Bíblia, os israelitas nunca foram escravos no Egito – pelo menos não o povo israelita inteiro. Mesmo assim, o episódio que entraria para a mitologia desse povo (e para a do resto da humanidade) como sendo a fuga em massa do Egito pode ter sido até mais importante para o futuro dos israelitas (e do resto da humanidade!) do que qualquer um pode imaginar.

Bom, para entender o que realmente aconteceu nessa época, temos que conhecer melhor um mundo perdido no tempo: o Oriente Médio de 3.200 anos atrás. É para lá que vamos agora.

LIVRO DOS REIS

Caso você tivesse um DeLorean igual ao da página 42, e digitasse “1400 a.C.” no painel, iria pousar num mundo relativamente familiar. O leste do Mediterrâneo estava congestionado de cargueiros (a remo, mas ainda assim cargueiros). Mais para o Oriente, comerciantes subiam o Eufrates carregados de grãos e tecidos, e desciam com metais extraídos dos confins do mundo antigo – caso da cordilheira nevada de Elburz, no Irã de hoje, cheia de mineradoras de estanho. Era tanto movimento que no sul da Mesopotâmia, coração da Babilônia, 90% das pessoas viviam em cidades. É quase a mesma taxa de urbanização do Estado de São Paulo (94%).

No Egito, era parecido. Mas com as cidades um pouco mais espalhadas, pululando ao longo das margens férteis do Nilo – Mênfis, Tebas, Heliópolis. Do outro lado do mar onde o rio desemboca, ficava a civilização Micênica – que daria origem à cultura grega. Ali perto, onde hoje está a Turquia, reinava o império hitita.

Essas civilizações formavam o quarteto de ferro da Idade do Bronze. E fizeram dessa época uma era de ouro da economia mundial. Começou por volta de 3000 a.C., com a invenção do próprio bronze. Antes disso, o único metal usado em larga escala para fazer armas era o cobre. Por dois motivos: ele é abundante e tem um ponto de fusão baixo. Derrete a 1.085 °C – o dobro da temperatura de cruzeiro de um fogão comum de hoje. Era uma quantidade de calor não muito difícil de obter com tecnologia de 5 mil anos atrás. Mas as armas de cobre não eram tudo isso, porque esse metal é maleável e quebradiço. Até funcionava para pontas de lanças e de flechas. Mas as espadas de cobre, as primeiras que a humanidade forjava, não eram confiáveis. Rompiam-se fácil.

Só que uma hora esse problema acabou. Alguns iluminados, mundo antigo afora, foram percebendo que se você colocasse outro metal para derreter junto com o cobre ele ficava duro que nem aço – não que alguém

“EU SOU DEUS, JACÓ. O DEUS DO SEU PAI. NÃO TENHA MEDO DE IR PARA O EGITO, POIS ALI EU FAREI COM QUE OS SEUS DESCENDENTES SE TORNEM UMA GRANDE NAÇÃO. EU IREI PARA O EGITO COM VOCÊ E TRAREI OS SEUS DESCENDENTES DE VOLTA PARA ESSA TERRA”

GÊNESIS, CAPÍTULO 46, VERSÍCULOS 4 E 6 No final do *Gênesis*, o patriarca dos israelitas migra para o Egito com seus filhos e netos. Note que a história começa com o autor já preparando terreno para o ápice da saga: o próprio Êxodo, que pela cronologia bíblica só aconteceria 400 anos depois.

soubesse o que era aço na época, mas você entendeu. Esse metal mágico era o estanho. Cobre + estanho = bronze, a liga metálica que mudou o mundo. Pronto. Graças ao bronze, passaram a produzir espadas maiores, mais resistentes, mais afiadas; capacetes seguros; escudos indestrutíveis – pelo menos para os padrões da época. Um homem bem treinado com escudo, elmo e espada de bronze podia cometer uma chacina no meio de caras com armas de cobre. Imagina um exército carregado de bronze, então. Quem tinha muito bronze podia. Quem não tinha, se escafedia. Foi uma revolução tão grande que marcou o início de uma era nova: antes da descoberta da liga de cobre com estanho, diz a historiografia clássica, estávamos na Idade da Pedra. Depois dela, começava a gloriosa Idade do Bronze.

Gloriosa do ponto de vista de quem não terminou a vida sob a lâmina de uma espada, claro. É que, com muito bronze e muita organização militar, babilônios, egípcios, micênicos e hititas mataram geral e dominaram suas vizinhanças, dando origem aos primeiros impérios de todos os tempos. O Egito engolfou nossa amiga Canaã, que hoje abriga Israel e Palestina. Na época, Canaã era só o nome de uma terra mesmo. Não havia um “império cananeu” nem nada assim. O que tinha eram vários povos dividindo aquele território um pouco maior que Alagoas: jebuseus, gesuritas, jebedeus... Cada um vivendo numa cidade-estado independente, com seu próprio rei. E cada rei, agora, era um vassalo do Egito, obrigado a fornecer súditos para trabalhar como escravos nas terras faraônicas. A escravidão, afinal, era a base da economia da época – só com um monte de escravos fazendo o trabalho pesado dava para manter

7 | 18

NA BÍBLIA

Javé é o Deus único, cultuado pelos hebreus desde a aliança com Abraão, em 1700 a.C (nota: nas Bíblias em português, o nome "Javé" geralmente é substituído por "Senhor").

NA REALIDADE

Os israelitas cultuavam os deuses cananeus: El, Baal, Asherah... Javé foi importado da atual Arábia Saudita por volta de 1100 a.C., e ganhou traços das personalidades de El e de Baal.

יהוה • YAHWEH

AS MIL FACES DE DEUS

um exército profissional, formado só por cidadãos do império. Colocar um cananeu para lutar contra outros cananeus nas guerras que aconteciam toda hora seria mau negócio – o próprio exército israelense usa essa lógica hoje: proíbe seus cidadãos árabes de se alistar, já que eles teriam obrigatoriamente de lutar contra árabes.

Bom, o clima era obviamente bélico. Não menos violento do que era na Idade da Pedra – ou que hoje. Mas a Idade do Bronze trouxe outra novidade, que exige ainda mais sangue frio que o campo de batalha: a diplomacia.

Arqueólogos descobriram ao longo do século 20 centenas de cartas oficiais trocadas entre autoridades da época. Eram tabletes de argila que eles mandavam uns para os outros num ritmo frenético, trocando informações comerciais e afagos interesseiros – o puxa-saquismo chegaria a níveis épicos. Essa troca de e-mails com tabletes de argila no lugar da tela e mensageiros no lugar da banda larga era quase sempre em inglês. O inglês da época, claro, era o acádio, língua dos babilônios – provavelmente porque foi lá, na terra deles, que tinham inventado a escrita, um pouco antes de 3000 a.C.

Essa sofisticação toda era motivada por um problema da natureza: ela não dotou o mundo com estanho suficiente para a demanda da época. Trata-se de um metal raro. Para cada 25 toneladas de cobre no mundo, existe só uma de estanho. O Egito e a Babilônia, por exemplo, nem tinham minas de estanho em seus domínios. Então dependiam do comércio internacional para fabricar suas armas de bronze, um artigo tão indispensável quanto comida. Micênios, hititas e outros povos menores, então, vendiam estanho para as potências em troca de ouro e, principalmente, grãos – mercadoria que abundava nas margens do Nilo, do Tigre e do Eufrates. Na prática, a economia da época girava em torno do metal.

“A importância estratégica do estanho na Idade do Bronze não era diferente da que o petróleo tem hoje”, diz a arqueóloga Carol Bell, do University College, em Londres. ¹ Na prática, era uma corrida armamentista alimentando uma certa paz. Bom para todas as partes.

Mas aí o tempo virou.

APOCALIPSE

Virou literalmente. De uma hora para outra, todas as potências da Idade do Bronze entraram em decadência. Governos caíram, o comércio cessou. Populações começaram a morrer de fome. Invasões bárbaras, de povos sem pátria, viraram rotina nas fronteiras dos grandes impérios. O motivo para esse colapso global era um mistério até outro dia. Mas agora as coisas estão mais claras:

parece ter havido uma mudança climática profunda, que gerou anos seguidos de seca. Se falta de água hoje já é o caos, imagina há 3 mil anos. A causa para a seca? Não existem certezas aí, só hipóteses. Uma delas é a de Brandon Lee Drake, especialista em paleoclima da Universidade do Novo México. Ele detectou que houve um resfriamento súbito das águas do Mediterrâneo nessa época. “Isso pode ter limitado o fluxo de umidade para a atmosfera, reduzindo a quantidade de chuvas”, diz. ² Outro pesquisador, o arqueólogo Israel Finkelstein, da Universidade de Tel Aviv, jogou mais luz sobre essa questão. Em 2013, ele foi até o Mar da Galileia (o mesmo onde São Pedro, o apóstolo, pescava *saint peters*) e coletou amostras de lama do fundo do lago. Quanto mais fundo você cava, encontra lama mais antiga. Finkelstein foi até a camada que correspondia ao ano de 1250 a.C., com margem de erro de 40 anos, e viu algo surpreendente: a lama revelava que a vegetação estava toda esturricada naquela época. Dá para saber disso porque a camada de lama continha bem menos pólen fossilizado que o normal. Ou seja: havia menos flores para soltar pólen no lago. E, se havia menos flores, é porque a vegetação estava seca.

O primeiro registro de que alguma coisa estava fora da ordem no clima está gravado num daqueles tabletes diplomáticos: da rainha dos hititas para o faraó do Egito. “Não tenho mais grãos nas minhas terras”, ela informa, numa mensagem enviada justamente em 1250 a.C. O destinatário era Ramsés 2º, ninguém menos que o provável faraó do Êxodo.

É aí que a história da mudança climática começa a se cruzar com a da fuga dos escravos. Na Grécia, na Turquia e no Chipre, governantes aban-

“A SOMA DE TODOS OS HOMENS DE 20 ANOS PARA CIMA, QUE TINHAM IDADE PARA O SERVIÇO MILITAR, FOI DE SEISCENTOS E TRÊS MIL QUINHENTOS E CINQUENTA”

NÚMEROS, CAPÍTULO 1, VERSÍCULOS 44 A 46. Essa teria sido a quantidade de homens na fuga. Coloque uma mulher e uma criança para cada, chegamos a 1,8 milhão. Um exagero. Mas esses números foram adicionados à Bíblia 700 anos após o Êxodo. Os textos mais antigos, compostos bem antes, mas que continuam inalterados na Bíblia, não falam em número algum. É o caso da *Canção do Mar* (Êxodo, 15, 1-18).



10 / 18

NA BÍBLIA

A Páscoa judaica comemora a “passagem” (pesach) do anjo da morte sobre o Egito: matando primogênitos locais, e poupando as crianças israelitas.

NA REALIDADE

A Páscoa surgiu como uma festa para comemorar a colheita da primavera. Só depois passou a ser associada ao Êxodo e, bem mais tarde, à ressurreição de Cristo.

פסח • PESACH

A VERDADEIRA PÁScoa

donaram palácios. Em Canaã, várias cidades-estado acabaram desertas. Com o caos reinando, grupos armados até a medula embarcaram para saquear o lugar mais rico que havia por perto: o Egito. Foram várias incursões. Os egípcios acabaram pegos tão de surpresa que nem sabiam como chamar os invasores – gregos? hititas? Os documentos que sobram para contar história chamam esse pessoal de um nome genérico: “Povos do Mar”. Na prática, foram para esta primeira Idade Média, que começava a se instaurar, o que os vikings seriam para a segunda.

Se a coisa já estava feia com as secas, piorou depois dos Povos do Mar. Com eles atrapalhando o tráfego no Mediterrâneo, o comércio de estanho foi para as cucuias. Resultado: o Egito ficou militarmente mais fraco, e o resto do mundo, mais faminto. Mais dois motivos para continuar invadindo o Egito.

Os militares do império, então, tiveram de largar as fortificações em Canaã, na periferia do império, para defender suas próprias cidades dos Povos do Mar. Isso mais o colapso dos reinos cananeus abriu caminho para que um desses povos tomasse um pedaço da costa da Terra Prometida, bem onde hoje fica a Faixa de Gaza, e colonizasse o lugar. O território acabou rebatizado como “Filístia”. E eles se tornaram os filisteus da Bíblia – o povo ancestral dos palestinos de hoje. O próprio nome “Palestina” é só a latinização de “Filístia”. Bom, mas não foi só para os filisteus que a porteira de Canaã tinha aberto. Agora chegava a hora de outro povo entrar na festa: os israelitas.

GÊNESIS

Os israelitas tiveram uma origem bem diferente da que está na Bíblia. Os do Livro Sagrado eram uma família quando saíram de Canaã, certo? No cativeiro egípcio, teriam se multiplicado, se tornando uma nação de fato. Os da vida real, não. Além de nunca terem migrado para o Egito, começaram a carreira não como uma família, mas como várias tribos nômades, que passavam o dia pastoreando nas montanhas de Canaã e dormiam em tendas. Elas viviam de vender carne e leite para as cidades-estado do lugar. Mais tarde, por volta de 950 a.C., essas tribos se uniram sob uma única monarquia. Os povos vizinhos se referiam a esses nômades às vezes como “shasu”, às vezes como “apiru” – a palavra “hebreu”, inclusive, pode ter saído de “apiru” (a palavra “judeu”, que é outro sinônimo de “israelita”, só apareceu séculos depois, quando parte dos hebreus estava reunida sob o reino de Judá).

Por que dá para cravar que os 400 anos no Egito e a história do Êxodo

são um mito? Primeiro, pela magnitude do evento. A Bíblia diz que 2 milhões de hebreus fugiram do Egito. Um Réveillon de Copacabana, e o equivalente a 3% da população mundial da época, estimada em 70 milhões de almas. Some isso ao fato de os egípcios terem deixado sua história muito bem registrada. E não existe nada sobre essa eventual fuga. A única inscrição egípcia da Idade do Bronze que menciona a palavra “Israel” diz justamente que eles eram um povo nômade de Canaã.

Bom, agora, com a seca, esses nômades tinham um problema. Os pastores israelitas vendiam carne de seus cabritos e leite de suas cabras para as cidades cananeias, em troca de grãos. Mas ei: a produção agrícola não tinha ido para o espaço? Pois é. “Agora as comunidades das terras baixas não tinham mais como suprir grãos, então eles tiveram de se assentar”, diz o arqueólogo Israel Finkelstein.³ A vida tinha dado um limão para os israelitas, ao quebrar seu modo de vida. Mas eles produziram uma limonada dali em diante. Deram um jeito de plantar suas hortas, levantaram casas, formaram suas primeiras vilas. E, quando a secura acabou, os filhos de Jacó já estavam engatilhados para montar uma nação de verdade, com fronteiras, cidades, exército.

Só tem um detalhe. Esses primeiros israelitas não acreditavam em Deus. Não no Deus da Bíblia. Eles cultuavam as mesmas divindades dos seus vizinhos cananeus: Baal, Asherá e, acima de todos, El, o Altíssimo. O próprio nome do grupo carregava, e ainda carrega, o nome de “El”. “Israel” – que, segundo especialistas em hebraico antigo, quer dizer algo como “Sob o comando de El”, o que faz sentido para um grupo de pastores nômades que ainda não tinha se solidificado como uma nação – e que não tinha um rei propriamente dito. Mas esse El que os ancestrais dos judeus cultuavam era o chefe do panteão cananeu, uma divindade pagã. O Deus hebreu com “D” maiúsculo, que seria adotado pelos cristãos mais tarde, é outra entidade: Javé. Só que Javé ainda não existia no mundo israelita. De onde ele viria, então? Do Êxodo. Sigam-me os bons.

ÊXODO

A Bíblia aumenta, mas nem sempre inventa. Parte do que está no livro são fatos históricos mesmo – principalmente alguns textos sobre os futuros reis de Israel e de Judá. Então algo sobre a fuga do Egito pode ser verdade, sim. Além disso, o Êxodo é um momento importante demais da memória cultural judaica para simplesmente ter sido inventado. Imaginar que os hebreus tiraram tudo da cabeça deles, lá de Canaã, sem nunca ter pisado no Egito, é pedir demais.



13 / 18

NA BÍBLIA

A abertura do Mar Vermelho está presente, com toda a pirotecnia a que tem direito, já nos trechos mais antigos do livro.

NA REALIDADE

O mito da travessia talvez reflita, com uma dose de espetáculo, a memória de uma época de seca, em que o nível de alguns lagos baixou drasticamente.

ים סוף • YAM SUPH

CÓRREGO VERMELHO

“O SENHOR DISSE A MOISÉS: VÁ FALAR COM O REI, POIS EU FIZ COM QUE ELE CONTINUASSE TEIMANDO, PARA QUE PUDESSE FAZER ESSES MILAGRES. E PARA QUE VOCÊ PUDESSE CONTAR A SEUS FILHOS E NETOS COMO ZOMBEI DOS EGÍPCIOS”

ÊXODO, CAPÍTULO 10, VERSÍCULOS 1 E 2 Na Bíblia, é como se Javé jogasse xadrez consigo mesmo: ele faz Moisés pedir ao faraó a liberdade dos israelitas, mas, do outro lado, comanda a mente do egípcio para que ele não obedeça o hebreu. Tudo para que possa “zombar dos egípcios” com as 10 pragas: transformar o Nilo em sangue, encher as cidades de sapos, piolhos, moscas e gafanhotos; matar o gado; causar tumores de pele, tempestades, três dias de escuridão total e, finalmente, assassinar todos os primogênitos deles.

O consenso, então, é que algum grupo de escravos cananeus (não necessariamente hebreus), ou vários grupos, fugiram e encontraram abrigo entre os israelitas em Canaã. E, por serem grupos pequenos, não deixariam rastro arqueológico. Faz todo o sentido. A época não podia ser mais propícia para fugas de escravos. Os soldados egípcios estavam ocupados lutando contra os Povos do Mar. Os fortes que o império mantinha em suas fronteiras tinham sido abandonados. Quem quisesse picar a mula de lá, picava sem ser incomodado. Provavelmente foi o que aconteceu de fato. E alguns desses fugitivos acabariam ganhando a “nacionalidade” israelita alguns anos depois de incorporarem-se a esse povo.

Esses ex-escravos teriam chegado contando histórias mirabolantes de fuga. Talvez tenham falado sobre ter atravessado a pé alguma região onde sabiam que antes havia só água – nesse caso, a teoria da mudança climática justificaria o mito da abertura do Mar Vermelho.

Seja como for, as histórias dos escravos fugidos acabaram entrando para o folclore do povo israelita. Chegou uma hora que todo mundo ali acreditava ter vindo do Egito, ainda que isso só fosse verdade para uma fração desse povo.

E fim de papo.

Ou não. Richard Freedman, historiador da Universidade da Califórnia, um

dos especialistas mais célebres sobre o Velho Testamento, tem uma teoria mais radical. Ele imagina que o grupo vindo do Egito teria um papel bem mais importante que o de meros contadores de histórias mirabolantes. Eles se tornariam nada menos do que os principais autores da Bíblia.

Para entender a teoria dele, precisamos lembrar que os pastores israelitas não formavam exatamente uma nação. A coisa era uma união de famílias estendidas. Cada uma dessas grandes famílias, com suas centenas de membros, formava uma tribo. Ok. Cada tribo era tida como descendente de um dos filhos de Jacó. Segundo a Bíblia, então, os israelitas do Egito já estavam divididos nesses clãs. O consenso entre os historiadores, porém, é que o grupo tenha criado a história de uma ancestralidade comum para unir seus laços.

Bom, o número de tribos segue a lógica torta dos Três Mosqueteiros, que eram quatro. A tradição sempre fala em 12 tribos. Mas eram 13. E o Dartagnan das tribos israelitas, assim como acontece no livro de Alexandre Dumas, era justamente a mais importante, pelo menos do ponto de vista religioso: a tribo de Levi, a dos sacerdotes que escreveram a maior parte da Bíblia.

LEVÍTICO

Os levitas não contavam como tribo (apesar de serem chamados de “tribo”) porque não tinham um território próprio. Eles formavam a classe dos sacerdotes – então podiam viver na tribo que quisessem. Segundo a Bíblia, Levi era um dos filhos de Jacó. Independentemente do fato de Jacó ter ou não existido, isso significaria que os levitas sempre estiveram entre os israelitas. Só que uma leitura mais atenta do Livro Sagrado coloca um caracol nesse angulo: o trecho mais antigo da Bíblia toda é a *Canção de Débora* (Juizes, 5), um poema composto por volta de 1100 a.C. Ele cita dez tribos de Israel, não 13. E a ausência mais marcante é a dos levitas, dada a importância do grupo. Para Friedman, a justificativa da ausência é simples: “É que os levitas ainda não estavam em Israel. Quando a *Canção de Débora* foi escrita, eles ainda eram escravos no Egito”.⁴

Outra evidência de que os escravos fugidos se tornariam os sacerdotes daquele povo é que só a tribo dos levitas tem membros com nomes egípcios: Fineias, Hofni, Moisés...

Sim, Moisés é retratado na Bíblia como um membro da tribo dos levitas – é a tribo da mãe israelita dele, a que teria colocado o bebê Moisés na cesta. Pelo ponto de vista de Friedman, isso acontece porque a própria Bíblia só começou a ser escrita de fato séculos depois



16 / 18

NA BÍBLIA

As tábuas dos 10 Mandamentos foram ditadas por Javé para Moisés. Elas mais as 613 leis da Bíblia.

NA REALIDADE

O código de leis dos israelitas, finalizado no século 5 a.C., é herança dos babilônios, que tinham feito a primeira "Constituição" da Terra, em 1700 a.C.

תרי"ג מצוות • TARYAG MITZVOT

OS 613 MANDAMENTOS

desses eventos, quando os ex-escravos já tinham formado a tribo dos levitas. Então nada mais natural que descrever Moisés como membro dessa tribo na hora de colocar a história no papel.

O Moisés bíblico, aliás, não é um militar. Esse Moisés do imaginário popular é um herói construído à imagem e semelhança de outro personagem bíblico, bem posterior: Davi - este sim um general de fato. O Moisés da Bíblia não tem nada disso. A única coisa violenta que ele fez enquanto jovem foi matar um egípcio que estava batendo num hebreu.

Por conta desse assassinato, Moisés entrou em pânico e fugiu do Egito. Então foi para Midian, uma região ao sul de Canaã, onde hoje fica a Arábia Saudita. Aí casou com uma midianita e passou a vida criando cabras por lá mesmo. A vida inteira, praticamente. No relato bíblico, Deus só convoca Moisés para tirar os escravos do Egito quando o nosso herói já está com 80 anos nas costas.

Mas o que interessa aqui não é a vida tediosa do Moisés bíblico. É a preocupação do texto em relacionar o profeta com a região de Midian.

Por causa do seguinte: os textos mais antigos da Bíblia não revelam apenas a ausência dos levitas no início da história de Israel. Eles também dizem que Javé é um deus que veio do Sul. Basicamente das vizinhanças de Midian.

Para Friedman, isso indica que Javé era o deus do povo de Midian antes de se tornar o do povo de Israel. E que quem trouxe a divindade

“SE UM ISRAELITA, SEJA HOMEM OU MULHER, FOR VENDIDO A VOCÊ COMO ESCRAVO, ELE SERÁ SEU ESCRAVO SEIS ANOS; NO SÉTIMO VOCÊ LHE DARÁ LIBERDADE (...). LEMBRE QUE VOCÊ FOI ESCRAVO NO EGITO, E QUE O SENHOR, NOSSO DEUS, O TIROU DE LÁ. É POR ISSO QUE ESTOU DANDO ESSA ORDEM”

DEUTERONÔMIO, CAPÍTULO 15, VERSÍCULOS 12 E 15 A ideia de que todo israelita passou pelo Êxodo, e não só um grupo, acabou cristalizada. E usada como justificativa para todo tipo de lei. Inclusive as que regulavam a escravidão em Israel - sim, os hebreus também escravizavam-se uns aos outros.

para os israelitas foram justamente os levitas. Ou seja: o grupo de escravos fugidos.

A hipótese é que, na vida real, o pessoal vindo do Egito fez uma escala em Midian. Uma parada de alguns anos, talvez, na qual teriam incorporado a religião do lugar, que era justamente a crença em Javé. Então atribuíram a esse deus a graça por terem conseguido escapar do cativeiro. Depois rumaram para o Norte, chegando aos domínios israelitas.

Uma vez em Israel, como vimos aqui, eles assumiram o comando da religião. E transformaram os hebreus em seguidores de Javé – extirpando El e os outros deuses cananeus das crenças israelitas. “Os hebreus podiam ter inventado que Javé era filho de El, ou algo assim. Mas não: por algum motivo, preferiram assumir que os dois eram a mesma entidade”, diz Friedman.⁵ E assim ficou na Bíblia: deus é chamado alternadamente de “El” (ou Elohim, uma derivação) e de “Javé”. Mas essa dupla personalidade divina acontece só até a primeira conversa de Deus com Moisés. O Senhor diz a ele que seu nome é Javé, e ponto final. E é sob essa alcunha que Deus segue sendo chamado no resto do Livro Sagrado. Pela teoria de Friedman, isso reflete o fato de que os israelitas só passaram a conhecer Javé depois da chegada dos levitas.

Levitas que, mais tarde, fariam a “primeira Constituição” de Israel. São leis que estão no Velho Testamento – e que vão bem mais longe do que os Dez Mandamentos. O código legal dos hebreus está mais para a Constituição do Brasil que para a dos EUA, famosa por ser enxuta: são 613 leis – no alto desta página segue uma delas.

No fundo, os levitas se tornaram os organizadores da nova nação. Uma nação pequena, pastoril, sempre espremida entre grandes potências. Com todos os ingredientes para ter se tornado irrelevante. Mas que soube contar histórias extraordinárias, tão inspiradoras que acabariam dando origem às duas maiores religiões do planeta: o cristianismo e o islamismo. E hoje dá para dizer que 3 bilhões de pessoas planeta afora têm algum traço de sua religião, de sua cultura, ligadas intimamente à pátria dos ancestrais dos judeus. Valeu, israelitas. E obrigado pelos filmes! 

PARA SABER MAIS

The Rise of Ancient Israel,
Vários autores, Biblical Archaeology Society
The Oxford History of the Biblical World,
Michel Coogan, Oxford University Press

Fonte:  No ciclo de palestras Out of Egypt, sobre o Êxodo, realizado na Universidade da Califórnia em San Diego, em 2013, disponível em goo.gl/Vb0Vhu.

ANEXO M – Maomé: a face oculta do criador do Islã – [T13] Alexandre Versignassi





Ele criou uma nação fundamentada em direitos trabalhistas, juros baixos e livre concorrência de mercado.

Tinha uma esposa que ganhava mais do que ele e emancipou as mulheres quando assumiu o poder. Conheça a face realmente oculta do criador do islamismo.

A MAIOR DOR DE CABEÇA DOS ÁRABES que controlavam Meca, a cidade sagrada, tinha nome e sobrenome: Muhammad ibn Abdallah – Maomé, em português. O plano era acabar com ele de uma vez. Aquele “poeta insano”, como eles diziam, tinha virado uma ameaça. Ele vinha angariando partidários fervorosos. Agora era questão de tempo até que o poeta, que se dizia profeta, assumisse o poder na cidade. “Maomé deve morrer” era a ordem. Mas não era simples matar um político em ascensão. Para evitar que a culpa recaísse sobre um assassino específico, e dificultar retaliações, eles bolaram um crime perfeito: cada um dos líderes da cidade deveria designar “um soldado forte e bem-nascido” de seu clã. O grupo invadiria a casa de Maomé no meio da madrugada, e cada um desferiria sua própria punhalada. Todos matariam o profeta, diluindo a culpa entre os membros do consórcio de assassinos.

Não deu certo, claro, se não este texto não estaria sendo escrito. E não só porque se trata de um artigo sobre a vida dele. Mas porque, sem a religião que ele criou, o mundo seria um lugar bem diferente. E bem pior, como vamos ver mais adiante. Por outro lado, é óbvio: o que motivou este texto foi a violência dos extremistas islâmicos, uma minoria estridente que comete crimes em nome de sua religião, sem saber que outro grande delito que está perpetrando é contra o próprio islamismo e, mais ainda, contra a imagem de Maomé, um homem que trabalhou pela civilização, não pela barbárie. Vamos conhecê-lo melhor nas próximas páginas.

O ÚTERO

Meca já era sagrada quando o bebê Maomé nasceu ali, no ano de 570. Bem sagrada: recebia peregrinos de todos os cantos da Península Arábica. Tudo por causa de um meteorito: a Pedra Negra, que caiu nas redondezas da cidade sabe-se lá quando e acabou virando um objeto de culto.

Em algum momento da história, que nunca foi registrado, os árabes colocaram muros em volta da pedra, cobriram e pronto: a casinha virou um santuário, a Caaba – o Cubo. Junto dela, colocaram 360 deuses, na forma de estatuetas. Um para cada dia do ano – que eles pensavam ter 360 dias. O ritual ali era dar sete voltinhas em torno da Caaba. Provavelmente porque esse é o número de dias de cada fase da Lua. Os deuses, afinal, podiam não ser astronautas, mas eram astros. A Lua era Hubal, uma divindade que ajudava os humanos a prever o futuro. Vênus, o planeta, era Uzza, a deusa do amor. Acima de todos, na sala da presidência celestial, sentava-se um deus tão poderoso que nem tinha nome. Era apenas “o deus”: al-Ilah. E do mesmo jeito que “vossa mercê” virou “você”, al-Ilah virou Allah.

E Allah também era Javé. Os judeus tinham escrito a Bíblia mil anos antes. Ela já era o texto mais conhecido do mundo. E a ideia central ali, você sabe, era a de que Javé, o Deus do “d” maiúsculo, tinha criado o mundo e feito uma aliança com um homem chamado Abraão, o patriarca dos judeus. Graças à forte presença de comunidades judaicas na Arábia, essa ideia estava tão impregnada ali que os próprios árabes se viam como um povo quase bíblico. Acreditavam que também eram descendentes de Abraão, o homem que falava com Deus. A diferença é que, enquanto os judeus descenderiam de um dos filhos do profeta, Isaac, os árabes viriam do primogênito de Abraão: Ismael, o filho que ele teve com a escrava da família. Fazia sentido, já que a Bíblia dizia que Ismael foi mesmo morar nas bandas da Arábia, ainda que não dê mais detalhes além de dizer que ele “se tornou um bom atirador de flechas e arranjou uma mulher egípcia”.

Só faltou combinar com os árabes que Javé era o único deus. Na cabeça deles, o deus de Abraão convivia com a deusa do amor, o deus da lua, a deusa do destino... E atendia pelo nome de “O deus”: Allah. A verdade é que cabia de tudo na mente do árabe típico daqueles tempos – igual cabe na do brasileiro típico destes tempos, que sincretiza catolicismo com umbanda e espiritismo sem problema nenhum. Havia até quem fosse à Caaba prestar culto a Jesus Cristo, uma divindade que vinha ganhando terreno naquele panteão. Em suma, Meca era um tabule de crenças. E foi em meio a esse carnaval religioso que nasceria Maomé, o filho do seu Abdallah e da dona Amina.

O MENINO

Abdallah, rapaz boa pinta, estava indo para a casa da noiva. Não era um dia qualquer: logo mais, aconteceria a noite de núpcias dele com a jovem Amina. Mas no meio do caminho apareceu uma mulher. Uma estranha interceptou o futuro pai de Maomé na rua e o convidou para conhecer sua cama. Uau. Mas ele recusou educadamente e seguiu seu caminho rumo a outra cama, aquela onde consumaria seu casamento.

Mas homem você sabe como é. Abdallah cruzou com a estranha no dia seguinte e perguntou se o convite ainda estava de pé. Não estava. Porque mulher, bom, você sabe como é: “Ontem você tinha um brilho nos olhos”, ela disse. “E hoje não tem mais. Não quero.”

O tal brilho não era uma figura de linguagem. Segundo a tradição islâmica de onde vem essa história, os olhos de Abdallah realmente emitiam luz. E por um motivo claro: naquela noite, ele e Amina conceberiam o embrião de Maomé. O brilho era uma manifestação da semente do Profeta, que estava prestes a sair do pai e ser plantada no útero de sua mãe. Claro que esse episódio da literatura islâmica é provavelmente tão factual quanto a história dos Reis Magos na literatura cristã. É só uma lenda composta para dar um caráter sobrenatural ao nascimento de Maomé, do mesmo jeito que a historinha da Estrela de Belém faz do parto de Jesus um acontecimento transcendente. Com ou sem luz nos olhos, o fato é que Abdallah e Amina foram mesmo os pais de Maomé. Mas não por muito tempo.

O pai nem viu o filho nascer. Morreu enquanto Amina ainda estava grávida. O casal já vivia apertado. Os bens de Abdallah somavam cinco camelos e algumas ovelhas – o que fazia dele um membro da “classe média baixa”, caso existisse um IBGE em Meca. Agora, com ele morto, as perspectivas para Amina eram trágicas. Mas ela seguiu a barra. Teve o filho sem problemas e propiciou uma infância saudável ao menino, com direito até a um “intercâmbio” com uma família de beduínos para aprender cedo as agruras do deserto – coisa que toda criança árabe tinha de fazer na época para “crescer forte”. Mas Amina não teve tanto tempo para curtir o filho: morreu antes de ele completar 7 anos.

Os dentes de leite do garoto mal tinham caído e ele já era órfão de pai e de mãe. Então foi morar com o avô. E o avô morreu também. Agora Maomé tinha 8 anos e um destino: virar escravo. Esse era o



5 3

A mitologia do islamismo tem raízes profundas no judaísmo, que surgiu mais de mil anos antes do nascimento de Maomé e tinha presença forte na Península Arábica. O rol de figuras sagradas das duas religiões é o mesmo: Noé (Nuh, em árabe), Moisés (Mûsa), Abraão (Ibrahim)...



“Deus escolheu Adão, Noé e a família de Abraão [...] acima de todas as Suas criaturas.” “A Moisés, nós demos o Livro, e depois dele enviamos uma sucessão de Mensageiros.”

ALCORÃO – SURATAS 3, VERSÍCULO 33, E 2, VERSÍCULO 87

fado da maior parte dos órfãos da época. Sem uma família para ajudar, a única saída era trabalhar em troca de (pouca) comida pelo resto da vida. Mas Maomé escapou dessa sina graças a um tio, Abu Talib, que era irmão do falecido Abdullah. O homem teve pena do sobrinho e decidiu adotá-lo. E o garoto finalmente ganhava uma família completa.

Mais do que isso, na verdade. Abu Talib era um xeique, um chefe de clã. Só para situar: estamos na Arábia pré-islâmica, uma terra sem rei, onde o que vale é a lei tribal. O xeique é o cacique, mas não manda sozinho. Para cuidar dos cultos religiosos, você tem o *kahin*, sujeito que cuida dos cultos e baixa o santo, servindo de porta voz para os deuses da tribo – deuses que gostavam de falar em rimas, já que recitar poesia nas celebrações era a especialidade dos kahins. No Poder Judiciário, você tem o *hakam*, um juiz de pequenas causas. O trabalho do hakam, aliás, não era dos mais complicados, porque a ética que reinava ali era a do olho por olho. A lei da retribuição. Quebrou o nariz de alguém? Seus dias de simetria facial acabaram. Matou? Morreu.

Mas esse sistema tribal estava entrando em crise. Àquela altura, a vida nômade, com tribos de pastores vagando em busca de pasto e só se cruzando de vez em quando, estava com os dias contados. O comércio já era forte o bastante para sustentar centros urbanos. E o normal agora era várias tribos ocuparem a mesma cidade. Só tinha um problema: as leis de cada tribo só valiam dentro de cada tribo. Se você matasse alguém de fora, problema do morto. Era como se um morador de Ipanema tivesse carta branca para quebrar narizes no Leblon. Não tinha como dar certo.

Tanto não tinha que o único caminho viável foi a formação de “megatribos”. Vários clãs foram se unindo, via casamentos arranjados, que providenciavam laços de sangue. Depois de algumas décadas, vinha o resultado: uma megatribo, que acabava subjugando as menores: podiam quebrar narizes à vontade. Sem medo de punição.

Em Meca, a megatribo era a dos Quraysh. Eles controlavam o comércio e as finanças da cidade. Os peregrinos da Caaba, por exemplo, eram uma fonte de renda garantida para os mecenos: propiciavam feiras e mercados vibrantes em volta do santuário. Mas, se você quisesse fazer parte da festa, abrindo uma barraquinha numa dessas feiras e mercados, não tinha jeito: teria que pagar impostos gordos para os líderes dos Quraysh.

Isso concentrava a renda. Então, se você precisasse de um cascalho para abrir sua barraquinha, teria que pedir emprestado para os Quraysh mesmo. E eles cobravam juros extorsivos. Não porque fossem perversos, ou burros (juro alto demais = inadimplência = mau negócio para o credor). Eles cobravam juro de agiota porque, quanto mais calotes rolassem, melhor. Explico. É que a garantia mais comum da época para

casos de calote era particularmente interessante para o credor: pessoas. Você pedia um empréstimo e deixava um filho como garantia, ou você mesmo. Se você não pagasse, o credor ganhava um escravo. Num tempo sem máquinas, em que o trabalho braçal valia bem mais do que hoje, ganhar escravos valia mais a pena do que receber os empréstimos de volta. E, se a garantia fosse uma esposa ou uma filha, melhor ainda: ela acabaria engrossando o harém do credor.

Foi nesse cenário que Maomé cresceu. Mas não só nesse. É que o tio Abu Talib, além de Xeique e bem relacionado com os Quraysh, era um exportador, dono de caravanas de camelos que transportavam alimentos, especiarias e objetos preciosos deserto adentro. Ainda criança, Maomé começou a participar dessas viagens. E foi ótimo: o menino conheceu comunidades cristãs e judaicas bem mais a fundo do que se tivesse passado a vida em Meca. O fato de ele ter se inteirado bem sobre as duas religiões monoteístas ajudou lá na frente, quando ele criaria a terceira. Mas isso talvez nunca tivesse acontecido se Maomé não cruzasse o caminho de uma certa mulher, 15 anos mais velha que ele. A mulher que dominaria seu coração. E salvaria sua mente.



O HOMEM

Maomé estava com 25 anos e sem grandes expectativas. Ainda não tinha um negócio próprio. Dependia da boa vontade do tio para ter casa e emprego. Pelo menos ele já tinha feito uma bela reputação na arte que Henry Ford um dia chamaria de “comprar como se fosse lixo, vender como se fosse ouro”. Era um baita negociante. E logo a fama do rapaz lhe renderia frutos.

Nessa época, ele teve a sorte de ser contratado por alguém bem mais rico que seu tio. Alguém poderoso, respeitado e que, contra todas as normas sociais da época, cometia o disparate de não ser homem: Khadija. Num tempo em que mulher era propriedade, e nem podia herdar bens se o marido morresse, Khadija era uma mulher emancipada. Uma *self-made woman* de 40 anos, dona de caravanas extremamente lucrativas, e que, mesmo não sendo mais nenhuma menininha, estava entre as mulheres mais cobiçadas da cidade. Bom, Khadija agora precisava de alguém para chefiar uma caravana para a Síria, mil quilômetros ao norte de Meca. Ela tinha ouvido falar muito bem de Maomé, então convidou o rapaz. Foi uma aposta vencedora: Maomé voltou da Síria com o dobro dos lucros que ela esperava. Aí foi paixão à segunda vista: ela ficou tão encantada que pediu o rapaz em casamento. Consta que ele não pensou duas vezes.

Jesus, no Alcorão, é retratado como um dos profetas que precederam Maomé. Mas trata-se de um homem comum, sem caráter divino. Maria, sua mãe, aparece mais no livro sagrado do islamismo do que nos Evangelhos. É vista como um exemplo máximo de virtude.



“Os anjos disseram: Maria, Deus te escolheu e te purificou. Ele escolheu você entre todas as mulheres do seu tempo.”

ALCORÃO - SURATA 3, VERSÍCULO 42

Agora Maomé estava por cima da carne-seca. Ao assumir o controle das caravanas de Khadija, finalmente conseguiu ter seu próprio (e grande) negócio. Virou um comerciante reverenciado até pela elite. Nessa época, seu melhor amigo passou a ser o próspero Abu Bakr, um Quraysh também dono de caravanas. E Maomé ganhou a honra de recolocar a Pedra Negra na Caaba, depois de uma reforma que os líderes da cidade tinham feito no santuário.

Mas ele não se sentia confortável com a situação. Se por um lado ele lucrava com o sistema de Meca, já que tinha se tornado um comerciante próspero, por outro, ele simplesmente não engolia a ditadura Quraysh. Os textos islâmicos sobre a vida do Profeta, que começaram a ser escritos enquanto ele estava vivo, reiteram que Maomé não suportava ver tanta gente se tornando escrava por não conseguir pagar dívidas. Ele também achava absurda a ideia de a elite de Meca ser imune à lei da retribuição. Mas não protestava. E ainda tinha um comportamento contraditório: apesar de fazer doações frequentes aos mais pobres e ser contra o escravagismo, tinha seu próprio escravo, Zayd.

Alem das doações, outra coisa que ele fazia para aplacar a consciência era sair para meditar sozinho nas montanhas em volta da cidade. E foi num desses retiros, quando já tinha 40 anos, que Maomé teve a maior de todas as experiências, segundo a liturgia islâmica.

Ele sentou numa caverna para meditar, quando ouviu uma voz, que lhe surgiu na cabeça. Uma voz autoritária, que dizia:

- Recita!
- Recitar o quê?, perguntou.
- Recita!!

Então Maomé recitou, mesmo sem saber o que iria recitar. Entrou numa espécie de transe e sentiu as palavras fluírem:

“Recita, em nome do seu Senhor que criou/ Criou a humanidade a partir de um coágulo de sangue/ Recita, que seu Senhor é generoso/ Aquele que ensinou pela escrita/ Ensinou à humanidade o que ela não sabia”.

Não era um texto duro e seco, como está aqui. Em árabe, são versos gostosos de ouvir, feitos para cantar, já que têm uma métrica sofisticada e rimam. Os dois primeiros, por exemplo, fecham com palavras terminadas em “laq” (pronuncia-se “láco”). Os três últimos, com palavras que acabam em “am”. Poesia, em suma. Ao estilo dos kahins.

Essa foi a primeira das várias recitações que Maomé faria nos 23 anos seguintes. E que dariam origem ao *Alcorão* (literalmente, “A Recitação”). Mas, segundo a tradição islâmica, não foi fácil para ele. Maomé ficou atordoado com a experiência de ver os versos saírem pela sua boca sem que ele soubesse o que estava acontecendo. Ele suava, tremia.

E saiu da caverna direto para casa. Só relaxou depois de ser ninado nos braços da mulher. “Khadija...”, ele suspirou, mais calmo. “Acho que fiquei louco.” Hoje, 1,6 bilhão de pessoas discorda dessa afirmação. Mas naquele dia, bastava Khadija.

Ela confortou o marido. Depois, para que Maomé entendesse melhor o que tinha acontecido com ele na caverna, decidiu levá-lo a um especialista, digamos assim. Era Waraqa, um primo cristão de Khadija, versado nas escrituras judaicas e nos Evangelhos. E o diagnóstico foi imediato: aquelas eram palavras de Deus, Waraqa disse. O Criador estava se manifestando pela boca de Maomé. Ele era seu Mensageiro. Seu Profeta. E as mensagens tinham um intuito: deixar claro para o povo árabe que só existia um Deus. O Deus: Allah. Todas as outras divindades seriam ilusórias.

Dali em diante, Maomé passaria a pregar o monoteísmo vorazmente. Ia até a Caaba e discursava para os politeístas. Além de vociferar que os deuses deles não existiam, deixava claro que ele próprio era uma parte da história entre Deus e os homens. Allah, ele dizia, contou com vários profetas: Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi, Jesus. E agora tinha mais um, ali, diante deles: Maomé.

Na prática, a religião que Maomé criava naquele momento era um reflexo do próprio caldo cultural de Meca: tinha um pouco de cristianismo, muito judaísmo e um belo tempero árabe, com a poesia que remetia à cultura ancestral dos kahin. Só que Maomé tinha muito mais do que poesia para entregar. Foi aí que começaram os seus problemas. E sua ascensão.

O PROFETA

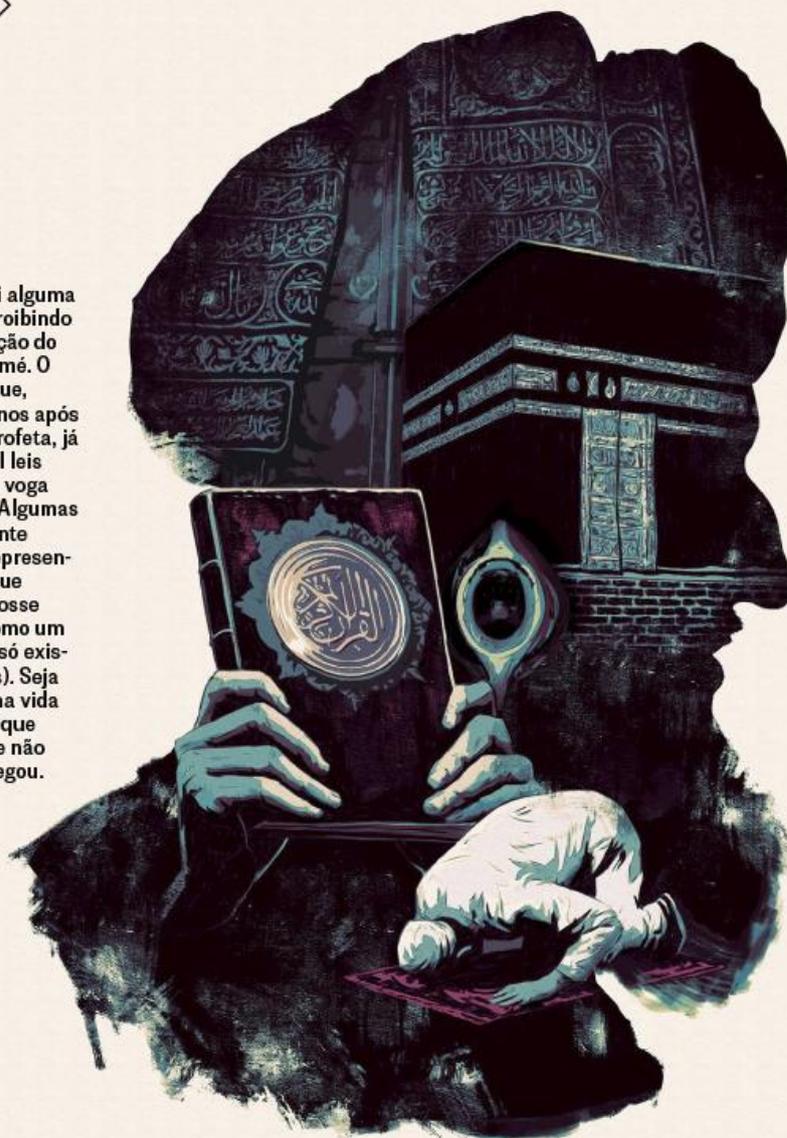
O Maomé resignado, que tentava aplacar a consciência fazendo caridade e isolando-se nas montanhas, estava morto. Agora nascia outro homem: o Profeta vivo, que peitava os Quraysh sem medo, descendo a lenha na cobrança de juros e, heresia máxima, pedindo a libertação dos escravos. Começou libertando o seu, diga-se.

Mesmo com esse discurso, Maomé angariou seguidores entre os homens ricos de Meca. Provavelmente pela beleza das recitações, muitos realmente o viam como um novo Abraão, um novo Moisés. A começar por seu amigo Abu Bakr, o comerciante Quraish. Seu primeiro ato como seguidor de Maomé, inclusive, foi gastar uma fortuna comprando escravos de seus colegas comerciantes para libertá-los.

Some tudo isso ao fato de que a própria mensagem monoteísta de Maomé também tinha um potencial destrutivo: se aquele homem continuasse convencendo gente na Caaba de que os deuses ali dentro eram de mentira, os



Não existe lei alguma no Alcorão proibindo a representação do rosto de Maomé. O problema é que, meros 200 anos após a morte do Profeta, já havia 700 mil leis islâmicas em voga pelo mundo. Algumas delas realmente proibiam a representação, para que Maomé não fosse idolatrado como um deus (já que só existiria um Deus). Seja no Islã, seja na vida laica, tem lei que pega e lei que não pega. Essa pegou.



“Chame a humanidade para a Peregrinação [à Meca]. Eles virão a você a pé, montados em camelos, de todo lugar, por longínquo que seja. Que eles se purifiquem, cumpram seus votos e circungirem a Antiga Casa [a Caaba].”

ALCORÃO - SURATA 22, VERSÍCULO 42

peregrinos que se convencessem poderiam não voltar mais. Péssimo negócio para os Quraysh, que controlavam o comércio em torno do santuário. Pois é. Tinha chegado a hora de tomar uma providência contra o recitador.

Mas não seria fácil, porque o número de seguidores dele só crescia. No começo, eram só Abu Bakr, Zayd, seu escravo alforriado, Khadija, claro, e o menino Ali, de 13 anos – um primo de Maomé. Mas agora era diferente. Ele somava centenas de fiés. Além disso, seu tio Abu Talib era próximo demais dos Quraysh. Isso ajudava a manter as espadas deles longe do pescoço de Maomé. Mas não por muito tempo.

Quando Maomé tinha 50 anos, no ano de 620, Abu Talib morreu, deixando o caminho mais livre para os Quraysh. E pior ainda: Khadija também faleceu, aos 65. Sem suas duas maiores referências na vida, e ciente de que o pior se avizinhava, Maomé começou a tecer um plano para deixar Meca, mas sem largar seus seguidores. Líderes de outra cidade, Medina*, tinham convidado Maomé para servir como haran, julgando uma disputa interna entre os clãs locais. O Profeta, então, orientou seus seguidores a se mudar para Medina, 300 quilômetros ao norte, sem alarde, para não chamar a atenção. Mas logo que os Quraysh perceberam o movimento decidiram agir. O temor agora era que Maomé estivesse formando um exército.

Foi aí que, em setembro de 622, decidiram matá-lo, lançando mão daqueles soldados “fortes e bem-nascidos”. Mas os cães de aluguel dos Quraysh tiveram uma surpresa. Quando arrombaram a casa do Profeta, quem estava na cama era seu primo Ali. Maomé tinha acabado de fugir para Medina, junto com Abu Bakr. Ali, poupado, logo mais se juntaria aos dois.

Esse dia da fuga se tornou tão importante para o islamismo que o ano de 622 ficaria marcado para sempre. Tornaria-se o ano 1 da nova religião. O ano 1 d.H. (depois da Hégira, “Fuga”, em árabe). E isso não aconteceria simplesmente porque o Profeta escapou da morte. Mas porque foi em Medina que Maomé fez sua maior obra: criou sua própria civilização.

Maomé agora era xeique. Longe de Meca, seus seguidores formavam uma tribo de fato: a *Ummah* (“comunidade”). Uma tribo que não era unida por laços de sangue, mas por uma ideologia. Ideologia que Maomé logo tiraria do mundo das ideias.

Uma de suas primeiras medidas no campo das coisas práticas foi baixar a Selic. Ou quase isso. O Profeta achava que os juros extorsivos estavam no cerne dos problemas de Meca, certo? Então ele criou um BNDES em Medina: os membros da *Ummah* concediam

* A cidade ainda se chamava Yathrib nessa época. Foi rebatizada como Medina no início do século 7 pelo próprio Maomé.

empréstimo a juro zero para outros “afiliados”.

Outro problema que ele via em Meca era o monopólio dos Quraysh no comércio. Medina também tinha uma tribo que dominava o comércio, a Banu Qaynuca, de origem judaica. Ninguém podia vender nada em Medina sem pagar uma taxa a eles.

Maomé acabou com isso. Não na pancada, mas criando uma feira concorrente, que não cobrava taxa nenhuma. Nisso, ele quebrou o monopólio e forçou uma baixada nos preços. Capitalismo de raiz. De raiz mesmo: a Ummah abastecia seus mercados emboscando caravanas nos arredores de Meca.

Os saques também alimentavam outra novidade: um Bolsa Família. Todo membro da Ummah deveria pagar um imposto de acordo com suas posses, o *zakat*. E o dinheiro ia para seguidores mais pobres, que nem tinham como pagar imposto nenhum. *Zakat* significa “purificação”. Ou seja, o imposto tinha um sentido religioso: os mais ricos “purificavam-se” ao doar sistematicamente uma porcentagem dos seus ganhos. Mas vale lembrar: a religião era tão intrincada com todo o resto da vida social que nem havia uma palavra para “religião”.

E ainda houve as reformas jurídicas. A lei principal continuava sendo o olho por olho, mas Maomé introduziu uma mudança fundamental ali. “A retribuição por uma injúria é uma injúria igual”, diz o *Alcorão*, refletindo as leis tribais da Arábia. Mas tinha um complemento interessante ali: “Aqueles que esquecerem a injúria e buscarem uma reconciliação serão recompensados por Deus” (42:40). Além disso, a lei deixava claro que, dentro da igualdade da Ummah, não existiam fiéis “mais iguais”, como acontecia com a elite de Meca. Um bandido poderoso, portanto, deveria ter o mesmo tratamento de um ladrão pé-de-chinelo, pelo menos no papel.

Outra mudança importante foi no campo dos direitos das mulheres. Maomé tinha se tornado polígamo em Medina. Como qualquer xeique da época, tinha várias esposas e concubinas. Mas era natural que, como viúvo de uma mulher poderosa, ele também entendesse que mulheres não eram camelos. Então ele concedeu um direito importantíssimo às mulheres da Ummah: elas poderiam herdar propriedades, pela primeira vez na história das Arábias. Ele também proibiu que maridos se apropriassem dos dotes de casamento, pagos pelo pai da noiva no ato do casório. O dinheiro deveria ser mantido como uma poupança exclusiva da mulher, funcionando como um seguro em caso de divórcio.

Em suma: se Maomé ressuscitasse hoje, deveria ser chamado para dar palestras de gestão pública. Seu pacote de reformas deu tão certo que vários habitantes de Medina entraram para a Ummah. Até porque era fácil:



Os judeus viveram enclausurados entre superpotências. O cristianismo virou a religião de Roma com o Império em decadência. O Islã não: surgiu como nação e como religião ao mesmo tempo e foi bem-sucedido ao expandir suas fronteiras (como todas as nações tentavam fazer). Suas fronteiras estendiam-se da Espanha à Índia, e serviram de lar para a ciência de ponta, enquanto a Europa se afundava nas trevas das Idade Média.



“Ó, Profeta, combata aqueles que negam a verdade e os hipócritas e seja implacável com eles. O inferno será sua morada.”

ALCORÃO – SURATA 9, VERSÍCULO 42

bastava aceitar que só havia um deus e que Maomé era seu profeta, estar disposto a pagar o zakat e pronto: você se tornava membro da tribo do Profeta. Tribo que, conforme foi ganhando mais membros, começou a ser conhecida por outro nome: Islã (“subordinar-se a Deus”). E seus membros passariam a ser chamados de “muçulmanos” (“aqueles que se renderam a Deus”). Mas quem não tinha se rendido a nada eram os Quraysh, lá em Meca. Eles não tinham esquecido a ameaça que Maomé representava. Ainda queriam matá-lo de todo jeito.

A primeira batalha entre os Quraysh e a Ummah aconteceu dois anos depois da Hégira, em 624. Foi num daqueles roubos de caravana. O pessoal de Meca soube, via espiões infiltrados em Medina, que os muçulmanos iriam saquear uma caravana específica, que vinha da Palestina. Então colocaram um exército de mil homens para protegê-la. Maomé chegou com 300. Deveria ser o seu fim. Não foi. Talvez por excesso de confiança dos Quraysh, talvez por muito mais excesso de confiança dos muçulmanos, o fato é que Maomé venceu. Dali para a frente, seguiram-se anos de batalhas.

Entre uma luta e outra, Maomé continuava tendo seus transe e recitando o futuro Alcorão. Os versos mais belicosos do livro sagrado são justamente dessa época. O mais conhecido é a surata (capítulo) 9, versículo 5: “Matem os idólatras, onde quer que eles estejam; capturem, acosem, embosquem”. O contexto real deste texto é o da guerra contra os Quraysh, que infiltravam espiões em Medina. “Idólatra” (ou “politeísta”, ou “infel”, dependendo da tradução) não é qualquer um que não seja muçulmano. A palavra está ali para representar um inimigo específico, e de um conflito que aconteceu há quase 1.500 anos.

E isso não significa que o Islã tenha mais apreço pela violência que outras religiões. Algumas partes do Antigo Testamento parecem ter sido escritas por Quentin Tarantino, dada a torrente de sangue. E o próprio Cristo, que aconselhava dar a outra face em caso de agressão, chegou a dizer: “Não pensem que vim trazer paz ao mundo. Não vim trazer paz, mas a espada” (Mateus, 10,34). E isso não significa que o cristianismo pregue a violência. No caso do Islã, vale o mesmo raciocínio.

De qualquer forma, Maomé foi mais feliz que seus predecessores bíblicos quando empunhou sua espada: ele passou por cima dos adversários. Em 629, com os Quraysh cansados de guerra e o Islã mais forte do que nunca, o Profeta reuniu um exército de 10 mil homens e marchou para Meca. Acabou conquistando a cidade sagrada sem nem derramar sangue, já que o inimigo se rendeu na hora. Pronto. Com Meca sob seu controle, Maomé agora era o homem mais poderoso da Arábia. Um destino que parecia distante do menino que nasceu sem pai e perdeu a mãe tão cedo.

Seu primeiro ato foi libertar todos os escravos de Meca. O segundo, despejar os deuses da Caaba, destruindo as imagens deles e consagrando o santuário a Allah – a Pedra Negra ficou, para a alegria de quem gosta de meteoritos. Maomé também poupou as estátuas de Jesus e da Virgem Maria, os únicos personagens do *Alcorão* representados por imagens dentro da Caaba. Mas Maomé não se aproveitou do poder. Não corou-se “rei de Meca” nem nada. Voltou para Medina, que tinha se tornado sua cidade de fato, e morreu em paz, aos 62 anos, deixando 12 viúvas, 3 filhos, 4 filhas e uma nova nação.

EPÍLOGO

Abu Bakr assumiu a liderança do Islã aos 58 anos, tornando-se o primeiro Califa (“sucessor”, em árabe). O jovem Ali, que ainda tinha 30, era o favorito de uma parte dos seguidores. E ainda é. A sucessão criou uma dissidência pró-Ali hoje conhecida como “xiita”, que forma uma minoria de 10% dentro do Islã. Os descendentes dos que apoiaram Abu Bakr são a maioria “sunita”, que segue a suna, a “tradição”, iniciada naquela época.

Os sucessores do Profeta não pararam em Meca. Continuaram a expansão da Ummah e, 50 anos depois da morte de Maomé, seus domínios estendiam-se até o Irã. Mais 50 anos e o norte de África e um pedaço da Índia já era deles. Outros 50, e eles já dominavam a Espanha – uma terra tão distante que, quando era meio-dia nessa ponta ocidental do império, o Sol já estava se pondo nos domínios mais orientais. Mas esse não foi só um dos maiores impérios do mundo. Foi um dos mais criativos também: enquanto a Europa se afundava na escuridão da Idade Média, o Islã construiu sua própria “Europa” alguns graus de latitude mais abaixo. Um continente unificado por uma nova religião, e que deixou como maior legado a ciência: boa parte da matemática que conhecemos hoje veio de gênios que nasceram sob a religião de Maomé. Uma religião humanitária, que, ao propor uma sociedade menos desigual e mais aberta ao diálogo, encarnou muito do que a humanidade tem de melhor. Que meia dúzia de psicopatas não acabem com esse legado.

PARA SABER MAIS

**No God But God – The Origins, Evolution,
and Future of Islam**

Reza Aslam, Random House, 2011

The Oxford History of Islam

John L. Esposito, Oxford University Press, 1999

Fonte: Superinteressante, fevereiro de 2015